



ISSN impresso 1982-4122

ISSN digital 2594-5386

Academia Sergipana de Letras

Aracaju/Sergipe Nº 39 2011

REVISTA DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS



Sede da Academia Sergiavana de Letras: pintura em óleo sobre tela (2009), do artista plástico Aduino Machado. Dimensões: 40 cm X 50 cm.



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado do Governo

Benedito Figueiredo



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Administrativo-Financeiro

Marcos Antonio Moura Sales

Diretor Industrial

Milton Alves



Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

*Antônio Amaral Cavalcante
Cristiano de Jesus Ferronato
Ezio Christian Déda Araújo
Irineu Silva Fontes
João Augusto Gama da Silva
Jorge Carvalho do Nascimento
José Anselmo de Oliveira
Ricardo Oliveira Lacerda de Melo*

CONSELHO EDITORIAL

Maria Lúgia Madureira Pina
Estácio Bahia Guimarães
Luiz Fernando Ribeiro Soutelo
Luzia Maria da Costa Nascimento
José Gilton Pinto Garcia

REVISÃO

Tania Maria Conceição Meneses Silva

ORGANIZAÇÃO E EDITORAÇÃO

Claudefranklin Monteiro Santos
Cícero Guimarães Neto

CAPA: Marcos Nascimento
PINTURA DA CAPA: Adauto Machado

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

José Anderson Nascimento
Luzia Maria da Costa Nascimento

IMPRESSÃO

SEGRASE - Serviços Gráficos de Sergipe

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS.

A168r

Revista da Academia Sergipana de Letras, n. 39/2011.
-Aracaju: EDISE, 2018.

ISSN impresso: 1982-4122

ISSN digital: 2594-5386

Publicação Semestral

1. Literatura Sergipana-Publicação Periódica 2. Discursos-
Crônicas
3. Cultura Sergipana
I – Título

CDU: 821.134.3(813.7)(051)

APRESENTAÇÃO

Entregamos, ao público leitor, mais um número da Revista da Academia Sergipana de Letras, desta feita a de número 39, seguindo ao formato tradicional, que foi adotado desde 1931, por ocasião de sua primeira edição. A Revista contém os quadros dos acadêmicos atuais, acadêmicos correspondentes, presidentes do Sodalício e o dos integrantes do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, órgão de apoio às atividades acadêmicas.

Neste número, publicamos o discurso de posse do Acadêmico Domingos Pascoal de Melo, na cadeira nº 17 e o Discurso de sua recepção, pronunciado pelo acadêmico Estácio Bahia Guimarães.

Na metodologia adotada pelos organizadores da revista, apresentamos as seguintes crônicas: *O problema do discurso contrário à razão*, em que o Acadêmico Marcos Almeida, reflete sobre princípios filosóficos, discutindo religiosidade, antirracionalismo, entre outras ideologias. Para fundamentar a sua escrita, Marcos Almeida, debruça-se sobre ensaios de Adorno e Horkheimer, Max Weber, Nietzsche, entre outros. Em *A história do sapato*, a Acadêmica Luzia Maria da Costa Nascimento, mostra a trajetória dos calçados desde os tempos imemoriais. No seu artigo, as sandálias franciscanas têm lugar de destaque. A sua pesquisa mostra a diversidade de forma dos sapatos, principalmente aqueles usados pelas mulheres, como sapatos de bicos finos e alongados, largos, arredondados ou quadrados.

O palhaço Xixarrão é a crônica do Acadêmico Domingos Pascoal de Melo, onde o cronista recorre às suas reminiscências do interior do Ceará. O refrão “Hoje tem espetáculo? Tem sim, sinhô. E o palhaço o que é? É ladrão de mulher...”, reporta-se a uma época que já não mais existe, com o circo, chegando na praça da cidadezinha e alvoroçando a criançada. Outro ensaio filosófico é trazido pela Acadêmica Gizelda Moraes, com o título *Paixão segundo Van Gogh*. A articulista, diante do autorretrato de Van Gogh faz experiências com os temas românticos e psíquicos como o desejo, a decepção, o ciúme e o desespero. O ato final é a paixão, colimando, com a detonação de um revólver, fustigando a interpretação do leitor. Nesse bloco de crônicas, tem-se a crônica de Maria Lígia Madureira Pina, intitulada *Abre-se uma lacuna na ASL*, em que apresenta o necrológi da Acadêmica Maria Thetis Nunes, uma das personalidades mais representativas da cultura sergipana da atualidade. Maria Lígia discorre sobre a obra de Maria Thetis Nunes, centrada na História da Educação em Sergipe. O Acadêmico Jacome Góis da Silva, por sua vez, escreve a crônica *Renovando a consciência*, em que reúne excertos e pensamentos extraídos dos seus livros, com abordagens de espiritualidade e de autoajuda, temas nos quais ele é especialista, sempre procurando harmonizar as emoções, para alcançar o amor e

a solidariedade entre as pessoas.

Temos, também, as contribuições do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, iniciando-se com o ensaio de José Sergival da Silva, em cujo texto o autor passeia com o leitor pela história da *Música nordestina, brasileira*. *Virar estrela*, de autoria de Antônio Carlos (Du Aracaju) e *Contragolpe poético*, de Gustavo Aragão, são contribuições de importância no contexto da poesia sergipana. *Surgimento da literatura infantil na história da humanidade*, de autoria Josefina Cardoso Braz; *Doenças ou saúde?* de João Freire Amado e *Infância de outrora*, de Marta Hora, compõem um conjunto de ensaios representativos das pesquisas realizadas. *A presença e a influência francesa em Sergipe*, de autoria do professor Arionaldo Moura, é um trabalho de pesquisa bibliográfica, em que o autor aborda com proficiência aspectos da invasão francesa em terras sergipanas. Adota cuidadosa periodização, para situar o leitor nas diversas fases desse ciclo da história do Brasil.

Na construção da revista, mantivemos a seção dos poemas iniciando com *Cemiterial*, de Hunald de Alencar; *Um sonho*, de Luzia Maria Nascimento; *Interrogações*, de Gizelda Santana Moraes; *Aqui estou*, de José Lima Santana; *O pranto inconsolável*, de João Oliva Alves; *E viva os números!* e *Bio diversidade*, de Maria Ligia Madureira Pina; *Bomba de nêutrons*, de Carmelita Pinto Fontes; *É noite* e *A verdade do jardim*, de Ives Gandra da Silva Martins.

No remate, apresentamos a iconografia, com várias fotos de sessões acadêmicas e a parte institucional, com a publicação do Estatuto e do Regimento da Academia Sergipana de Letras.

A Revista da Academia Sergipana de Letras continua, assim, como um repositório da nossa literatura em todos os gêneros.

Desejamos uma boa leitura.

JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO
PRESIDENTE

SUMÁRIO

QUADRO ACADÊMICO.....	13
ACADÊMICOS.....	15
ACADÊMICOS CORRESPONDENTES.....	21
PRESIDENTES DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS.....	23
MOVIMENTO CULTURAL ANTÔNIO GARCIA FILHO.....	25

DISCURSOS

1. Discurso do Acadêmico Domingos Pascoal de Melo na cadeira nº 17 da ASL.....29
2. Discurso de recepção do Acadêmico Domingos Pascoal de Melo na Cadeira nº17 proferido pelo acadêmico Estácio Bahia Guimarães.....39

CRÔNICAS

1. O Problema do discurso contrário à razão – Marcos Almeida.....49
2. A História do Sapato – Luzia Maria Nascimento....53
3. O Palhaço Xixarrão – Domingos Pascoal de Melo...63
4. Paixão Segundo Van Gogh – Gizelda Moraes.....69
5. Abre-se Uma Lacuna na ASL – Maria Lígia Madureira Pina.....
.....71
6. Renovando a Consciência – Jacome Góis da
Silva.....75

CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO CULTURAL ANTÔNIO GARCIA FILHO

1. A Música nordestina, brasileira – José Sergival da
Silva.....79
2. Virar Estrela – Antônio Carlos (Du Aracaju).....87
3. Contragolpe poético – Gustavo Aragão.....89
4. Surgimento da literatura infantil na história da humanidade –
Josefina Cardoso Braz.....91
5. A presença e a influência francesa em Sergipe – Arionaldo
Moura.....101
6. A flor poética – Gustavo Aragão.....119
7. Doenças ou saúde? – João Freire Amado.....121
8. A Infância de Outrora – Martha Hora.....125

POEMAS

1.	Cemiterial – Hunald de Alencar.....	129
2.	Um sonho – Luzia Maria Nascimento.....	131
3.	Interrogações – Gizelda Santana Moraes.....	133
4.	Aqui estou – José Lima Santana.....	135
5.	O pranto inconsolável – João Oliva Alves.....	137
6.	E viva os números! – Maria Ligia Madureira Pina.....	139
7.	Bomba de nêutrons – Carmelita Pinto Fontes.....	141
8.	É noite – Ives Gandra da Silva Martins.....	155
9.	Bio diversidade – Maria Lígia Madureira Pina.....	147
10.	A verdade do jardim - Ives Gandra da Silva Martins.....	149

ICONOGRAFIA.....	151
------------------	-----

DIRETORIA.....	163
----------------	-----

QUADRO ACADÊMICO



Posse de Vladimir Souza Carvalho na cadeira nº 25 da Academia Sergipana de Letras.

José Carvalho de Souza, José Anderson Nascimento, Vladimir Souza Carvalho, Maria Lígia Madureira Pina, Jácome Góis da Silva, Luzia Maria da Costa Nascimento, Marlene Alves Calumbý, João Oliva Alves, Luiz Eduardo Oliveira Costa, Jorge Carvalho do Nascimento.

ACADÊMICOS

CADEIRA 01

Patrono: Tobias Barreto de Menezes
Fundador: Antônio Garcia Rosa
Antecessor: Antônio Garcia Filho
Sucessor: José Lima Santana

CADEIRA 02

Patrono: Sílvio Vasconcelos da S. Ramos Romero
Fundador: José de Magalhães Carneiro
Antecessor: Felte Bezerra
Sucessor: Eduardo Antônio Conde Garcia

CADEIRA 03

Patrono: Fausto de Aguiar Cardoso
Fundador: Cléomenes Campos de Oliveira
Sucessor: José Santo Souza

CADEIRA 04

Patrono: Francisco Leite de Bittencourt Sampaio
Fundador: José Augusto da Rocha Lima
Antecessor: Emmanuel Franco
Sucessor: Marcos Antônio Almeida Santos

CADEIRA 05

Patrono: Ivo do Prado Montes Pires de França
Fundador: Antônio dos Santos Cabral
Antecessor: José Silvério Leite Fontes
Sucessora: Luzia Maria da Costa Nascimento

CADEIRA 06

Patrono: Gumersindo de Araújo Bessa
Fundador: Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria
Sucessor: José Amado Nascimento

CADEIRA 07

Patrono: Manuel Curvelo de Mendonça
Fundador: Ranulfo Hora Prata
Antecessor: Luiz Pereira de Melo
Sucessor: Clara Leite de Rezende

CADEIRA 08

Patrono: Felisbelo Firmo de Oliveira Freire
Fundador: Manoel Campos de Oliveira
Antecessor: Luiz Magalhães
Sucessor: Clodoaldo de Alencar Filho

CADEIRA 09

Patrono: Maximino de Araújo Maciel
Fundador: Rubens de Figueiredo Martins
Sucessor: José Abud

CADEIRA 10

Patrono: Eliziário Prudêncio da Lapa Pinto
Fundador: Artur Gentil Fortes
Antecessor: Severino Pessoa Uchoa
Sucessor: Hunald Fontes de Alencar

CADEIRA 11

Patrono: Francisco Antônio de Carvalho Lima Junior
Fundador: Luiz José da Costa Filho
Antecessor: José da Silva Ribeiro Filho
Sucessor: Wagner da Silva Ribeiro

CADEIRA 12

Patrono: Severiano Maurício Cardoso
Fundador: Carlos Camélio Costa
Antecessores: Renato Maze Lucas; José Maria Rodrigues Santos;
Acelino Pedro Guimarães
Sucessor: Aglaé D'Ávila Fontes

CADEIRA 13

Patrono: Frei José de Santa Cecília
Fundador: Clodomir de Souza e Silva
Antecessores: João Freire Ribeiro; Urbano Lima de Oliveira Neto
Sucessora: Gizelda Santana de Moraes

CADEIRA 14

Patrono: Horácio Pereira Hora
Fundador: Manuel José de Santos Melo
Antecessor: João Evangelista Cajueiro
Sucessor: Luiz Eduardo Oliveira Costa.

CADEIRA 15

Patrono: Manoel Armindo Cordeiro Guaraná
Fundador: Helvécio Ferreira de Andrade
Antecessor: João Batista Perez Garcia Moreno
Sucessor: Francisco Guimarães Rollemberg

CADEIRA 16

Patrono: Pedro Luziense de Calazans Bittencourt
Fundador: Hermes F. Bartolomeu M. Araújo Fontes
Antecessores: Exuperio de Santana Monteiro; Abelardo Romero
Dantas; Ofenísia Soares Freire
Sucessora: Ana Maria do Nascimento Fonseca Medina

CADEIRA 17

Patrono: Ascendino Ângelo dos Reis
Fundador: Manoel dos Passos de Oliveira Teles
Antecessor: Mário de Araújo Cabral
Sucessor: Domingos Pascoal de Melo

CADEIRA 18

Patrono: Vigário José Gonçalves Barroso
Fundador: Dom Mário de Miranda Vilas-Boas
Sucessor: Dom Luciano José Cabral Duarte

CADEIRA 19

Patrono: José Antônio Pereira Barreto
Fundador: João Pires Wynne
Antecessor: José Bonifácio Fortes Neto
Sucessor: Jácome Gões da Silva

CADEIRA 20

Patrono: José Luiz Coelho e Campos
Fundador: Alfeu Rosas Martins
Antecessor: Jorge de Oliveira Neto
Sucessor: José Anderson Nascimento

CADEIRA 21

Patrono: Francisco Antônio Vieira Caldas Junior
Fundador: Joaquim Maurício Cardoso
Antecessor: Eunaldo Costa; Bemvindo Sales de Campos Neto.
Sucessor: José Anselmo de Oliveira

CADEIRA 22

Patrono: Martinho Cezar da Silveira Garcez
Fundador: João Passos Cabral
Antecessor: José Augusto Garcez
Sucessor: João Alves Filho

CADEIRA 23

Patrono: Ciro Franklin de Azevedo
Fundador: Joaquim Prado Sampaio Leite
Antecessores: Francisco Leite Neto; Gonçalo Rolemberg Leite;
Sucessor: Luiz Antônio Barreto

CADEIRA 24

Patrono: Pedro Ribeiro Moreira
Fundador: Júlio Ferreira de Albuquerque
Antecessores: Josué Tabira da Silva; Dom José Brandão de Castro
Sucessor: João Oliva Alves

CADEIRA 25

Patrono: Antônio Dias de Barros
Fundador: Antônio Manuel de Carvalho Neto
Antecessor: Manoel Cabral Machado
Sucessor: Vladimir Souza Carvalho

CADEIRA 26

Patrono: Antônio Fernandes da Silveira
Fundador: Florentino Teles de Menezes
Antecessor: José Sebrão de Carvalho Sobrinho
Sucessor: Luiz Carlos Fontes de Alencar

CADEIRA 27

Patrono: Manoel Luiz Azevedo de Araújo
Fundador: Benedito da Silva Cardoso
Sucessora: Maria Lígia Madureira Pina

CADEIRA 28

Patrono: Sallustiano Orlando de Araújo Costa
Fundador: Gervásio de Carvalho Prata
Sucessor: Artur Oscar de Oliveira Déda

CADEIRA 29

Patrono: Jackson de Figueiredo Martins
Fundador: Abelardo Maurício Cardoso
Antecessor: Luiz Rabelo Leite
Sucessor: Estácio Bahia Guimarães

CADEIRA 30

Patrono: José Jorge de Siqueira Filho
Fundador: Enoch Matusalém Santiago
Antecessor: José Olino de Oliveira Lima
Sucessor: Luiz Fernando Ribeiro Soutelo

CADEIRA 31

Patrono: José Maria Gomes de Souza
Fundador: José Esteves da Silveira
Antecessores: Filadelfo Jônatas de Oliveira; Walter Cardoso
Sucessor: Marcelo da Silva Ribeiro

CADEIRA 32

Patrono: Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro
Fundador: Edison de Oliveira Ribeiro,
Antecessor: João de Seixas Dória

CADEIRA 33

Patrono: Manoel Joaquim de Oliveira Campos
Fundador: Humberto Olegário Dantas
Antecessor: João Fernandes de Brito
Sucessor: Carlos Augusto Ayres de Freitas Britto

CADEIRA 34

Patrono: Manuel Ladislau Aranha Dantas
Fundador: Olegário Ananias da Costa e Silva
Antecessores: Clodoaldo de Alencar; Núbia Nascimento Marques
Sucessor: Jorge Carvalho do Nascimento

CADEIRA 35

Patrono: José Lourenço de Magalhães
Fundador: Augusto César Leite
Antecessor: João Gilvan Rocha
Sucessor: Marlene Alves Calumby

CADEIRA 36

Patrono: Brício Maurício de Azevedo Cardoso
Fundador: Hunald Santaflor Cardoso
Antecessor: Acrísio Torres de Araújo

CADEIRA 37

Patrono: Joaquim José de Oliveira
Fundador: Pedro Sotero Machado
Antecessor: Luiz Garcia
Sucessor: José Gilton Pinto Garcia

CADEIRA 38

Patrono: Guilherme Pereira Rabelo
Fundador: Marcos Ferreira de Jesus
Sucessor: Carmelita Pinto Fontes

CADEIRA 39

Patrono: Joaquim Martins Fontes da Silva
Fundador: Zózimo Lima
Antecessores: Orlando Dantas; Maria Thétis Nunes
Sucessor: Antônio Amaral Cavalcante

CADEIRA 40

Patrono: Baltazar de Araújo Góis
Fundador: Epifânio da Fonseca Dória e Menezes
Antecessor: Ariosvaldo Figueiredo Santos
Sucessor: Marcos Melo

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES

Cadeira 01

Atual: Aluysio Mendonça Sampaio - São Paulo/SP

Cadeira : 02

Atual: Arivaldo Silveira Fontes - Rio de Janeiro/RJ

Cadeira : 03

Atual: Jose Esteves Pereira - Lisboa – Portugal

Cadeira : 04

Atual: Manoel Correia de Andrade - Recife/PE

Cadeira : 05

Atual: Marta Biagi - Buenos Aires – Argentina

Cadeira : 07

Atual: Bráulio do Nascimento - Paraíba/PB

Cadeira : 13

Atual: José Octávio Arruda de Melo - João Pessoa/PB

Cadeira :15

Atual: Ives Gandra da Silva Martins - São Paulo/SP

Cadeira : 17

Atual: Sílvia Bahia Guimarães - Salvador/BA

Cadeira : 18

Atual: Mario Losano - Milão – Itália

Cadeira: 20

Atual: Dojival Vieira - Brasília/DF

PRESIDENTES DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

1°	1929/1931	JOSÉ AUGUSTO DA ROCHA LIMA
2°	1931/1947	MANUEL ANTÔNIO DE C. NETO
3°	1947/1949	JOSÉ DE MAGALHÃES CARNEIRO
4°	1951/1955	MARCOS FERREIRA DE JESUS
5°	1955/1971	JOÃO EVANGELISTA CAJUEIRO
6°	1971/1973	ZÓZIMO LIMA
7°	1974/1977	SEVERINO PESSOA UCHÔA
8°	1977/1979	MANOEL CABRAL MACHADO
9°	1979/1981	URBANO DE OLIVEIRA LIMA NETO
10°	1981/1983	LUIZ ANTÔNIO BARRETO
11°	1983/1999	ANTÔNIO GARCIA FILHO
12°	1999	OFENÍSIA SOARES FREIRE
13°	1999/2011	JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO

MOVIMENTO CULTURAL ANTÔNIO GARCIA FILHO (MAC)

Cadeira: 01

Patrono: Antônio Garcia Filho

Fundador e Ocupante: José Ferreira Lima

Cadeira: 02

Patrono: Marcos Ferreira de Jesus

Fundador: Luzia Maria da Costa Nascimento

Ocupante: Guilherme da Costa Nascimento

Cadeira: 03

Patrono: João Evangelista Cajueiro

Fundador e Ocupante: Arionaldo Moura Santos

Cadeira: 04

Patrono: Felte Bezerra

Fundador: Bemvindo Salles de Campos Neto

Ocupante: Gustavo Aragão Cardoso

Cadeira: 05

Patrono: Severino Pessoa Uchoa

Fundadora e Ocupante: Cléa Maria Brandão

Cadeira: 06

Patrono: José da Silva Ribeiro Filho

Fundador e Ocupante: Roberto Mendonça Maia (Candidato)

Cadeira: 07

Patrono: João Freire Ribeiro

Fundador e Ocupante: José Sergival da Silva

Cadeira: 08

Patrono: João Batista Perez Garcia Moreno

Fundadora: Ocupante: Tânia Maria Conceição Meneses Silva

Cadeira: 09

Patrono: Urbano Lima de Oliveira Neto

Fundador e Ocupante: Leonardo Fontes de Alencar

Cadeira: 10

Patrono: Gilberto Amado

Fundadora: Jandira Amado

Ocupante: Ilmara Cristina Souza Silva

Cadeira: 11

Patrono: José Bonifácio Fortes Neto

Fundador: Domingos Pascoal de Melo

Ocupante: Jandira Dias (candidata)

Cadeira: 12

Patrono: Florentino Teles de Menezes

Fundadora e Ocupante: Ângela Margarida Torres de Araújo

Cadeira: 13

Patrono: Clodoaldo de Alencar

Fundador e Ocupante: Francisco das Chagas Vasconcelos

Cadeira: 14

Patrono: Zózimo Lima

Fundador e Ocupante: Cleiber Vieira Silva

Cadeira: 15

Patrono: João Fernandes de Britto

Fundadora e Ocupante: Martha Hora de Mendonça

Cadeira: 16

Patrono: Ofenísia Soares Freire

Fundador e Ocupante: Antônio Carlos dos Santos (Du Aracaju)

Cadeira: 17

Patrono: Luiz Garcia

Fundadora e Ocupante: Jane Alves Moreira Oliveira Nascimento (Eleita)

Cadeira: 18

Patrono: Luiz Pereira de Melo

Fundador e Ocupante: João Freire Amado

Cadeira: 19

Patrono: Epifânio da Fonseca Dória

Fundadora e Ocupante: Josefina Cardoso Braz

Cadeira: 20

Patrono: Augusto Cesar Leite

Fundador: Marlene Alves Calumby

Antecessor: Marcos Almeida

Ocupante: Lúcio Prado Dias (Candidato)

Cadeira: 21

Patrono: José Augusto Garcez

Cadeira: 22

Patrono: Núbia Marques

Fundadora e Ocupante: Sônia Maria de Azevedo Viana

Cadeira: 23

Patrono: Maria Thetis Nunes

Fundador e Ocupante: Claudefranklin Monteiro Santos

DISCURSOS

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO DOMINGOS PASCOAL DE MELO, NA CADEIRA Nº 17, DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

Sociedade Semear
20/10/2009

Historicamente, a primeira academia de que se tem notícia é a que foi fundada na Grécia antiga. O herói grego Academus fez construir um ginásio em certo bosque situado nos arredores de Atenas. Nesse Ginásio, tempos depois, Platão fundou uma escola de ensino filosófico.

Ali, sob a orientação daquele mestre, muitos alunos, entre eles o grande Aristóteles, praticaram a arte do diálogo, da discussão, da lógica e da dialética como formas de desenvolver o conhecimento de diversos campos do saber como a filosofia, a matemática, a música, a astronomia e a legislação.

Por ser o lugar conhecido como Jardim Academus, a escola de Platão ficou sendo chamada de Academia Platônica.

Desde então, os elementos de um grupo que se reúnem para estudos de temas literários, filosófico se semelhantes, ficaram conhecidos como integrantes de uma academia, ou simplesmente acadêmicos.

O modelo acadêmico brasileiro segue o padrão francês. A Académie Française foi fundada pelo Cardeal de Richelieu em 1635, sob o reinado de Luís XIII de França.

Aquela Academia, por sua vez, teve como molde a “Accademia del Disegno” criada em Florença, em 1562, por Giorgio Vasari.

No Brasil, o Ceará foi o primeiro Estado a criar uma Academia. A Academia Cearense de Letras, fundada no dia 15 de agosto de 1894, três anos, portanto, antes da instalação da Academia Brasileira de Letras, no dia 20 de julho de 1897.

A Academia Sergipana de Letras, por sua vez, foi fundada no dia 1º de junho de 1929.

Seguindo, ainda os moldes da “Académie Française” permanecem, nos Sodalícios brasileiros, com muita significação, alguns protocolos e ritualísticas que sustentam a tradição, enobrecem as Academias pátrias e, por extensão, todos aqueles a quem a vida premia com a ascensão a uma das cadeiras dessas casas de cultura e de saber.

Cá estou, portanto, senhoras e senhores, atraído pelos eflúvios desta história belíssima das academias e dos que delas fizeram e fazem parte.

Atrai-me a Academia por ser guardiã e foro da nossa cultura. Seduzem-me, também, os protocolos e as liturgias remanescentes ainda na “Académie Française”, fundada por Richelieu, e

transformados em pilares que sustentam a tradição secular.

Nessas augustas casas, entre ordenamentos acadêmicos-literários, e literários, capelos, fardões, estolas e rituais, acontecem também as discussões, as investigações, as argumentações e as reflexões das idéias sobre o mundo e o homem, sobre ter e o ser, sobre o sonho e o real. Resgatam-se a memória, a história e a essência na busca dos sentidos registrados de um passado que serve de base para a construção de um futuro.

Estou chegando, Senhor Presidente. Sei que sonhei alto, corri atrás deste sonho, Deus foi generoso. Aqui estou. Aqui estou talvez cometendo a maior ousadia da minha vida.

Propondo-me a preencher o impreenchível, substituir o insubstituível, ler um mundo diferente e, para mim, quase ininteligível; posto que a Cadeira 17 desta Augusta Casa acomodou em seu espaldar, desde 1929, três grandes luminares da expressão literária, humana e cultural de Sergipe.

Tem como patrono o médico, professor catedrático e militar ASCENDINO ÂNGELO DOS REIS.

O Professor Ascendino nasceu em 20 de abril de 1852, em Divina Pastora/SE. Filho de João Francisco dos Reis e Dona Rosa Florinda do Amor Divino, colou grau de doutor em medicina pela Faculdade da Bahia em 1874, defendendo a tese “Diagnóstico diferencial das moléstias do coração”. Foi nomeado 2º Tenente do Corpo de Saúde do Exército, em 1875; sendo designado para a guarnição de Sergipe, onde permaneceu por dez anos, até 1885.

Depois, ocupou os cargos de lente de inglês e história, no Atheneu Sergipense, diretor do Parthenon Sergipense, professor de história na Escola Normal e médico gratuito no Asilo Nossa Senhora da Pureza.

Em 1886 foi transferido para São Paulo, onde se bacharelou em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 25 de novembro de 1889.

Reformado como Major em 1899, continua como professor por mais oito anos, até 1907.

Logo após a fundação da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 05 de fevereiro de 1914, é nomeado lente catedrático de Farmacologia e Matéria Médica, onde ficou até 16 de setembro de 1926.

A Cadeira 17 deste Sodalício teve como fundador o eminente juiz, professor, poeta, ficcionista, romancista e contista, MANUEL DOS PASSOS OLIVEIRA TELES:

Nasceu o ilustre literato na vizinha e próspera cidade de Nossa Senhora do Socorro, no dia 29 de agosto de 1859. Eram seus pais o sacerdote Antônio Muniz Teles e Dona Maria Luzia de Oliveira Pita.

Com 11 anos de idade, mudou-se para Aracaju onde, como aluno, frequentou até 1877 o Atheneu Sergipense.

Em 1880, alça voo para o Rio de Janeiro, onde estudou no Seminário e na Escola Politécnica. Porém, a sua estada na Cidade Maravilhosa foi muito curta, pois logo abandona tudo e vai morar no Recife onde cursou Ciências Jurídicas, e bacharelou-se em Direito, no dia 05 de novembro de 1885.

Ainda acadêmico de Direito, foi nomeado promotor público, por curtos períodos, para as cidades de Mossoró, no Rio Grande do Norte e Itabaiana, em Sergipe, onde ficou até 1886.

Exerceu o cargo de Administrador da Mesa de Rendas Federais de São Cristóvão e professor da disciplina de língua grega, no Atheneu Sergipense, por nomeação ocorrida no dia 04 de julho de 1898.

Foi também diretor de Instrução Pública e professor da Escola Normal, no período de 1898 a 1905, exonerado por ter assumido o cargo de Magistrado na cidade de Estância, dali removido em 1906, para a Comarca de Aracaju, onde, nomeado em 1913, Juiz de Direito da 1ª Vara da Capital, nela ficou até a sua aposentação.

Em 1923, foi por Graccho Cardoso, então presidente da província, encarregado de organizar as obras completas de Tobias Barreto, publicando, em 1924, “MISSÃO TOBIÁTICA AO RECIFE”. Foi colaborador de vários jornais, entre eles:

“O MICROSCÓPIO” de Recife, 1882;
 “O ESTADO DE SERGIPE”, 1900 A 1910;
 “BELO SEXO”, 1882,
 “O PORVIR”, 1886;
 “LARANJEIRENSE”, 1887;
 “GAZETA DE SERGIPE”, 1891 a 1892;
 “FOLHA DE SERGIPE”, 1894 a 1898; e
 “A.B.C.” do Rio de Janeiro, 1923.

Jackson da Silva Lima, insigne historiador deste Estado, no livro “História da Literatura Sergipana”, assim fala sobre a obra de MANUEL DOS PASSOS OLIVEIRA TELES.

“Por volta de 1877, iniciou-se no trato com as musas, adotando os esquemas esclerosados do ultrarromantismo, subjetivista e piegas.

Veza por outra, tenta o modelo condoreiro abastardado, então em voga na província. Na década de 90, em trabalho a que deu o nome de Cristofaneida, adere à forma parnasiana do soneto e passa a literatizar os usos e costumes tradicionais, dentro da linha sertanista de Severino Cardoso.

Alguns títulos servem para ilustrar essa tendência: As ilhas, A Vingança do Rio e o Vale do Medo – poetização de lendas sergipanas; A doença – quebranto e reza; A Surra do Coqueiro – recurso para haver frutificação; Madrinha de Apresentar – estratégia para livrar alguém dos encantos da Caipora.

No campo da teatrologia, a sua experiência se restringe ao drama em verso – A Conquista de Sergipe, iniciada em 1900 e concluída em 1903, mas que só veio a ser publicada em livro mais de meio século depois, em 1961.

Nos cinco atos em que se desenrola a ação épico-dramática, sempre está presente a visão do conquistador e do elemento branco; o índio, praticamente inexistente: é apenas um eco distante, sem a menor importância histórica.

Em Contos e Novelas Sergipenses (1911 e 1912), reuniu de próprio punho, todo o seu repertório ficcional, cuja maioria havia sido divulgada em jornais de Aracaju.

MANOEL DOS PASSOS DE OLIVEIRA TELES faleceu no dia 15 de maio de 1935.

Senhoras e Senhores acadêmicos, um povo, uma nação só vive porque pensa. A força e a riqueza não bastam para provar que uma nação vive a vida que merece ser glorificada pela História, sem a criação, sem as idéias, sem o pensar. Só o pensamento, a criação, a literatura e as artes dão grandeza aos povos, atraem para eles universal reverência. É o pensamento a maior riqueza de um povo.

Por isso, senhoras e senhores, bendita seja esta Academia Sergipana de Letras, porque abrigou e abriga mulheres e homens que guardam em si o pensamento, tesouros de verdades, belezas, ideias e sensibilidades que nos garantem suplementos de existência e suprime o nosso déficit de beleza, nesta busca incessante do melhor, do mais perfeito.

É nesta busca que me encontro no dia-a-dia. E a suprema honra de hoje assomar a esta Casa do Saber, em que pese o assustador desafio de suceder ao eminente e brilhante jornalista, ficcionista, crítico literário e poeta MÁRIO DE ARAÚJO CABRAL, é um momento de profunda reflexão, pois inútil seria, decerto, nestas laudas fragmentais, procurar a suma do alto e livre pensar desse ilustre sergipano, do seu saber tão fundo e tão certo, de sua independência, de sua livre elasticidade de espírito e intensa sinceridade.

Nos tempos incertos e amargos de hoje, um sergipano dessa estirpe não pode ficar longe, na mudez de um mármore, no silêncio incômodo do tempo. Temos que revelá-lo à memória de todos como o grande criador de civilização e cultura.

Mário Cabral era o primogênito do ilustrado casal Antônio Cabral e Maria de Araújo Cabral. Os mais novos, pela ordem cronológica: Marco Antônio, Muciano, Mabel, Margarida e Antônio Carlos Filho.

Meu antecessor casou com sua primeira namorada, Sylla. Quando se conheceram, ele tinha treze e ela dez anos. Do relacionamento nasceram três filhos: Malba, Selma e Mário Cabral Filho.

Fez o curso primário no Colégio Antônio Vieira, em Salvador e o secundário no Atheneu Sergipense, formando-se em

Direito em 1937, na Faculdade de Direito da Bahia.

Foi promotor público da comarca de Itabaianinha, advogado, procurador e prefeito desta capital, em 1952, além de diretor da Revista de Aracaju e do Sergipe Jornal.

Em 1955, passou definitivamente a viver em Salvador, onde foi diretor do Teatro Castro Alves, redator-chefe do Diário da Bahia, consultor jurídico e procurador daquele Estado. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, das Associações baiana e brasileira de escritores e do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de Sergipe. No seu memorialismo, Mário Cabral ilustra a galeria do gênero, ao lado de Gilberto Amado, Antônio Carlos Villaça, Ulisses Lins e Augusto Meyer.

Não escreveu Mário Cabral apenas livros de lembranças, mas, sobretudo, de impressões e reflexões. Seu memorialismo encerra um significado que ultrapassa, em poderes de transfiguração do episódico, os limites da vivência real. Ele extrai dos homens, das coisas e dos fatos uma imagem que reúne poesia e realidade.

Em “Espelho do Tempo”, no texto intitulado “sobre os meus pais” presta um tributo de amor, saudade e respeito a seus pais, de forma comovente e exemplar:

“Meu pai foi o meu amigo de todas as horas, chamava-se Antônio Cabral. Mantinha comigo longas palestras vivas e inteligentes. Trocávamos idéias. Discutíamos temas. Falávamos de assuntos políticos e sociais, como, também, de assuntos literários e artísticos: Charles Chaplin no cinema, Abraão Lincoln na política, Eça de Queirós na literatura, Mozart e Beethoven na música”.

“Minha mãe, Maria de Araújo Cabral, passou pela vida sem deixar estória. Órfã de pai e mãe, morava na cidade de Aracaju, em casa alheia. Baiana de nascimento. Um irmão, Fernando, ficara na Cidade do Salvador com um armazém no Largo da Saúde. Outro, Arlindo, fugira de casa e dele jamais se ouviu falar nem se teve notícias. Minha Mãe casou-se aos 15 anos. Sozinha, sem ajuda da família, sem apoio e sem proteção, criou os filhos, educou-os, assistiu-os nas longas vigílias noturnas, quando a febre os rondava, faminta, como se fora a mensageira da morte. Mas nunca fraquejou. Era franzina, esbelta, de um moreno pálido e de longos cabelos negros. Minha mãe era uma mulher bonita...”.

Ainda em “Espelho do Tempo”, em “Auto-retrato”, ele estabelece sua dupla cidadania: “Sou filho da Cidade de Aracaju. Meu Pai sergipano. Minha Mãe baiana. Minha esposa, baiana. Meus filhos, sergipanos. Vivi metade de minha vida em Sergipe e metade na Bahia. Tenho tanto amor à velha Bahia como ao pequeno Sergipe. Assim sendo, já não sei distinguir, na minha vida, as suas coordenadas geográficas e sentimentais, isto é, onde para mim começa a Bahia e termina Sergipe ou onde começa Sergipe e termina a Bahia.”

Aracaju, sua casa-berço, mereceu dele as mais calorosas exaltações, tendo, inclusive, dedicado com muito carinho, dois dos seus melhores trabalhos: Roteiro de Aracaju e, “Aracaju bye bye.” Nesses livros ele registrou com tintas muito fortes o seu amor por esta cidade.

O presidente desta Academia, Dr. José Anderson Nascimento, no seu livro “PERFIS ACADÊMICOS” que em breve será lançado, assim se manifesta sobre a forma como Mário Cabral fala desta Cidade no Livro “Roteiro de Aracaju:” “...Roteiro de Aracaju é provavelmente a bandeira literária de Mário Cabral. Nessa obra, o cronista apaixonado pela terra onde nasceu, faz um convite ao leitor para compartilhar esse mesmo bem-querer”. O convite tem luz e cor de quadro de Portinari.”

E, citando trecho daquela obra:

“Mal o sol desponta, toma conta da cidade, de maneira completa e absoluta, como se se tratasse de uma mulher amada. O sol enche de cintilações a copa do coqueiral, desliza sobre a água do rio, joga um manto de luz sobre a onda do mar, envolve num amplexo luminoso as casas e as igrejas, as ruas e as praças, os morros e as praias”.

E nas crônicas: “A luz, O céu, O Nome, A fundação, ele traça uma lírica história de Aracaju:”

“O céu da minha cidade, querida, é o céu mais lindo do mundo.”

“Mário Cabral é o fotógrafo da cidade amada onde nasceu e vai com seus flagrantes compondo uma paisagem inesquecível das praias, das areias, dos morros, da planície, dos rios, das ruas, da vegetação, e enfim, do homem com suas vivências prazerosas, sofridas ou intrigantes”.

“Manuel Quebra Santo” tem uma história interessante. Nasceu no município de Estância, onde se batizou. Chamava-se, na verdade, Francisco de Jesus. Não era um patriota, pois, durante a guerra do Paraguai, fugiu ao recrutamento militar. Casou-se, em São Cristóvão, com Almerinda, natural de Mangue Seco. Era marítimo. E a mulher, não se conformando em esperá-lo, abandona-o.

Não se deixou abater por esse golpe. Foi ser pescador e, como ficara sem Almerinda, arranjou, para começo de conversa, uma outra mulher, já sem a formalidade do casamento. Passou a ser partidário da poligamia, vivendo, ao mesmo tempo, com três mulheres. Desse modo, aos setenta anos de idade, na Atalaia Velha, contava com 66 filhos. Eis parte da relação: da ingrata Almerinda 3, de Agripina 1 e de Lindaura 11. Dos outros filhos ele não sabia, ao certo, a procedência. Mas que tinha 66 filhos, lá tinha mesmo, com toda certeza”.

Escreveu o cronista sobre os tipos populares: “Cabo Lino”, um engraxate; Zé Cavalo, ex-combatente da Guerra do Paraguai e até o ainda lembrado, “Tou te Ajeitando”.

Importa enfatizar que o lembrado acadêmico não se esqueceu das “fontes pobres e tristes”, dos transportes elétricos; do cinema; do

teatro e do rádio; do velho cabaré Vaticano; dos velórios; do primeiro automóvel de Aracaju, em 1913, um Ford; das revoluções; dos hotéis e restaurantes; dos bairros; dos jornais e das revistas, além de tantos outros aspectos político-econômicos da cultura sergipana.

Na Poesia de Cabral, a palavra poética e a palavra religiosa se confundem. Nela ele cria, pela imagem, mitos, exorcismos, hinos, ritos. Evoca, nas imagens surreais, o evangelista-poeta do Apocalipse.

Ali Mário Cabral exprime uma realidade que nos estarrece. Sobre os poemas que compõem o Juízo Final. Ele diz:

“Juízo Final é uma coroa de sonetos. Os versos não apresentam um maior trabalho de arquitetura literária: são versos simples, em busca tão-somente da captação da idéia essencial. O tema é forte, estranho, apocalíptico, em uma sucessão de quadros e de visões por vezes desconexas...”.

“...No fundo, encerra um tema de ordem pacifista, sem cuja vitória integral e absoluta o mundo resvalará para o caminho inevitável da autodestruição...”.

São imagens fortes criadas pelo gênio cabralino e também citadas no livro “Perfis Acadêmicos” do Dr. José Anderson Nascimento.

*Era uma visão sem par dos continentes
Pelo abraço dos mares irmanados
O bafio sujo dos vulcões ardentes
Crestava a messe dos viventes prados*

E a descrição aterradora prossegue noutro soneto:

*As árvores, legendárias,
Através dos caminhos,
Eram monjas rezando com fervor,*

*Enquanto o tredo espírito das furnas
Punha de pé as maldições noturnas
Cobrindo o céu de luto e de terror.*

*Sombras passavam, fúnebres, curvadas
Rumo à chama letal de luz sulfúrea...
Bocas em maldição, alucinadas,
Sorviam lama da mais torpe injúria...*

*“Eu vi as negras nuvens açoitadas
Cobrindo o céu de luto e de terror.
Fácies de abutres, lívidas, pasmadas,
À luz vermelha de sanguínea cor.”*

No conjunto de sua lapidar “COROA DE SONETO”, sofremos o pasmo de uma humanidade que marcha, porém conduzindo o seu

próprio fêretro.

*“E vi a humanidade, já perdida,
Destruindo, ela própria a própria vida,
No instante amargo da explosão final”*

E como são doces aos ouvidos as aliterações do soneto “Tempestade”...

*“Paira, presa no ar, procelosa porfia.
E lenta e lassa e leve a loura luz solar
Se espraia em sensações de essência singular,
e é quimera, clarão, cálida cor sombria.*

*Vibra e avulta, violenta, uivando a ventania.
Morre o meio marasmo. Imenso emaranhar.
Nuvens negras navegam o navio da anarquia,
Desgarradas, descendo, em doido desfilar.*

*Tenebroso trovão a terra toda atroa.
Rola, ruge, regouga, em hórrido rugido
E se vai, já perpassa e lá longe reboa.*

*E a chuva chove enchendo charcos e baixios.
E o rumoroso rio em rouquenho arruído
Foge em fartos florões de flocos fugidios...”*

Reafirmo, senhor presidente, senhoras e senhores acadêmicos, que não sou um homem de letras, mas um amante das letras, da literatura como interpretação mais profunda da alma dos homens, da essência dos fatos e da vida. É através dela que viajamos, sem riscos de tragédias, até o topo do mundo, de onde contemplamos o espetáculo da vida, envolta nas nuvens do mito.

Senhores acadêmicos, não me julguem pretensioso por querer adentrar este augusto templo onde se cultua a palavra, pois me postarei genuflexo, e farei de minha permanência aqui uma profissão de fé neste instrumento de poder supremo, com que Cristo ressuscitou Lázaro, com que Hitler eletrizou a Alemanha, na fúria enlouquecida do seu delírio; com que Mahatma Gandhi libertou uma nação sem disparar um único tiro; com que Antônio Conselheiro resistiu em Canudos à prepotência republicana.

Desejo, pois, que o meu aprendizado aqui me possibilite cultivar a palavra em todas as dimensões e em todas as suas funções:

— Na sua função LÚDICO-POÉTICA, para criar coisas novas e desnecessárias, num ato gratuito gerador de alegria.

— Na sua função EMOTIVA, para manifestar sentimentos, delinear metas, desenhar projetos, esquadriñar desejos e definir sensibilidades.

— Na sua função APELATIVO-PROGRAMÁTICA, para marcar os meus compromissos políticos e sociais e mensurar minha caminhada na participação e comunhão com meu povo.

— Na sua função COMUNICATIVO-HUMANIZADORA, para que, como um pássaro que emigra de minha voz, possa anunciar a verdade do que sou e do que pretendo ser.

Senhoras e Senhores, ao entrar nesta casa, não pensem que entro só; entram comigo lembranças e pessoas que me fazem para sempre devedor por me abrigarem no seu território de afeto e de amor: meus companheiros do Movimento de Apoio Cultural Antonio Garcia Filho, meus companheiros de Trabalho, do Tribunal Regional do Trabalho, meus queridos amigos advogados, meus pares do Tribunal de Ética e Disciplina da OAB, secção Sergipe, meus conterrâneos da CACESE, meus irmãos da Infonet, da Revista Perfil e da Info Grafics.

Agradeço a Deus, a quem sempre recorri nos momentos de angústias e dúvidas, por permitir a este seu ingênuo servo este momento de tanta glória. Grato aos meus pais, na pessoa de minha querida mãe, aqui presente, representando tudo o que fui e o que sou, dona Lídia Ximenes Melo. A ela agradeço por ter sido a minha maior e melhor professora nas lições da vida, do amor e do respeito; a meu querido pai, Sebastião Ximenes Melo, em memória, por tudo; mormente por me ter ensinado a verdadeira ética: a ética socrática. Ensinou-me, sem sequer ter escutado falar de Sócrates. Mas, por intuição, imprimiu em mim o respeito à regra, à lei, ao outro e a Deus: qualidade que procuro portar por onde quer que eu vá, só me arrependendo quando a esqueço ou a negligencio.

Agradeço a Ana Maria, irmã querida, que aqui representa todos os outros irmãos que por motivos outros não puderam comparecer a esta solenidade de tanta significação para mim e para a minha família.

Agradeço a um anjo que existe na minha vida a minha querida e muitíssima amada esposa Maria das Graças Monteiro Melo. Meu porto seguro de amor e de afeto.

A minha filha querida, Ana Rita, por todas as lições que me ensinou na árdua função de ser pai. Meus nobres acadêmicos, chego à ilustre companhia dos senhores, com a certeza de que a vida foi generosa para comigo, deu-me mais do que lhe pedi e mereci. Pobre de bens materiais, trago no meu surrão de sertanejo bens incontáveis de outra ordem: esposa e filha que são a alegria diária e o incentivo maior do meu trabalho; amigos perfeitos na amizade; muitas mãos estendidas e corações fraternais. E se houvesse merecido, poderia ter trazido mais bagagem, para compatibilizar-me com a riqueza de talentos que encontro nesta casa.

Agradeço-lhes a gentil acolhida. E tenho consciência de que a vida aqui me põe diante de um novo caminho, largo e luminoso,

mas que também se faz áspero e duro pelos compromissos e responsabilidades. Por isso peço a bênção de Deus e de todos, para que não me falte nunca o ânimo de caminhar.

Obrigado!

DISCURSO DE RECEPÇÃO DO ACADÊMICO DOMINGOS PASCOAL DE MELO, NA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, PROFERIDO PELO ACADÊMICO ESTÁCIO BAHIA GUIMARÃES

ESTÁCIO BAHIA GUIMARÃES – Posse do Escritor Domingos Pascoal de Melo — Discurso de Saudação – Sociedade SEMEAR – 20/10/2009

Enquanto não se desenvolve uma ciência do espírito que produza a fórmula da convivência ideal, alguns estudiosos das relações humanas procuram, através dos seus escritos, conscientizarem os homens, levando-os ao seu crescimento pessoal com reflexos positivos no relacionamento social. Se ainda não podem oferecer um remédio que estanque, em definitivo, os males corrosivos da boa convivência humana, vão procurando amenizar as suas conseqüências, que alcançam a todos indistintamente: ricos e pobres, poderosos e humildes.

O novel acadêmico pertence exatamente a esta categoria dos que se lançam nesta delicada tarefa de ensinar a difícil arte de viver e conviver e a cumpre de maneira convincente: dá exemplos e ensina com exemplos, faz antes de mandar fazer e vive de acordo com seus princípios.

E foi acompanhado dos seus princípios que o escritor, jornalista, conferencista Domingos Pascoal de Melo está chegando, com todos os méritos, à Academia Sergipana de Letras, onde vai ocupar a cadeira de N° 17 que teve como último ocupante o escritor, memorialista e poeta Mario Cabral falecido em 02 de abril de 2009; cuja vida e obra foram tão bem analisadas pelo novo membro deste sodalício, que hoje o recebe de braços abertos.

A estrada percorrida por Domingos Pascoal, armazenando no seu baú de vitórias os troféus conquistados nas pelejas cotidianas, revela uma trajetória rica de experiências, repleta de fatos inusitados, carregada de emoções, cheia de obstáculos que foram superados graças à sua persistência, e determinação em perseguir os seus sonhos que por vezes queriam escorrer das suas mãos e se perder nos labirintos do desânimo. Mas ele logo os reencontrava com as tochas da esperança sempre bem acesas.

O enredo da sua vida é tão surpreendente que se encaixa com perfeição ao roteiro de qualquer novela bem sucedida da rede Globo. Nele estão contidos todos os ingredientes necessários à elaboração de uma obra exitosa. Com um início dramático, o meio recheado de encontros e desencontros, dificuldades e superações, e, por fim, vai aportar num final feliz.

Pascoal é uma verdadeira encarnação do guerreiro que habita a Canção do Tamoio, poema do romântico indianista Gonçalves Dias:

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

E é vibrando o tacape, desferindo golpes violentos contra as adversidades da vida e sem temer os inimigos ocultos nas esquinas traiçoeiras do cotidiano, é que ele avança como um guerreiro tamoio para ir, de batalha em batalha, conquistando os seus ideais.

O confrade acadêmico Marcos Almeida, quando fez o discurso de saudação a Pascoal, por ocasião da sua posse no MAC (Movimento Cultural Antônio Garcia Filho). Comparou a sua realidade da vida a uma ficção e assim se manifestou:

“É-me forçoso reconhecer o enorme desafio de resumir a impressionante trajetória do empossando, que, de tão singular, acreditem-me, beira as raias da ficção. Se quisesse sugerir um lema para este insólito “self-made man”, recorreria ao provérbio latino *faber est suae quisque fortunae* (cada um é o artífice de seu destino).”

O escritor Domingos Pascoal de Melo foi um artífice talentoso no feitio do seu destino, moldando-o, com o cinzel das suas ações, até vê-lo ganhar uma forma definida. Soube orientá-lo por rotas promissoras sempre visando um porto seguro. Não aderiu a letra da musica “deixa a vida me levar, vida leva eu,” não... Pascoal não se entregou passivamente às correntezas da vida, ao contrario procurou enfrentá-las e domá-las, vencendo as turbulências e transformando-as em córregos amenos onde pudesse navegar com segurança, rumo à realização dos seus sonhos.

Terceiro filho de uma família de doze nascidos e apenas seis criados, iniciou sua jornada para a vida, numa casa de taipa, no dia 23 de abril de 1950, anunciando-se com um choro forte, a seus pais Sebastião Ximenes Melo, e Dona Lídia Ximenes de Melo.

E ele mesmo revela nas suas memórias:

“Nasci no Canto do Amastempo, no município de Groaíras, lá nos confins do Ceará, terra que não inspirava baladas, nem canções, mas sofridas elegias, cadenciadas no passo desalentado de sua gente. Moldou-me o barro humilde e pobre do então Riacho dos Guimarães, atualmente, cidade de Groaíras, lugarejo perdido no noroeste do Estado do Ceará. Logo que abri os olhos do entendimento, pude contemplar um dos mapas mais sofridos da geopolítica da fome e da pobreza.”

Ganhou seu primeiro emprego aos oito anos de idade, quando, por ocasião da seca de 1958, trabalhou na frente de serviço aberta

pelo governo federal para a construção da rodovia que liga Groaíras a Sobral. Tinha a função de “melador”. Ele percorria um trecho onde operava uma turma de mais ou menos quarenta pessoas, com uma lata de óleo queimado e um pincel, lubrificando os eixos dos carrinhos de mão que serviam para a remoção do barro.

A partir daí, sua vida foi dividida entre Groaíras e Sobral. Nesta cidade, foram muitas as suas atividades: menino de mandados, bodegueiro, cortador de canarana, lavador de carros, ajudante de caminhão, mecânico, balconista em vários cafês e lanchonetes. Pode-se dizer que Pascoal teve uma maneira adulta de viver a infância. O jogo de futebol, as pipas, as brincadeiras da criançada tudo isso ficava na vontade... Fazia parte, apenas, do seu imaginário pois a realidade da vida não o permitia participar intensamente dessas atividades lúdicas, nem o de realizar seu grande sonho: ter uma bicicleta.

Em 1960, já com dez anos, iniciou seu aprendizado formal matriculando-se, na Escola Parque Pio XII. Ali cursou o primário, que, naquela época era feito em cinco anos, todavia, o seu foi realizado em dois. Mesmo estudando na exigente Escola Paroquial Pio XII conseguiu realizar esta façanha. Esta era uma condição rara, dada àqueles alunos que se destacavam. Devido às condições financeiras da família, Pascoal custeou os seus estudos permutando educação por prestação de serviços, desenvolvendo várias atividades, naquela Instituição de Ensino: foi coroinha, varredor da igreja, tocador de sino, além disso, tomava conta do salão paroquial, mantendo-o sempre limpo e organizado.

Somente no ano de 1967, consegue prosseguir seus estudos matriculando-se no primeiro ano ginasial do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, em Sobral. Entretanto parou por aí.

Ao completar 18 anos, arrumou o seu baú de sonhos, e viajou para o Rio de Janeiro que a época era o destino mais certo da diáspora cearense. Em lá chegando, foi morar de favor com os primos, em um cortiço : e precisou ficar às escondidas, pois ali não permitiam mais de duas pessoas num quarto. Descoberto, foi expulso, em uma fria madrugada, e buscou refúgio na Central do Brasil, chegando a dormir dentro dos trens.

Ali, durante oito anos, cursou a dura e implacável universidade da vida. Passou por todos os tipos de experiências e privações. Quando o desânimo estendia as mãos pesadas para esmagar seus sonhos e arrebatá-lo a esperança, ouvia a voz forte de Gonçalves Dias cantando a Canção do Tamoio zunindo em seus ouvidos:

Não chores, meu filho;
 Não chores, que a vida
 É luta renhida:
 Viver é lutar.
 A vida é combate,
 Que os fracos abate,

Que os fortes, os bravos.
Só pode exaltar

O desânimo amedrontado fugia e os sonhos se revigoravam no espírito do jovem guerreiro ao ver a esperança, vestida com o verde mais vistoso, abrir sorridente a janela para mostrar-lhe um sol criança, oferecendo-lhe um novo dia.

O próprio Pascoal da depoimento, sobre o seu aprendizado naquele período:

Comecei a entender o Brasil em suas categorias polarizadas, um país de sobrados e mocambos, de ricos e pobres, gente de alta linhagem e uma multidão de párias, de sem-vintém, uma boca desconectada que mastiga em excesso para um lado e em escasso para o outro, sem mediano termo entre a abastança e a miséria. E prossegue: Na cidade maravilhosa vivi, trabalhei e aprendi, pois a experiência não obedece a um currículo preestabelecido, ela é autodidata, e eu fui lendo o mundo com seus símbolos arrevesados, incompreendidos, mas fortes de significados e substâncias.

Perambulou por subempregos, sem nenhuma garantia, foi vendedor de livros, bíblias e enciclopédias e estantes desmontáveis.

Conseguiu o primeiro emprego fixo como faxineiro de uma casa de massas italianas, tendo, posteriormente, ascendido ao posto de garçom. Tornou-se, ainda, caixa de uma destacada lanchonete. Em 1971, ingressou como ajudante, na Gazeta de Notícias.

Oito anos no Rio de Janeiro. Passou oito anos distante da sua terra, de seu povo, dos seus costumes. A saudade bateu forte; bateu sem dó, batia e gritava e fazia reboar em seu ouvido as vozes e o sotaque familiar.

Sentia saudades da família; sentia saudades da jovem amada que desde 1968 o aguardava, sentiu saudades do verde esmeralda que vestia o mar da sua terra natal; ouviu o sussurrar distante do vento choramingando nas palmas do coqueiral; sentiu a força do atavismo chamando-o de volta a terra onde nascera, e com os olhos marejados ouvia a voz suave do conterrâneo Escritor Jose de Alencar dedilhando a lira e cantando as belezas do Ceará, no parágrafo inicial do romance Iracema, que pela musicalidade e por revestir-se de imagens densamente líricas, Machado de Assis denominou-o de poema em prosa:

“Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba:

Verdes mares que brilhais como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros:

Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Aonde vai a afoita jangada, que deixa rápida a costa cearense?”

Pascoal lembrava-se, com tristeza, o dia em que partira para

outras plagas carregando nas costas sua mochila de sonhos; via-se como nauta embarcado naquela jangada que rápida deixava as costas cearenses; imaginava nas suas divagações que a mesma jangada ainda o aguardava no porto. Arrastado pela saudade e pelo atavismo, encheu-a de ansiedades e partiu atravessando oceanos imaginários até chegar às águas verdes e alcançar a areia branca da sua terra natal.

Regressou ao Ceará, Em 1975, casou com Maria das Graças Monteiro Melo no dia 2 de setembro de 1976 e foram morar em Fortaleza. Ela, já serventuária da Justiça do Trabalho; e ele, vendedor lojista, e motorista de táxi nas horas vagas. Do matrimônio nasceu sua única filha: Ana Rita Monteiro Melo.

Apesar do intenso trabalho e obrigações familiares, conseguiu ser aprovado no supletivo em 1976, e em janeiro de 1977, submeteu-se a dois vestibulares: para Administração e Filosofia. Passou em ambos mas escolheu este último, pois queria ser professor. Coursou até o 4º ano na Faculdade de Filosofia do Ceará, e realizou o seu sonho de atuar no magistério ensinando, em vários colégios de Fortaleza, História e Organização Social do Brasil.

Faltando apenas um ano para a conclusão do curso, transferiu-se para Direito, na Universidade de Fortaleza e em 1988 recebe o Diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas.

Prosseguem morando em Fortaleza, já com a vida equilibrada. Ele advogado recém formado e a esposa também advogada e servidora da Justiça do Trabalho da 7ª Região.

Mais uma vez as mãos do destino vão atuar no rumo da vida de Pascoal. A sua esposa, Dra. Maria das Graças, acalentava um sonho de ser Magistrada da Justiça do Trabalho. Em 1988, conseguiu aprovação no concurso público realizado pelo TRT da Quinta Região, que abrangia os Estados da Bahia e o de Sergipe recaindo sobre Aracaju a opção para o seu exercício. E assim a família transferiu-se para esta cidade, no ano de 1989 onde fixou residência e aqui permanece até hoje. Em 1992, com a criação da 20ª Região, houve o desmembramento e Sergipe passou a ter o seu próprio Tribunal Regional do Trabalho, e a opção foi a de permanecer em Aracaju onde já vivia há mais de três anos.

Aqui Domingos Pascoal trabalhou como advogado, até ser admitido, por concurso público realizado em 1993, para servidor do Tribunal Regional do Trabalho da Vigésima Região, onde ocupou os cargos de Diretor das Secretarias da 3ª Junta, quando era presidida pelo Dr. Eliseu Pereira do Nascimento e da 1ª Vara, que tinha como titular Dra. Rita de Cássia. Ali trabalhou, durante 11 anos, tendo se aposentado em setembro de 2003..

Cearensidade é uma designação que vem ganhando espaço e uso, notadamente em certos meios culturais. Este termo teria por intento a identificação de conceitos peculiares ao Ceará. Domingos Pascoal preocupado em manter viva a cearensidade em terras

sergipanas, fundou em 07 de novembro de 2003 a CACESE - Casa do Cearense em Sergipe, e foi o seu primeiro presidente.

Ocupa, ainda, o cargo de Vice Presidente e Presidente da 1ª Câmara do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional Sergipe e é Mediador e Árbitro da Câmara de Mediação e Arbitragem Empresarial de Sergipe .

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos, Ilustrada Assembléia, não exagerei quando afirmei, no início desta oração, que o enredo da vida do escritor Domingos Pascoal de Melo cabia no roteiro de qualquer novela bem sucedida, não exagerei o querido confrade Acadêmico Marcos Almeida quando disse no seu discurso que a vida de Pascoal, de tão singular beirava a ficção, e os fatos estão aí para comprovar.

O escritor José de Alencar afirmava em um dos seus pensamentos:

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.”

E assim foi a trajetória de vida de Pascoal uma constante perseguição aos seus objetivos, uma obstinada vontade de realizar seus sonhos; uma extraordinária capacidade de superação e por isso mesmo se ainda não alcançou todos os seus objetivos, realizou coisas admiráveis: deixou a humilde função de melador adormecida na infância e chegou à função de professor; deixou a vassoura de faxineiro pendurada nos pregos da lembrança e chegou a ser jornalista; esqueceu seu avental de garçon no armário do passado e vestiu seu terno de advogado, no presente; trocou o facão amolado para cortar canarana, por uma caneta dourada para redigir textos e petições; deixou de ser caixa de lanchonete para ser diretor de secretaria do TRT. E assim foi deixando na sua caixa de lembranças todas estas peças que quando se juntam montam este quebra cabeça que chamamos nossas vidas.

Como Jornalista, foi o fundador e editor do JORNAL “O CEARÁ”; e Correspondente da “Tribuna do Ceará”, “O Povo” e “Diário do Nordeste”

Atualmente é articulista da REVISTA PERFIL, responsável pela coluna COMPORTAMENTO.

O ano passado lançou, com sucesso, o seu livro EXPERIMENTE MUDAR, que foi bem recebido pela crítica especializada e pelos leitores em geral e tanto isto é verdade que a primeira edição já está esgotada. Pelo título do seu livro: pode-se pensar, erroneamente, em mais um compendio destinado apenas à auto ajuda. Posso afirmar que o trabalho de Pascoal ultrapassa esta classificação: É um trabalho mais versátil, mais eclético, mais profundo. Revela um escritor talentoso e criativo que já adentrou as fronteiras da literatura, abandonando o território da linguagem técnica que, muitas vezes, revela de forma fria, apenas resultados de pesquisas aplicadas, ou um rosário de

cânones teoricamente aceitos no campo do relacionamento humano.

O escritor Domingos Pascoal já está totalmente inserido na vida social e cultural de Sergipe em especial na de Aracaju. A sergipanidade já abafou há muito tempo a cearensidade. Aqui conquistou o seu espaço, aqui conquistou uma legião de amigos e admiradores, entre os quais eu me incluo, aqui vem alcançando os seus ideais mais verdadeiros. E por vê-lo assim tão integrado e tão amante de Sergipe e de Aracaju a sociedade sergipana procurou reconhecer-lhe de direito o que ele já houvera conquistado de fato. Em assim sendo, o escritor Domingos Pascoal de Melo recebeu as seguintes honrarias: Título de Cidadão Aracajuano, outorgado pela Câmara Municipal de Aracaju; Já teve o seu nome aprovado pela Assembléia Legislativa de Sergipe para receber o Título de Cidadão Sergipano.

Hoje, nesta noite, Pascoal está recebendo a maior de todas as honrarias para sua realização pessoal: a de ver reconhecido o seu valor como operário das letras e como homem ligado a cultura sendo eleito para integrar os quadros da Academia Sergipana de Letras.

Escritor Domingos Pascoal de Melo em meu nome e em nome dos meus pares nós lhe felicitamos: seja bem vindo ao Sodalício.

CRÔNICAS

O “problema” do discurso contrário à razão

¹Marcos Almeida*

Não raro, aqui e ali, encontramos quem se arvore, bem ao estilo dos profetas escatológicos, ao papel de “exterminador das virtudes racionais”. Ora, sem o apreço à Razão, ubiquamente decantada em prosa e verso através dos séculos, o que seria do homem moderno? Especulo que estaria, como costume dizer, urrando e batendo tambores.

O atual desencantamento ante a expectativa promissora da razão parece corroborar a mais pungente crítica jamais produzida contra o esclarecimento, quando Adorno e Horkheimer nos idos de 1947 declararam, feito oráculos sibilinos, que “a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”. Mais de seis décadas após o cenário “apocalíptico” previsto pelos emblemáticos pioneiros da Escola de Frankfurt, a “reificação” da cultura não parece dar sinais de arrefecimento. Testemunhamos o aparente fracasso das promessas de uma era de “triumfalismo racionalista” que teria advindo com o Esclarecimento europeu. É patente na contemporaneidade o progressivo distanciamento dos ideais iluministas e o malogro das esperanças “messiânicas” de democratização cultural.

Esqueceu-se, porém, que os supracitados autores da “Dialética do Esclarecimento” inegavelmente reconheceram que sua mordaz argumentação, “crítica da filosofia que é, não quer abrir mão da filosofia”. No entanto, feito vândalos (refiro-me ao povo bárbaro que adquiriu a fama de saquear cidades e meticulosamente queimar tudo, inclusive preciosidades literárias), eis que sucessivas levas de pretensos “antirracionalistas” não se cansam de produzir enfadonhas galimatias. Inclementes ou de maneira subliminar, advogam contra o salutar exercício da atividade intelectual. Pregam “as excelências da mente simplória”. Alicerçam-se em sutis acrobacias sofisticadas com o intuito de combater o “primado da razão”. Manipulam com astúcia até a mensagem cristã, a qual, justiça seja feita, jamais exaltou a torpeza humana (haja vista a doutrina da participação do “logos”, que por sua vez remonta à filosofia pré-socrática de Heráclito). E a turba, sem perceber o dolo, aplaude.

Aliás, seria oportuno propor que, doravante, sejamos mais assertivos com relação a pretensos apologistas da estultícia e recomendemos obrigatória leitura do irônico “Elogio da Loucura” de Erasmo de Roterdã (obra cujo título latino, conforme defendi em ensaio publicado no livro “Velas Pandas”, melhor seria traduzido por “Elogio à Insensatez”), onde o autor se serve de primoroso exercício da

1 * *Ocupante da cadeira nº 40 da ASL*

razão com o ilusório pretexto de elogiar a estupidez humana. De fato, ocorre esse “problema” em todo tipo de refutação ao racionalismo, muitas vezes imperceptível, porém grave o suficiente para torná-lo inválido em quaisquer circunstâncias.

Passemos diretamente a um caso “exemplar” que nos leva ao cerne do “problema”: certa vez, um líder religioso me comentava, com gestos resolutos, que a sabedoria desse mundo não teria o menor valor, e que seria preciso antagonizar os que vivem no afã de obter conhecimento científico, filosófico etc. Baseava-se numa delirante interpretação de excertos do texto paulino (principalmente a Epístola aos Romanos e a I Epístola aos Coríntios), onde Paulo teria: criticado aqueles que “jactando-se de possuir sabedoria, tornaram-se tolos”; ressaltado que “a sabedoria desse mundo é loucura para Deus”; declarado que sua missão seria “anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem”; e afirmado que sua palavra e sua pregação “nada tinham da persuasiva linguagem da sabedoria”, posto que não pretendia ensinar “a sabedoria deste mundo”.

Não percebera, ali, a emblemática presença de estruturas bem conhecidas da oratória, aptas a produzir vivacidade e aumentar o potencial de convencimento. De chofre, perguntei-lhe como fazia para “conduzir suas ovelhas”, sem recorrer a uma preleção arrazoada. Perplexo, ele reconheceu que, inevitavelmente, empregava os mesmos recursos que tanto criticava: toques de retórica e dialética, com o intuito de evitar a monotonia no auditório e fazer prevalecer sua perspectiva, sem o uso de força e com sutileza. “Racional”, portanto.

Max Weber, entre os pensadores com maior ênfase no estudo das religiões, confessou admirar o grau de “fantasia lógica” contido nas epístolas de Paulo, que declarou serem, “pela sua argumentação, tipos supremos da dialética própria do intelectualismo pequenoburgês”. Mas a leitura atenta do manuscrito paulino já deixaria claro o papel primordial de seu discurso, pois a fé, segundo ensinava o apóstolo, provém do ato de ouvir atentamente a pregação.

Exemplos de “antirracionais” altamente racionais – um paradoxo – são incontáveis. Tertuliano, Padre da Igreja no século III, redigiu contundentes discursos contra a filosofia, porém recheados de ótima dialética. E o que dizer de Nietzsche, que, pretendendo louvar no homem o instintivo lado “dionisiaco” e soterrar sua contraparte apolínea, deu-nos belos textos de excelente racionalidade? Assim como Nietzsche chamara o irrequieto Voltaire e tantos outros pensadores de inofensivos “monges”, poder-se-ia talvez comentar o mesmo dos que imaginam a paradisiaca utopia em que a razão seria sufocada, a fim de implantar “não se sabe o quê”. Quanta candura!

Outro aspecto inadmissível do antirracionalismo reside na propalada “glorificação da humildade” em pessoas que dizem pouco ou nada conhecer, mas que na verdade envidam esforços para expressar tal “ignorância” da maneira mais elaborada que sua

capacidade intelectual permite. Mas o sofisma já está contido no bojo do argumento, por dois motivos. O primeiro, é que não se pode negar a razão via discurso, por se tratar de instrumento inevitavelmente racional. O segundo, é que o orgulhar-se de ser humilde torna patente um gesto supremo de vanglória. Sábio, Agostinho havia percebido a armadilha dos silogismos ao tratar da espinhosa questão da vanglória, conforme reportou nas “Confissões”: “frequentemente, e de maneira mais vã, ela <a afeição pelo louvor> se gloria de seu próprio desprezo pela glória vã e, assim, já não se gloria de seu próprio desprezo pela glória. Na verdade, enquanto se gloria, não a despreza”. Incrível, como a surrada “falácia do falso modesto”, chavão abusivo de oradores de má cepa, é ainda na atualidade convincente aos ouvidos do incauto...

Prosseguindo com nossa argumentação, identificamos outro tipo de crítica ao racionalismo, dessa vez de nuance ideológica. Basicamente, reclama-se que, ao se prezar a razão humana como o que de mais altivo existe no Ser, cria-se o substrato elitista para uma “ideologização” do racionalismo, o que levaria por sua vez à banalidade da “indústria cultural” e ao esgotamento de suas capacidades reflexivas. Sem dúvida, essa forma torpe de ideologia do esclarecimento é capaz de decretar sua própria morte, “eliminando com o cautério o último resto de sua autoconsciência”, como disseram Adorno e Horkheimer, os quais, afortunadamente, informaram o remédio eficaz contra tais males: “só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos”. Ou seja, quando os ultrapassados ideais racionalistas do esclarecimento parecem fracassar, a “cura”, novamente, seria alcançada através de um processo mais radical, mais libertador e apto a incitar o surgimento da plena autonomia do pensar. Atentando bem, “regrediríamos” – com o perdão da palavra – aos mais preciosos valores helênicos, à intraduzível “paideia”, à educação liberal, à instrução que conduz ao conhecimento livre das amarras da superstição e do mito.

Convenhamos: se vivemos inexoravelmente no terreno das ideologias, é preferível ficar com uma que dê crédito à razão. Afinal, parece ser impossível ao homem livrar-se de toda e qualquer perspectiva ideológica. O cientista social Slavoj Žižek em “Um Mapa da Ideologia” expôs a falácia de quem imagina poder ficar à margem das ideologias, “num lugar privilegiado, como que isento das perturbações da vida social”. A seu ver, a pretensão de estarmos excluídos do grupo passível de alguma influência ideológica é, per se, “o exemplo mais patente de ideologia”. Assim, de todas as ideologias a que estamos submetidos, a pregação antirracionalista em nada seria capaz de contribuir para a civilização, a não ser transmitir desesperança e insensatez diante da barbárie.

A negação das virtudes racionais no homem representa nada menos que monstruosa quimera, como a que surgiu de Rousseau ao propor o lendário “bon sauvage”, elemento que parece não ter sido

localizado nesse mundo. Por conseguinte, insinuar que não vale a pena o acesso ao saber, recomendar a “virtude da ignorância”, regozijar-se na alienação cultural, manifestar despreço pelo aprendizado, tudo isso é hediondo, perigosamente apazível à sanha totalitarista (seja de políticos, seja de religiosos) e irreal em sua própria essência. O que se vê nos casos dos que praticaram o “downsizing” intelectual mais se assemelha a uma forma de escravidão do que ao doce idílio no paraíso. Seria uma insólita modalidade de “catástrofe malthusiana”: ao invés da regressão ao nível de subsistência física, com animalidade na disputa por víveres, teríamos uma humanidade mentecapta, constituída de marionetes a serviço de alguns líderes.

Aos desvairados arautos da irracionalidade – como se já não fora o bastante, o ininterrupto processo hodierno de estultificação –, sugere-se repensar com devida prudência a mítica ideia de que o homem seria menos angustiado se abandonar-se à ignorância. Citemos Bertrand Russel, filósofo contemporâneo: “o poder da razão é pequeno nestes dias, mas continuo sendo um racionalista não arrependido. A razão pode ser uma força pequena, porém é constante e trabalha sempre em uma direção, enquanto que as forças da irracionalidade destroem-se uma às outras em uma luta fútil. Portanto, cada orgia do irracionalismo acaba por fortalecer os amigos da razão e mostra, mais uma vez, que são os únicos verdadeiros amigos da humanidade”.

Destarte, há uma única maneira de se fazer um correto “discurso” contrário à razão. Simplesmente, permanecer calado.

A HISTÓRIA DO SAPATO

²Luzia Maria da Costa Nascimento*

Os humanos são extremamente jovens se comparados com alguns animais. Por algum motivo desconhecido, a natureza não foi tão generosa com os nossos pés quando comparado com as patas de outros animais, como as macias patas dos gatos e cachorros, ou a resistência dos cascos de cavalos. Assim sendo, o calçado nasce da necessidade de prover proteção aos pés do homem para que estes pudessem se locomover sobre terrenos ásperos e em condições climáticas desfavoráveis. É bastante provável que os calçados pré-históricos eram compostos por folhas de plantas, cascas de árvores, cipós, peles e couros de animais.

Os povos nativos andavam descalços, criando assim uma proteção natural, como se fosse um cascão nos pés, alguns enrolavam os pés com qualquer tipo de couro de animal para uma proteção maior.

Muitos atribuem aos egípcios a arte de curtir couro e fabricar sapatos, porém existem evidências de que os sapatos foram inventados muito antes, no final do período paleolítico, vez que, entre os utensílios de pedra dos homens das cavernas existiam vários que serviam para raspar as peles dos animais e curti-las, podendo indicar que a arte de curtir é muito antiga.

A partir de 10.000 anos a. C., ou seja, no final do período paleolítico, foram encontrados desenhos que fazem referência ao calçado dessa época nas pinturas em cavernas na Espanha e no sul da França.

Nos hipogeus³, nos anos 6 e 7 a.C, também foram descobertas pinturas que representavam os diversos estágios do preparo dos calçados. Nessa época, as sandálias dos egípcios eram feitas de folhas, de cascas ou fibras de palmeiras.

O jovem faraó Tutancamon, que governou o Egito dos 9 aos 19 anos de idade no século 14 a.C., teve a sua tumba descoberta na década de 20, pelo arqueólogo Howard Carter⁴ e sua equipe, e lá foram encontrados sapatos e sandálias de couro simples com enfeites de ouro, assim entenderam, que o faraó usava calçados. Ao que pese, na época, ser comum às pessoas andarem descalças, carregando as

2 * Ocupa a Cadeira nº 05 da ASL.

3 Câmaras subterrâneas usadas para enterros egípcios.

4 Howard Carter (9 de maio de 1874 – 2 de março de 1939) foi um arqueólogo inglês, que ficou muito famoso por descobrir, em 1923, a tumba de Tutancamon, em Luxor, no Egito.

sandálias, usando-as apenas quando necessário.

Os assírios⁵ até o final do primeiro milênio a.C., também andavam descalços, mesmo quando iam à guerra. Quando eles passaram a usar calçados, geralmente usavam sandálias com salto triangular e tiras passando por sobre o pé e ao redor do dedão. De vez em quando calçados mais elaborados eram descritos, como botas longas (usadas por guerreiros e caçadores) ou sapatos que cobriam o pé inteiro.

Na Mesopotâmia⁶, região histórica do Oriente Médio, era comum sapatos de couro amarrados aos pés por tiras do mesmo material de couro cru de animais. Os primeiros sapatos macios foram introduzidos por montanhesees da fronteira que invadiram o vale.

Na Grécia Antiga, os coturnos, também conhecidos como borzequins de solas altíssimas, os quais, chegavam até o meio da perna e se atava pela frente, eram usados sobretudo pelos atores trágicos e que, só vieram a ser difundidos após terem sido copiados pelos romanos, que passaram a usá-los no seu dia-a-dia, chegando a ser símbolo de alta posição social. Os gregos chegaram até a lançar modelos diferentes para pés direito e esquerdo.

As mulheres gregas andavam descalças ou de sandálias pelas ruas; só usando sapatos fechados e confortáveis, em casa. Entretanto, sabe-se que apenas os nobres da época possuíam sandálias que se chamava pédilon.

Os calçados de couro dos legionários romanos às vezes eram munidos de pedaços de ferro na sola para dar maior durabilidade e proteção. As alças desses sapatos e dessas sandálias serviam para passar e amarrar um barbante.

Em Roma, tanto na República (509-27aC), período em que Roma consolidou suas instituições sociais e econômicas, e expandiu seu território, tornando-se uma das maiores civilizações do mundo antigo, como no Império (27aC-476dC), os calçados variavam de acordo com as classes sociais e o sexo do usuário. As mulheres usavam sapatos fechados nas cores branca, vermelha, verde e amarela; os patrícios (nobres romanos) usavam sandálias escarlate com um ornamento em forma de meia lua no contraforte; os senadores, sapatos rasos e marrons; os cônsules, sapatos brancos; e os militares, pesadas botas ferradas com os dedos à mostra.

5 Assíria foi um reino que se formou no alto Tigre, expandindo-se posteriormente. O nome também pode designar a região em que se desenvolveu a civilização assíria.

6 A Mesopotâmia - nome grego que significa "entre rios" (meso - pótamos) - é uma região de interesse histórico e geográfico mundial. Trata-se de um platô de origem vulcânica, localizada no Oriente Médio, delimitada entre os vales dos rios Tigre e Eufrates, ocupada pelo atual território do Iraque e terras próximas.

A SANDÁLIA DE CALÍGULA

O imperador Caio⁷, criado entre os soldados de seu pai, adotou pelo resto da vida uma sandália do exército de nome Calígula⁸ e passou à história com esse nome. A alcunha Calígula foi posta pelos soldados das legiões comandadas pelo pai, que achavam graça vê-lo mascarado de legionário, com pequenas caligae (sandálias militares) nos pés.

Os calçados eram produzidos por sapateiros. O ofício de sapateiro é antiquíssimo, eles sofriam com a discriminação de sua época. O cristianismo fez com que essa situação se revertisse, surgindo assim logo três santos sapateiros: Aniano, sucessor de São Marcos como arcebispo de Alexandria (século I), e os irmãos Crispim e Crispiniano, padeceram o martírio no século terceiro, em Soissons, França. Diz a lenda que, embora de descendência nobre, ganhavam o pão como humildes operários. Durante o dia eram missionários, trabalhavam à noite, na pobre oficina de sapateiros. Deles afirmam os martirólogos⁹ romanos. Em Soissons, os santos mártires, Crispim e Crispiniano, nobres romanos, durante a perseguição de Diocleciano¹⁰, sob o governador Rictiovario, foram degolados, depois de horríveis tormentos, obtendo assim a coroa do martírio. Os corpos foram, em seguida, transportados para Roma e aí receberam uma sepultura honrosa na Igreja de São Lourenço, em Panisperna. São considerados os padroeiros dos sapateiros. No séc. VI foi construída, em Soissons, uma belíssima igreja em honra destes dois gloriosos mártires, cujas relíquias nela se acham depositadas.

Na Idade Média, pobres e camponeses, usavam tamancos, e mesmo os sapatos dos ricos não eram sofisticados. Só mais tarde

7 Caio Júlio César Octaviano Augusto, em Latim Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus (23 de setembro de 63 a.C. - 19 de agosto de 14 d.C.) foi o primeiro Imperador romano.

8 Gaio Cesar Germanico, era filho de Germânico e Agripina, conhecido por Calígula (viveu de 31 de agosto, AD 12 a 24 de janeiro, AD 41), foi o terceiro Imperador romano, reinou entre 37 e 41. Ficou conhecido pela sua natureza extravagante.

9 Martirólogos. Pessoas versadas na história dos mártires.

10 Diocleciano, Caio Aurélio Valério (245-313). Imperador romano de 284 a 305. Em 303, desencadeou violenta perseguição aos cristãos. Abdicou em 305.

começaram a se modificar com fivelas e cadarços. Eduardo I ¹¹ decretou que uma polegada equivaleria a 3 grãos enfileirados e adotou-se esta medida para determinar o número do calçado, que é usada até hoje. Tanto homens como mulheres usavam sapatos de couro abertos que tinham uma forma semelhante à das sapatilhas.

Os homens também usavam botas altas e baixas atadas à frente e ao lado. O material mais corrente era o couro de vaca, mas as botas de qualidade superior eram feitas de couro de cabra.

Nos séculos XIV e até meados do século XV, os sapatos foram se alongando e ficaram muito pontiagudos. Até as armaduras seguiram esse gênero, com sapatos de ferro e bico revirado. Eduardo III¹² (1330 a 1376) decretou então que o bico não poderia exceder a 2 polegadas, mas foi em vão, pois seu sucessor Ricardo II¹³, já usava calçados que atingiam até 18 polegadas de bico. Até o Século V, os etruscos¹⁴ usavam calçados de modelos próprios, amarrados, de cano alto e bico revirado. Mas foram os romanos que primeiro moldaram a sola de gáspea¹⁵, e fizeram também fôrmas diferentes para o pé esquerdo e direito. Foi um grande progresso para a época, mas essas tais fôrmas foram esquecidas e tiveram que ser reinventadas pelos ingleses em 1818.

No final do século XV e início do século XVI, Henrique VIII¹⁶,

11 Eduardo I (17 de junho de 1239 - 7 de julho de 1307), foi Rei da Inglaterra, da dinastia Plantageneta, entre 1272 e 1307. Era filho de Henrique III da Inglaterra, a quem sucedeu em 1272, e de Leonor da Provença. Durante o seu reinado, a Inglaterra conquistou e anexou o País de Gales e adquiriu controle sobre a Escócia.

12 Eduardo III Príncipe de Gales, o Príncipe Negro (1330-1376), casou com Joana de Kent e foi pai de Ricardo II da Inglaterra.

13 Ricardo II (6 de janeiro, 1367 - fevereiro, 1400), foi rei de Inglaterra entre 1377 e 1399. Era filho de Eduardo, Príncipe de Gales e de Joana de Kent e tornou-se herdeiro da coroa e Príncipe de Gales em 1376, depois da morte prematura do pai e de um irmão mais velho. Ricardo sucedeu Eduardo III, mas acabou deposto pelo primo Henrique Bolingbroke, um Lancaster

14 Os etruscos era um aglomerado de povos que viveu na atual Itália, na região a sul do rio Arno e ao norte do Tibre, então denominada Etrúria e mais ou menos equivalente à atual Toscana, com partes no Lácio e na Úmbria. Desconhece-se ao certo quando os etruscos se instalaram aí, mas foi provavelmente entre os anos 1200 e 700 a.C..

15 Gáspea. A parte dianteira do calçado, a qual cobre parcialmente o pé e é cosida à parte superior.

16 Henrique VIII (28 de junho de 1491 - 28 de janeiro de 1547) foi Rei da Inglaterra a partir de 21 de abril (coroado a 24 de junho) de 1509, até à sua morte. Henrique nasceu no Palácio Real em Greenwich, Londres, como segundo filho do Rei Henrique VII e Isabel de York, sendo-lhe concedido o

por possuir os pés largos, inchados e doloridos, se sentia confortável com chinelos e sapatos mais largos e, por decreto, proibiu o uso de sapatos pontiagudos. Por isso, esse novo tipo de calçado acabou se popularizando, e poderia ser usado por qualquer classe social, tendo como uma das principais características a simetria, sem distinção de pé esquerdo ou direito.

Na França do século XVII predominavam as botas e os sapatos tinham salto de tamanho moderado. Foi o Rei de França Luis XIV (1643-1715) que lançou a moda do salto alto. Com apenas 1,60 de altura usava calçados que aumentavam sua estatura para demonstrar poder. Além de ter criado esse estilo de sapatos ele também mandava esculpir em seus saltos algumas miniaturas que representavam batalhas famosas.

O salto era peça exclusiva do vestuário masculino, mas ficou realmente conhecido no reinado seguinte, de Luís XV onde passou a ser utilizado também por mulheres.

Luiz XIV lançou o salto que o neto conservou e tem seu nome, Luís XV, mais enfeitados, com fitas e laçarotes. O salto não só ficou conhecido como levou fama e passou a ser conhecido como um tipo de salto.

Na América do Norte, ao tempo da Colônia, homens e mulheres usavam sapatos pretos de verniz, com fitinhas e pouco salto. No século seguinte as fitas foram substituídas por adornos em ouro e prata, muitas vezes recheadas com pedrarias. Nas regiões montanhosas, usavam sapatos com as extremidades dos dedos dos pés voltados para cima.

Nos países frios o mocassin é o protetor dos pés. É uma espécie de sapato sem salto, já usado pelos peles-vermelhas; a sola sobe pelos lados e ponta do pé, onde se junta a uma peça em U costurada exteriormente.

Até o século XIX, a manufatura dos calçados era toda a mão, com o solado todo preso por pregos. Tanto que os sapateiros dessa época usavam e até hoje usam, um objeto bastante útil para eles, chamado de pé-de-cabra, que é uma alavanca de ferro cuja extremidade é fendida à semelhança de um pé de cabra e serve para colocar pregos na sola dos sapatos. Só com o advento das máquinas de costura americanas, de Walter Hunt, de Elias Howe e de Isaac Merrit Singer, a produção do sapato cresceu e seu custo barateou. Logo surgiram máquinas especializadas, revolucionando assim a indústria de calçados.

Os árabes levaram a alparcata ou alpercata a Portugal. Elas foram muito usadas no Brasil, especialmente, no sertão e os seus maiores consumidores foram os escravos, vaqueiros, tangedores de gado no ciclo da pecuária, sendo desconhecidas nesse tempo, na título Duque de York. Tornou-se Príncipe de Gales e herdeiro do trono após a morte do seu irmão mais velho Artur, em 1502.

região praiana. Sua conservação no sertão nordestino permaneceu por muitos anos, e esse fato foi perfeitamente explicado pelo isolamento existente na região. Foram dois séculos sem estrada e comunicações maiores com as cidades e vilas do litoral. Quando elas sofreram a influência citadina, foram modificadas obrigando-as a uma multidão de correias e fivelas com intenção meramente decorativa.

Assim, as alpercatas viraram sandálias nos países mais quentes, tornando-se popular em todo o mundo, inclusive no estilo havaianas, japonesas, principalmente no Brasil.

A primeira referência conhecida da manufatura do calçado na Inglaterra é de 1642, quando Thomas Pendleton forneceu 4.000 pares de sapatos e 600 pares de botas para o exército. As campanhas militares desta época iniciaram uma demanda substancial por botas e sapatos.

A partir da quarta década do século XX grandes mudanças começaram a acontecer nas indústrias de calçados, como a troca do couro pela borracha e pelos materiais sintéticos, principalmente, nos calçados femininos e infantis.

Os calçados passaram assim a ser um dos prazeres da vida, tanto para as mulheres como para os homens. Foram adotados como peças importantes para compor o look. Os sapatos passaram a ser tão importante para o ser humano, chegando a transcender sua finalidade inicial.

Existem até museus de calçados, com idéia de mostrar alguns que marcaram época e que registraram a trajetória da moda. Um dos destaques são os sapatos utilizados por diversas personalidades do cenário religioso, político, artístico e musical. Divididos por épocas, protótipos de curiosidades, como o primeiro sapato de mola e o utilizado para colheita de arroz.

Os sapatos italianos são considerados os melhores do mundo. Os sapatos podem ser colecionados, usados, admirados e sempre observados. As sandálias e os sapatos femininos são colecionados por muitas estrelas de cinema, que não podem resistir à tentação de ter um guarda-roupa cheio de sapatos italianos, um para cada ocasião especial e eles são como um colírio para os seus olhos. Tesouros muitas vezes enterrados no *closet* femininos, disponíveis apenas aos olhos da dona, abrindo na alma das mulheres uma comporta difícil de ser controlada. Que o confirma a ex-primeira-dama filipina Imelda Marcos (3.000 pares), sua colega de consumo Lily Marinho (confissão presente no livro *Roberto & Lily*), a mitológica Evita Perón (900 pares) e, distante em número, mas não menos impressionante, a empresária Lucília Diniz (300 pares, sendo que o preferido, uma sandália Louis Vuitton, ela quase não usa “para não gastar”), a atriz Cláudia Raia (300 pares), e muitas, muitas outras. Por que tanto encanto? Não sabemos, já que os sapatos sagraram-se como uma das maiores paixões das mulheres e também dos homens, mesmo tendo se tornado muito mais democrática as tendências de moda,

apresentando cada vez mais opções, podendo o consumidor escolher o que melhor combina com a sua personalidade, sem precisar guardá-los por tantos e tantos anos.

Com formas bem diversificadas e com maior riquezas de materiais, encontramos sapatos com bicos finos e alongados, largos, arredondados ou quadrados; com finalizações dos tipos mais variados, irregulares, em triângulo ou voltados para cima; com saltos das mais diferentes alturas e tipos – finos, grossos, arredondados, em forma de carretel, plataformas – sandálias coloridas e fabricados com diferentes matérias-primas, tais como: madeira, pvc transparente, tecidos de fibras naturais, materiais sintéticos, couros, pelicas de cabra, porco, cavalo e peles exóticas como as do peixe, dos pés de galinha, da avestruz; couro de lagartos, cobras e jacarés.

Desde sua criação que um par de sapatos, principalmente de salto alto, cause um belo efeito aos olhos masculinos, embora para os ortopedistas especializados, afirmarem que usar salto alto reduz a participação do calcanhar na sustentação do corpo, sobrecarregando os dedos podendo os pés ficarem calejados e até mesmo apresentar deformidades ósseas, como joanete ou dedos em garra, sem falar nas dores nos pés e das pernas. Porém, como já dizia aquele velho ditado Para “ficar elegante tem que pagar alto preço” Uma pesquisa conduzida na Unicamp há alguns anos atrás, apontaram uma exceção à regra – o salto alto beneficia a circulação, porque algumas mulheres avaliadas que se equilibravam em saltos de sete e 10 centímetros, comprovaram que o uso do salto alto diminui a pressão arterial. Para uma urologista italiana que adora saltos, achou coisas positivas neste vestimenta feminina. Em fevereiro de 2008, a Dra. **M a r i a** Cerruto, da Universidade de Verona, com 66 mulheres com menos de 50 anos e que não estavam na menopausa – mostrou que o uso de sapatos com salto de até sete centímetros pode ajudar a relaxar e, ao mesmo tempo, fortalecer os músculos da região pélvica, e estão relacionados aos músculos do prazer e do orgasmo. Com saltos, os músculos se encontram em uma excelente posição, podendo melhorar a força e a capacidade de contração.

A parte que chama mais a atenção é esta que acabei de citar, mas o estudo também ressalta o benefício à bexiga e ao útero, músculos que se enfraquecem com a gravidez, parto e idade. Pois a Dra. Cerruto nos deu a solução mais simples do mundo: usar saltos.

Até Manolo Blahnik (designer de sapatos com saltos vertiginosos e amplamente adorado no meio fashion) aplaudiu. Disse que por anos ficou assombrado pelos malefícios do salto, de como fazem mal a postura embora sempre achasse contraditório.

Com tudo isso, podemos entender finalmente o porquê da preferência do príncipe pela Cinderela, rejeitando as filhas da madrasta. Só ela possuía pés e sapatos de salto tão perfeito a ponto de seduzir qualquer um.

AS FRANCISCANAS

Alguns calçados ficaram na história, como os de Jesus Cristo, o mais humilde dos homens, que quando retornou do deserto, improvisou uma sandália com pele de ovelha e de cabra, e começou o caminho pela margem do Jordão, parando às vezes na beira do rio, para descansar e para que a lã não lhe colasse nas feridas.

São João Batista teria dito que não era digno o suficiente para desatar as sandálias de Jesus.

São Francisco de Assis immortalizou a sua sandália, as conhecidas franciscanas e que ficaram consagradas como símbolo de pobreza, de humildade, mas, jamais de indignidade, porque até hoje elas são usadas popularmente.

Simão, o pescador a quem Jesus Cristo, chamou de Pedro, foi o primeiro entre os doze apóstolos e fundador da Igreja de Roma, usava sandálias.

Gandhi, ou Mahatma (Grande Alma) Gandhi, também usava sandálias. Existe um fato curioso: em certa ocasião, enquanto Gandhi estava subindo em um trem, uma de suas sandálias caiu na vala dos trilhos. Gandhi e seus acompanhantes tentaram recuperá-la, sem êxito, uma vez que o trem já se havia posto em marcha. Ante a surpresa de todos, Gandhi com total calma descalçou sua outra sandália e a atirou igualmente aos trilhos. Perguntaram-lhe porque havia feito aquilo. Disse: Uma sandália sozinha não serve para nada. Nem para mim, nem para quem achar a que caiu do trem. Agora, pelo menos a pessoa pode ficar com o par completo.

A sandália batizada de Maria Bonita, um modelo colorido e arejado, faz sucesso no sertão. Ela pode não ser a mais bonita, mas tem muita história. Dizem que quem desenhou esse modelo, com a sola na forma de um retângulo, foi Virgulino Ferreira, o Lampião. Ele inventou de mandar fazer essa sandália com o solado quadrado justamente para ninguém saber para onde ele viajava, se era subindo ou se era descendo.

Carmen Miranda a portuguesa mais carioca do Brasil, adorava seus tamancos. Os vermelhos eram usados como complemento de traje social dos anos 40 e os prateados, ela usava acompanhando o traje de show.

Na linguagem informal, pé-de-chinelo é definido como: pobre, quebrado, ruim, tosco, feio. Usa-se muito quando se quer dizer pessoas, coisas ou lugares são desvalorizados.

Há extremo cuidado de não se deixar o sapato com o solado para cima, em sentido contrário. O sapato emborcado está chamando a morte para o dono, ou para quem o usar, afirma a sabedoria popular.

No samba Arrasta a sandália, de Oswaldo C. Vasques e Aurélio Gomes, gravado em 1932, na Columbia, por Moreira da Silva, diz:

Arrasta a sandália aí, morena
Arrasta a sandália aí, morena

Também na linguagem informal, a expressão *gato e sapato*, significa fazer o que se quer sem nenhum limite. E esta interpretação veio em 1980 para a música de autoria de Rita Lee e Roberto de Carvalho, interpretada pela própria Rita Lee.

Me aqueça
Me vira de ponta cabeça –
Me faz de gato e sapato e...
Me deixa de quatro no ato
Me enche de amor, de amor
Lança, lança perfume

Nos contos infantis temos o sapatinho de cristal de Cinderela. Na versão mais conhecida do escritor francês Charles Perrault, de 1697, e baseada num conto italiano popular chamado, A gata borralheira. Embora a versão mais antiga para o conto de Cinderela seja originária da China, por volta de 860 a.C. Existe ainda a versão dos Irmãos Grimm, um pouco diferente da de Charles Perrault. Nesta, não há a figura da fada-madrinha e, no final, as irmãs malvadas ficam cegas ao terem seus olhos furados por pombos.

No conto de fadas O gato de botas, de autoria do mesmo escritor francês Charles Perrault, o gato calça as botas, pega o saco e sai floresta a fora. Como era muito esperto, não demorou muito a apanhar uma lebre bem gordinha, que a pôs dentro do saco...

Enfim vale lembrar do sapatinho de Natal em que o querido Papai Noel coloca presentes e da música que todos cantam:

Botei meu sapatinho, na janela do quintal...

Mas, nem todos, infelizmente, têm sapatos para colocarem na janela do quintal. Muitos não têm nem janela, quanto mais quintal. Porém conservam a esperança de um Mundo melhor, onde pontifique a solidariedade humana, com erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais.

O PALHAÇO XIXARRÃO

¹⁷Domingos Pascoal de Melo*

Hoje tem espetáculo? Tem sim, sinhô. É às sete horas da noite? É sim, sinhô. Hoje tem marmelada? Tem sim, sinhô... E o palhaço o que é? É ladrão de mulher... Oh raia, oh sol, suspende a lua! Olha o palhaço no meio da rua!...

Xixarrão era um homem alto, magro, já sexagenário, de cor morena clara, cabelos embranquecidos, claudicava de uma perna, tinha um braço semiparalisado e a boca era um pouco repuxada para um lado; pequenos aleijões resultantes de um “ramo”, como era conhecido, naqueles tempos, o derrame cerebral, hoje comumente denominado: AVC - Acidente Vascular Cerebral.

Chegou à cidade acompanhando a trupe do circo que tinha o seu nome: “Circo Xixarrão”. Ele era o palhaço, ou seja, ele era a maior atração daquele espetáculo, o mais alegre, o melhor contador de piadas, o mais “presepeiro”, o maior animador da trupe, enfim, ele era o melhor palhaço. Já por vários anos que a companhia fazia parada naquela cidadezinha, perdida no interior do Ceará, por isso ele era muito conhecido e querido pela população.

Quando o circo chegava naquela cidadezinha era a maior festa! As crianças ficavam em polvorosa, a alegria tomava conta de todos; dos adultos e, sobretudo, da gurizada. Muita gente vinda dos arrabaldes para ver os artistas, as mágicas, os irmãos trapezistas e, ele, o palhaço Xixarrão e a sua mandioca — um pedaço de madeira toda retorcida que ele usava como bengala e para qual sempre se referia como sendo o seu amuleto de sorte.

Ele era famoso, era o principal, não era à toa que ele dava nome aquele empreendimento; a sua atuação era irretocável, à tardinha, saía montado num jumentinho, com a cara virada para trás, segurando a sua inseparável “mandioca” e fazia a fanfarra:

Hoje tem espetáculo? Tem sim, sinhô. É às sete horas da noite? É sim, sinhô. Hoje tem marmelada? Tem sim, sinhô... E o palhaço o que é? É ladrão de mulher... Oh raia, oh sol, suspende a lua! Olha o palhaço no meio da rua!...

Foi o melhor palhaço que já vi. Tinha, inclusive, uma espécie de fã clube na nossa cidade, tanto os mais velhos como a petizada contavam os meses para o verão chegar e, com ele, o circo Xixarrão. A sua chegada era uma festa, enchia de felicidade aquele cantinho pacato do mundo.

Porém, naquele ano de 1963, tudo foi muito diferente; o tão esperado verão chegou, o circo também, mas o palhaço Xixarrão não

17 * Ocupa a Cadeira nº 17 da ASL

era mais o astro principal da trupe, não. O já sexagenário e querido palhaço, que por tantos anos encheu de alegria, aos cidadãos e campônios daquele lugar perdido nos confins do Ceará, não era mais a maior atração daquela casa de espetáculos.

Uma doença, naquele tempo, para nós, misteriosa, que atacava de vez em quando as pessoas, deixando-as aleijadas e que nós conhecíamos como “ramo”, (corruptela da palavra derrame), - hoje sabemos, trata-se de Derrame cerebral ou Acidente Vascular Cerebral (AVC), — tinha parado o nosso maior ídolo. Silenciou a grande voz, roubou nossa alegria, calou nossos sorrisos, subtraiu nossas expectativas, entristeceu nossos verões...

Xixarrão não era mais o palhaço, não pintava mais a cara, não calçava mais os sapatos bicudos, não vestia mais aquela roupa folgada, não conversava mais com a sua “mandioca”. Agora era apenas o que sobrou de toda sua alegria um homem “inutilizado”, como se dizia na época, agora, despedaçado no corpo e na alma. Não era mais o mesmo: como pintar uma boca semiaberta e repuxada para um lado? Como fazer o malabarismo com a sua inseparável “mandioca” com um braço semiparalisado e quase colado ao corpo? Como pular e fazer pirueta no palco se uma das pernas não tinha mais forças e, agora penosamente arrastada num sacrifício inimaginável? Não, o Xixarrão — o melhor, o invencível nos seus duelos de picadeiros — foi derrotado. Agora, não passa de um aleijado, de um peso morto, de um trambolho que o circo que, por sinal, continuou usando seu nome, teima em se livrar. Em vez da graça e dos lucros que dava àquele empreendimento, transformou-se, de repente, num problemático rebotalho de gente sem nenhuma serventia, o que era o astro principal converteu-se, imediatamente, num grande problema para o dono daquela companhia circense.

E que problema! Nada mais podia fazer, acabou o seu reinado. Foi obrigado a parar. A única profissão que aprendeu na vida, não podia mais exercer. O circo do Xixarrão, não tinha mais o Xixarrão. Aquele que emprestou o nome àquela casa de espetáculos e que até bem pouco tempo era sua principal atração, agora não passava de um ancião, de um imprestável palhaço sem risos.

Seu Benoni, o proprietário do circo, queria mesmo era se livrar daquele velho “aleijado”, como passou a chamá-lo após a doença que o deixou daquele jeito. Foi fácil para todos perceberem o sofrimento por que passava aquele bondoso homem que durante tanto tempo levou alegria, somente alegria e delicadeza a quem o assistia.

Talvez por esse motivo aquela pacata cidadezinha tornara-se, a partir de então, a sua morada definitiva. Aquele bondoso povo fez cotização e quem podia dava alguma coisa: galinha, farinha, feijão... Arranjaram um cantinho onde podia armar sua redinha. E por lá ficou. Não tinha renda, pois não podia mais trabalhar, vivia da caridade alheia. Tinha como companheiros inseparáveis um cachorro, o leão

e uma rouquenha rabeca da qual, mesmo com grande dificuldade, devido a inutilidade do braço sequelado, extraía verdadeiras peças do cancionero popular: melodias que agradavam muito aos fregueses de bares, bodegas e feira da pequenina comunidade.

Era uma pessoa popular, nada pedia, apenas tocava e esperava. Se acaso uma alma boa desse alguma moeda, ele delicadamente agradecia e se retirava com um sorriso aliviado nos lábios retorcidos. Porém, se ao contrário, nada dessem, ele agia da mesma forma, agradecia, pedia licença e saía demonstrando felicidade, com um sorriso sofrido, estampado no rosto, arrastando com sacrifício o seu corpo da melhor forma que lhe fosse possível.

Dava para perceber o seu sacrifício em movimentar aquela perna lesionada pelo “ramo”, ela parecia pesar mais do que todo o resto de seu corpo. Mas lá se ia ele claudicando, se arrastando e enxugando com um farrapo, o suor do rosto, no calor de quase 40 graus do verão cearense.

Todos gostavam dele, talvez, devido a sua leveza no trato, pois mesmo sendo um mendigo, de aparência muito feia de se ver, tinha um coração generoso e agradecido. Não era chato, muito menos pessimista. Nunca, sob nenhuma hipótese, reclamava de sua vida, de sua situação, de sua sina, de sua sorte ou da falta dela. Era um otimista. Se acaso alguém reclamasse, ele tinha pronta uma palavra de conforto e de estímulo. Dizia sempre, com a dificuldade de articular as palavras “tudo passa, nada é para sempre, isso também vai ser resolvido...”

A única coisa que o incomodava de verdade era quando alguém indagava sobre sua vida, sobre sua família, suas origens. Seu passado era um mistério absoluto, ninguém sabia sua procedência; se era casado, se tinha família: esposa, filhos, pais, irmãos, parentes, nada. Ninguém conseguia arrancar-lhe uma vírgula sobre seu passado. Se alguém o perguntava, ele se calava, olhava no fundo do olho do seu interlocutor... Seus olhos começavam a lacrimejar, baixava a cabeça, agradecia, pedia licença e se retirava cortesmente, mas sem dar uma resposta sequer. Simplesmente saía enxugando as lágrimas, mas não respondia nada. Ia embora.

Para ele, aquele dia estava perdido. Recolhia-se à sua humilde choupana de um único cômodo, constituída de uma casinha feita nas terras do Capitão Linhares, fora da cidade, construída de estacas fincadas no chão, com varas amarradas e preenchidas de barro, também conhecida como casa de taipa, coberta com palha de carnaúba.

Tive o prazer de, em companhia de meu pai, adentrar, algumas vezes, àquela morada. Constatei enternecido que ele era muito mais pobre do que eu imaginava.

Como menino, curioso que era, inventariei os seus bens: o leão, seu companheiro leal, um vira-lata simpaticíssimo, que, vigilante, dava-lhe toda atenção; uma fianga (rede de meio), suja e já se rasgando; alguns trapos pendurados em dois ganchos de forquilha

que saíam da parede de taipa; uma trempe (três pedras) onde ele, quando tinha, cozinhava alguma coisa; fazia um café, ou um chá de bamburral ou marmeleiro, chás amargos, mas que, devido à facilidade de matéria-prima, fica fácil fazê-los. Bamburral e marmeleiro são matos que abundam às terras secas do interior do Ceará.

Naquele tempo, em muitas casas dos pobres sertanejos, eram aquelas infusões alimentos, que substituíam o café e, muitas vezes, as refeições; uma cadeira velha de madeira coberta com couro; dois potes de barro; uma chaleira feita de lata de óleo pajeú; uma baciinha de ágata já “chabocada” (com chaboques: marcas de tinta arrancada, normalmente provocado por queda); uma vassoura de palha de carnaúba, uma lamparina a querosene, uma garrafa de vidro, contendo um líquido amarelo, que deveria ser, exatamente, o querosene a alimentar aquela pequena fonte de luz, feita de flandres com pavio de algodão; a rabeça delicadamente pendurada, protegida por alguns trapos, dois pratinhos de barro, um “alguidar”, (espécie de bacia feita de argila); um banquinho de madeira, suportado por duas forquilhas, enfiadas no chão; uma lata de querosene jacaré, vazia que, pelo visto, era usada para trazer água do Rio Groaíras, há uns seiscentos metros de distância, um par de sapatos de palhaço e uma peruca, tudo muito velho e já bastante desgastado pelo tempo. Os sapatos já todos retorcidos e largando os solados.

A casa só tinha uma entrada, fechada com uma porta feita de talos de carnaúba, da mesma forma, era feita a janelinha que dava para os fundos da choupana, onde havia um jirau de varas, contíguo a ela, coisa comum nas casas daquele tempo em que eram lavados os pratos e as panelas, todos de barro. O jirau ficava do lado de fora, com acesso apenas através da janelinha dos fundos para que a água dali escorresse para lá e não encharcasse o piso que era apenas de chão batido.

Ele morava sozinho, dali saía para animar com sua rabequinha e seu sorriso o povo que tanto o amava. Dona Júlia — uma bondosa senhora, já viúva e mãe de doze filhos — sempre mandava, por “Tota”, um de seus filhos, pouco do pouco que tinha para o Senhor Xixarrão, como respeitosamente o chamava. Preparava sempre um pratinho de comida e um caneco de aluar ou chibé. Outras senhoras também ajudavam: dona Maria Bastião, dona Estelita, dona Mariana... Naquele tempo, embora faltasse comida, sobrava caridade e boa vontade.

Um dia, enquanto eu varria a Igreja, vi dois homens que conduziam, como de costume, uma rede com um corpo dentro, suspensa num pau, rumo ao cemitério, corri para perguntar quem era, mas, não foi necessário, pois percebi que o único acompanhante era o leão, fiel companheiro do grande Xixarrão.

PAIXÃO SEGUNDO VAN GOGH

18Gizelda Morais*

O DESEJO

Arrancar a orelha? Mutilar-se? Mutilar? Será isso o cume da paixão? Se for assim, remeto-te o primeiro pedaço de meu corpo. Um pedaço pequeno, o lóbulo da orelha direita, cortada com uma faca afiada, de um só golpe. Isto deve provar o meu estado de excitação. Não zombes deste teu Van Gogh apaixonado, pintor de girassóis, que se mutila e se imola nesse insano desejo de te ter por perto. Estou me consumindo. Nada mais me resta. Até a minha fúria de pintar está se extinguindo. O sol de meu desejo é a luz de teus olhos. Quando chegares, hoje cedo, vou fazer uma pira de fogo em meu quintal, só para chamar a atenção e mostrar ao bairro inteirinho as chamas avermelhadas dessa louca paixão.

A decepção

Não chegaste cedo ontem. Guardei a minha fúria um dia mais. Na esperança adiada, pinteí dois girassóis atrás de minha janela. Não a abrí. Não queria decepcionar-me, ver a tua ausência estampada nas calçadas da rua. Esta carta seguirá decorada com a falange de meu dedo mínimo. Minha mão já inchou; não agüento mais o lápis, nem mergulhar o pincel nas tintas da palheta para tecer formas e cores. Já não sei se és a minha arte ou se a minha arte se transformou em ti. Quero ver se assim compreenderás a minha decepção pelo teu descaso. Que paixão é esta que consome numa noite o resto de meus dias? Se não chegares cedo, hoje, com um pedido tremendo de desculpas, nem sei o que farei. Sou capaz de te buscar aí no teu trabalho, de te arrastar pelas ruas até a soleira da porta e de te apontar a todos como a bruxa insensível que me lançou seus feitiços e me deixou arrasado em meio à sedução.

O ciúme

Continuo cada dia mais cedo à tua espera. Hoje não me limitarei a ser tão modesto como o pobre Van Gogh. Também eu vou pintar o meu auto-retrato. Verás como estou mutilado. Não é só a orelha e a falange de meu dedo mínimo, também arranquei todos os meus fios de cabelo. E fiz um grande corte bem na testa. Sem prêmios nem

dinheiro, perceberás, sou bem melhor e muito mais corajoso do que o reles pintor que fez o teu retrato entre flores sem graça. Escuta bem a minha advertência, se ainda hoje não chegares cedo, sou capaz de pagar aos meninos da rua para te apedrejarem, sendo eu o primeiro a te atirar pedras. Quero mostrar a todos que não cumpres os deveres para com o teu amado. Aí vão, num grande envelope à parte, todos os meus fios de cabelo, junto com o curativo com o qual enxuguei o sangue do corte feito na testa.

O desespero

Insistes em me descartar como um mata-borrão que nem existe mais à venda porque já eliminaram do mercado a caneta-tinteiro. Encontro-me no máximo do desespero. Nem sei que parte do corpo te enviar agora. Talvez meu coração ou o meu falo. Se o embalsamas, nunca esquecerás essa paixão desesperada a consumir o único homem que de fato te amou na vida. Sabes, levaram-me todas as facas? Nem sequer encontro no baú, entre velhas coisas guardadas, uma pistola, para fingir, no quintal, que estou caçando corvos. Assim me feriria, como se feriu Van Gogh, quase acidentalmente, e morreria, depois de uma noite e um dia, somente para te fazer chorar como uma desvalida sobre o meu caixão.

Ato final

Ah, felizmente encontrei a velha pistola. Verás que...

– O que você está fazendo aí, querido? Escrevendo, na penumbra, diante de um auto-retrato de Van Gogh? Estou muito cansada. Trabalhei dobrado, mas felizmente terminei o relatório. Cheguei mais cedo hoje, antes de te ver adormecido. Trouxe até o pão. Vou preparar o jantar e depois vamos nos recolher, vendo um filme na televisão.

– Chegaste cedo demais, querida? Acabas de prejudicar o meu processo de criação. Chegaste cedo demais. Estava escrevendo um conto sobre os ingredientes da paixão. Falta-me mencionar o quinto ingrediente; não podes interromper o drama da paixão em seu ato final.

E o revolver cai, detonado, deixando um rastro de fumaça na sala.

ABRE-SE UMA LACUNA NA ASL

¹⁹Maria Lígia Madureira Pina*

Era a manhã do dia 25 de outubro de 2009. Abri a Bíblia no cap. 8 da Carta de São Paulo aos Romanos. Lia a frase em que ele se despedia dos discípulos dizendo: Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé”. Neste momento, o telefone tocou. Era a colega Cléa, comunicando-me o falecimento da querida e inesquecível, mestra e acadêmica Maria Thétis Nunes. Já esperávamos o desenlace. O Presidente Anderson, já me havia preparado para o inevitável. Porém, por mais avisados que estejamos a visita de Átropos a Parca maldita, sempre é recebida com surpresa e desencanto. Por mais que acreditemos em outra vida a presença dela é sempre desagradável. Voltei ao texto e senti que ele se aplica muito bem à trajetória de vida da acadêmica Maria Thetis. Se não vejamos: criança de 11 anos, vinda do interior do estado, nos anos 30, filha de mãe viúva, sem muitos recursos, chega a Aracaju. Por conselho da professora Leonor Telles de Menezes presta exame de admissão no Atheneu, é aprovada e inicia sua brilhante corrida em busca do futuro. Faz o ginásio e o Complementar com destaque. Vai para Salvador, lá presta exame na Faculdade de Filosofia da Bahia – UFBA. É aprovada. Ainda concluindo o curso de História e Geografia, em 1945, inscreve-se para defesa de tese, concorrendo com o professor Manuel Ribeiro a cátedra de História. Era Davi, na liça contra Golias: Dr. Manuel Ribeiro, homem maduro, advogado, político, já professor da Casa e Maria Thetis, uma jovem de 23 anos de idade, terminando o Curso Superior. Foi uma apoteose! ... ela costumava lembrar a torcida da juventude a seu favor, aplaudindo-a entusiasticamente. E acrescentava: não sei se pelo meu mérito ou pela ebulição político-social que o Brasil atravessava: a juventude inquieta aspirava por mudanças. Na liça, armas cruzadas, Thétis com a tese “ A Civilização Árabe – sua influência na Civilização Ocidental” empatou com o concorrente: notas iguais, 9,0. O professor Manuel tinha prioridade: era mais velho, casado, pai de família. Mas, os dois foram nomeados. Ela sempre dizia que a sua nomeação foi o último ato da ditadura getuliana.

Começa sua carreira no magistério. Aos 28 anos de idade é nomeada diretora do Atheneu no governo de Arnaldo Garcez, mesmo ela sendo partidária da UDN. Enquanto Diretora entrou novamente na liça: irrompeu um movimento anticomunista e começou o processo de caça às bruxas. Oficiais do Exército chegaram ao Atheneu com o objetivo de prender os alunos, considerados comunistas. A jovem Diretora lançou veemente protesto: aqui, não. Dentro do Colégio os senhores não prenderão os alunos. Telefonou para o Governador que

lhe deu total apoio. Mais uma vez Davi contra Goliás. Dirigiu por quatro anos o Colégio com equilíbrio e competência. Depois foi cursar o ISEB, no Rio de Janeiro, onde fez amizade com os professores e colegas de quem falava com admiração. Entre eles Wernek Sodré e Darcy Ribeiro. Terminado o curso permaneceu por quatro anos no Rio como assistente da cadeira de História do professor Cândido Mendes. Foi assessora do Marechal Teixeira Lott para assuntos educacionais. Com a eleição de Jânio Quadros, insatisfeita com a reação do governo contra o ISEB, inscreveu-se para a seleção realizada para atuar na Argentina, como professora de História Econômica do Brasil, na Universidade Nacional Litoral. Lá fez muitos amigos e até encontrou um pretendente ao matrimônio que rejeitou. Instigada pelo acadêmico Emanuel Franco disse certa vez: eu devia ter me casado com aquele argentino. Ele era tão educado e cozinhava tão bem!...

Em 1965 voltou para Sergipe. Reassumiu as atividades pedagógicas no Atheneu e na Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe. Observando a decadência econômica em que se encontrava o professor sergipano, com salários baixíssimos, correndo de um colégio para outro, sem condições de se atualizar, entrou na liça e com a arma da palavra denunciou a situação humilhante num artigo publicado em jornal.

Com o advento da Universidade, as faculdades foram incorporadas e os professores, como titulares. É na UFS que Maria Thetis vai brilhar como mestra e vai nascer a escritora, a cientista política da História de Sergipe. É ela quem fala: “certo dia, o Dr. João Cardoso, então Secretário da Educação e Cultura incumbiu-me de representar Sergipe no Rio de Janeiro. Teria de falar sobre a participação de Sergipe, no processo da Independência do Brasil. Eu disse ao Secretário que não conhecia tão bem a história de Sergipe. Ele retrucou: vai, sim. A senhora vai. Então foi pesquisar, estudar o assunto e me empolguei, a ponto de continuar a pesquisar até hoje, contribuindo com uma obra que leva conhecimento da nossa história a todos os que por ela se interesse.”

Pois é. Uma publicação em série, valiosíssima; Sergipe Colonial I e II, Sergipe Provincial I e II, História de Sergipe a partir de 1820, História da Educação em Sergipe e História de Sergipe Imperial que infelizmente já não pode autografar. Mas não importa. A sua assinatura se encontra indelével no próprio livro. Além da obra gigante, escreveu biografias de sergipanos notáveis como Manoel Luiz de Azevedo com a qual foi premiada pela Academia Brasileira de Letras.

Eu disse no início da minha fala que, como São Paulo, Maria Thetis combateu o bom combate, terminou a corrida e guardou a fé. Não me refiro à fé religiosa sem qualquer filiação. Não. Ela mesma dizia agnóstica. Refiro-me a fé na vida, no trabalho, no estudo, em tudo que se propunha realizar. Fé na cidadania, a honradez, na ciência, no

progresso social, na educação e na política do Brasil (apesar de tudo que vemos e vivemos) como manifestou na entrevista ao SINTESE, em janeiro de 2000. Cedo-lhe a palavra: como dialética que sou não me encontro entre os que apregoam a decadência da educação brasileira. Acredito na marcha da história. Ela não caminha em linha reta. Há recuos e saltos. Possivelmente, no Brasil do neoliberalismo estamos vivendo uma época de recuo. Esperemos o salto. Nele, o professor e suas associações terão um papel importante. Sua luta bem estruturada é decisiva para o novo Brasil que esperamos, se encontre em gestação.”

Assim é Maria Thetis Nunes: imortal pela sua obra histórica, pelo seu exemplo de vida doada ao estudo, ao trabalho, às viagens, conhecendo povos e civilizações e aos seu ideal de um mundo melhor com oportunidade de estudo para todos, como meio de progresso individual.

Não digo adeus a Maria Thetis porque ela permanece entre nós através da sua obra e do seu exemplo de vida, de mulher guerreira, sem dengos, nem arrufos, combatendo o bom combate com a armadura da coragem e a eficaz arma da palavra falada e escrita.

RENOVANDO A CONSIÊNCIA

²⁰Jacome Góis da Silva*

NÃO ESPERE ACONTECER A AMARGA EXPERIÊNCIA DA DOENÇA, para somente assim tomar consciência acerca da imperiosa necessidade preventiva que indica exorcizar pensamentos negativos, disciplinar sentimentos e harmonizar emoções, pois já é produto de informações e comprovações originárias da ciência, que nada acontece na organização somática (o corpo) que não tenha direta conexão com a mente.

NÃO ESPERE ACONTECER A TOTAL PERDA DA QUALIDADE DE VIDA, para somente assim acordar da indiferença, constatando que, sem idealizar e realizar a dinâmica do processo evolutivo, o infeliz resultado é praticar o crime de omissão, decretando, assim, infelizmente, a própria autodestruição,

NÃO ESPERE ACONTECER A OBCESSÃO ESPIRITUAL para somente assim reconhecer que somos vítimas da auto-obcessão, quando por ineficiência em sermos seletivos através do direto gerenciamento psicológico, emanamos energias negativas atraindo em dobro, correntes vibracionais de baixo teor fluídicos que causam transtornos em todas as dimensões.

NÃO ESPERE ACONTECER SINAIS PRECURSORES INDICANDO A MORTE DE ALGUM COMPONENTE DA FAMÍLIA, para somente assim, tocado pela condenação consciencial despertando o remorso, lembrar que o tempo de exercitar a fraternidade ficou na amarga lembrança do passado, sem a devida execução...

Eis alguns exemplos que são evidentes marcas de lições a serem assinaladas com o real discernimento, pois quem subestima o tempo para evoluir, banaliza a vida em todas as dimensões.

Para construir a ideal vivência da felicidade é essencialmente indispensável dedicar superlativa atenção na solidez do alicerce, cuidando para não faltar, jamais, o “cimento” da devida coragem a fim de analisar a necessidade de operar a indispensável renovação do autoconhecimento, pois sem assumir a fiel dedicação no trabalho da autorredenção, fissuras acontecem indicando a infeliz possibilidade de acontecer lamentável autodestruição...

Decida-se racional e conscientemente a trabalhar na dinâmica da autolibertação, pois é deixando o cárcere da sufocante co-dependência relacionada a qualquer forma de vício, que se torna possível valorizar o próprio corpo e reconhecer a real importância da vida, optando por livrar-se do sombrio assédio do mal, como indispensável condição para premiar-se com a luminosa experiência do bem!

20 * Ocupante da Cadeira nº 19 da ASL

Respondendo à ofensa com o perdão é perfeitamente exequível promover efetiva autoproteção!

Saindo da aridez existencial causada pela indiferença e viável, sim, fortalecer o aprendizado estimulando o eficaz trabalho da renovada consciência!

Enfrentando conflitos íntimos e interpessoais com o reforço do bom gerenciamento psicológico através do pleno exercício da serenidade, a paz não será uma abstrata utopia, mas, sim, uma brilhante realidade!

Aprendendo a reconhecer incontáveis benefícios vivenciados no curso da existência, será bem mais fácil eliminar tristezas e reclamações, substituindo-as por alegrias emanadas do nobre sentimento da gratidão!

Pense nisso, Por favor.

Meu abraço de coração a coração!

**CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO CULTURAL
ANTÔNIO GARCIA FILHO**

A MÚSICA NORDESTINA, BRASILEIRA.

José Sergival da Silva

Cantor, compositor e multiinstrumentista, ocupa as cadeiras 23 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e 07 do Movimento Cultural da Academia Sergipana de Letras. Natural de Sergipe, produz e apresenta o programa de forró Puxa o Fole, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Igualmente ao processo de formação da musicalidade das demais regiões do Brasil, a dita música nordestina também teve sua estruturação oriunda da miscigenação dos nativos indígenas com os colonizadores europeus e posteriormente com os negros vindos da África. Depois de tudo misturado neste caldeirão multicultural, o saber e o fazer do povo que formou cada um dos estados do Nordeste é que delineou as peculiaridades hoje tidas como representativas como o *frevo* em Pernambuco e os diversos ritmos e sotaques do *bumba-meu-boi* no Maranhão, e tantos outros, que em tese somente se formataram na primeira metade do século XX.

Na Bahia, onde começa o Nordeste em direção ao Norte do Brasil, primeira capital do Império e ponto de partida para a expansão da coroa portuguesa, inteligentemente os missionários ao perceberem a musicalidade das diversas nações indígenas que povoavam este solo Brasília, chegaram a substituir o cantochão (Canto litúrgico ou gregoriano) por melodias nativas, sobrepondo-lhes textos cristãos e da cultura européia no ofício de catequese. As nações que escaparam do jugo dominador e das epidemias que dizimaram grande número de indígenas, enfronharam-se principalmente para a região Norte do país, preservando seus cânticos originais.

Muitos remanescentes localizados no litoral, e que foram os mais afetados com a colonização, têm buscado resgatar seus costumes e notadamente sua musicalidade através das danças e das cerimônias. Prova disto são os muitos documentários, gravação de DVDs e CDs que registram o repertório de várias nações nordestinas como os Xocós de Sergipe, os Cariris-xocós de Alagoas, Pancararús de Pernambuco e outras de cada estado daquela região que gravaram ou tiveram seus cantares recolhidos, constituindo-se no que poderíamos chamar de música primitiva do Nordeste, ou ainda, na classificação atual, a chamada Música Étnica.

O trabalho de catequese através da música realizado pelos jesuítas, também é citado na biografia musical brasileira como os primeiros tempos da música erudita no país. Neste tempo as cidades mais importantes eram simples povoados, e deste início, poucos registros foram encontrados, mas podemos citar os da igreja da Sé de Salvador, na Bahia, que comprovam as atividades de Francisco de

Vaccas como mestre-de-capela e Pedro da Fonseca como organista.

Num segundo momento, o mesmo caso de dominação cultural ocorreu em nosso país com o negro, que contribuiu com uma parcela significativa para a música nordestina, principalmente através do ritmo e da dança. Foram trazidos da África aos milhares por volta do século XVI, porém, mesmo em grande número, sua raça era considerada inferior e conseqüentemente sua cultura, sendo subjugados ao trabalho escravo.

No Nordeste, a mão-de-obra escrava foi destinada em sua maioria aos engenhos e plantações de cana-de-açúcar, onde após o trabalho eram trancafiados, sendo proibidos de realizar seus rituais, suas danças e seus cânticos. Muitos deles se rebelaram, realizando às escondidas suas festas, preservando suas representações musicais.

Segundo alguns etnólogos que aprofundaram seus estudos neste particular musical, duas correntes se notabilizaram nestes caminhos trilhados pelo negro na música brasileira que foram a corrente *afro-religiosa* e a corrente do *afro-batuque*.

Do segmento denominado *afro-religioso*, se encaixam basicamente as coroações dos Reis de Congo e as músicas de terreiro presentes em todos os estados nordestinos, mais notadamente na Bahia. São inúmeros grupos de caráter religioso que se utilizando da música, fundem-se com o profano, com grupos de ação artístico-cultural e também os chamados de *grupos folclóricos*.

Na Bahia, como principais podemos citar os *afoxés*, outrora chamados de “candomblé de rua” (Cordão carnavalesco de adeptos da tradição dos orixás) onde o clube Pândegos d’África é considerado como o primeiro afoxé baiano, os Filhos de Gandhi, que tem no cantor e compositor Gilberto Gil seu mais ilustre integrante, *blocos afro* como o Olodum e o Ilê Aiyê, entre outras numerosas agremiações espalhadas pela capital e interior desse estado com grandeza territorial.

Do Estado de Sergipe, a Taieira de Bilina (Em memória), Cacumbi do Mestre Déca e o Grupo São Gonçalo do Mestre Sales (De aculturação portuguesa sobre os negros do Quilombo Mussuca da cidade Laranjeiras), além de Blocos e Grupos Afro-Cultural como o Axé-Kizomba, João Mulungú, SACI e Quilombo. Já em Alagoas, as Taieiras Ganga Zumba do Mestre Carlos e Axé-Zumbí do Mestre Geraldo, que louvam São Benedito e N. Sra. do Rosário, padroeiros dos pretos. Afoxé Odô Yá, os maracatus Baque Alagoano que tem na coordenação musical o Mestre Dalmo, Coletivo Afro-Caeté e Nação A Corte de Airá.

De Pernambuco, os maracatus *Nação ou de Baque Virado* que são cortejos aos Reis do Congo e os maracatus de *Baque Solto* que misturam a cultura afro com a indígena, com destaque para os coloridos caboclos de lança que apontam a cidade de Nazaré da Mata como a “terra do maracatu”. Dada a grande quantidade, citaremos apenas alguns representantes como o Maracambuco, Maracatu A

Cabralada e Maracatu Nação Aurora Africana.

Do Ceará, o Movimento Negro Unificado — MNU, Grupo Afro de Mulheres Brasileiras — GAMB, União dos Negros pela Igualdade Racial — UNEGRO, tem realizado excelente trabalho de fortalecimento do Maracatu do Ceará, cujo dia é comemorado em 25 de março, pois neste dia em março de 1884 o Ceará foi o primeiro estado brasileiro a abolir seus escravos, quatro anos portanto antes da Lei Áurea. Do maracatu, os principais nomes do Ceará são os grupos do Sr. Milton de Sousa (Em memória) e o Prof. Descartes Gadelha, Mestre de Maracatu, e alguns grupos como o Rei Zumbi, Nação Iracema, Kizomba, Vozes da África, Nação Fortaleza, Afoxé Filhos de Oyá e outros.

Do Piauí, Grupo Afro-Ijexá, Grupo Afro-BAI, Grupo Afro-Maravir, Grupo Afro-cultural Coisa de Nêgo, Afoxá e outros. E finalmente, do Maranhão, o Cacuriá, o Tambor de Mina (Onde a Casa das Minas e a Casa Fanti-Ashanti, em São Luís, são os principais locais), o Bloco Afro Akomabu e a Associação Cultural Axé das Yabás.

Do segmento denominado *afro-batuque*, os principais ritmos são o samba – que está subdividido em rural e urbano, o coco, o jongo, e muitos outros.

O denominado *samba rural* é, em termos gerais, batido na palma da mão, no ritmo do sapateado, marcando coreografias em forma de roda com umbigadas, ora utilizando o ganzá, o pandeiro, o reco-reco ou tambores em algumas modalidades. Já o denominado *samba urbano* era tocado e cantado em sua formação inicial com violão, cavaquinho e flauta, tendo outros instrumentos sido inseridos nesta formação ao longo dos tempos.

As festas de danças dos negros escravos eram chamadas de *samba*, sempre conduzidas por diversos tipos de batuques, e até mesmo os *bailes de latada* ou *forrobodós* pelo interior do Nordeste, antes do baião e da denominação forró, também eram chamados de “samba”, conforme registros do próprio Luiz Gonzaga em inúmeras gravações. Ir para o *samba*, portanto, significava *ir para uma festa ou baile* onde a música era um dos principais elementos.

E assim, de acordo com as peculiaridades de cada lugar, seja Zona Rural ou Zona Urbana, o samba foi ganhando algumas formas e denominações no Nordeste como o samba de roda (Bahia), samba de parrelha (Sergipe), os diversos tipos de coco (hoje tido como gênero, notadamente pela expressiva contribuição de Jackson do Pandeiro — o rei do ritmo), e outros tantos.

Em Alagoas podemos citar as Baianas, Cambindas, Samba-de-matuto e Negras da Costa e as Caboclinhas, além dos lundus, os pagodes — não confundir com os grupos de pagode paulista — e inúmeras modalidades de coco com dança e canto.

Em Sergipe, do *afro-batuque* podemos citar o Lambe-sujo e Caboclinhos do Mestre Zé Rolinha (auto de guerra entre negros e índios que é encenado na cidade histórica de Laranjeiras, todos os

anos em meados de outubro), além do Samba de Parelha comandado pela Mestre Dona Nadir do povoado Mussuca.

As músicas das “profissões de ganho” com seus vendedores de rua ou ambulantes apregoando seus produtos através de frases cantadas, ainda são encontradas em praticamente todas as cidades do Nordeste. Já na chamada música erudita e também nas partituras, a contribuição do negro no Brasil, somente foi notada a partir do final do século XIX, através das escritas da maestrina Chiquinha Gonzaga e das pesquisas do maestro Heitor Vila Lobos por conta de seu engajamento na Semana de Arte Moderna (1922) que postulava que a identidade nacional estaria nas cantigas do povo, fruto da miscigenação do índio, do negro e do colonizador europeu.

Por falar no colonizador europeu, sua principal contribuição, entre outras, foi a notação musical ou a escrita em partituras, trazendo-nos também alguns instrumentos de câmara e outros marciais. Alguns deles inclusive foram adaptados pelo saber de artesãos nordestinos que desenvolveram instrumentos similares porém peculiares no Nordeste, como a *rabeca*, que, inspirada no violino, foi o primeiro instrumento melódico utilizado no forró, pois o acordeom somente foi difundido no Brasil com a imigração dos alemães no início do século XIX.

A *banda de pífanos* e seus similares que são os *ternos de zabumba* e o *esquentar mulher ou muié*, são formados geralmente por dois pífanos (ou pífaros, que são tocados transversalmente e bocal em furo superior — embocadura aberta) ou duas gaitas (tocadas à 45 graus e feitas com bocal em apito – embocadura fechada), feitos geralmente de taboca ou cano de PVC, acompanhados por zabumba, caixa e pratos. Foram inspirados nas fanfarras militares. Destacamos desta formação a famosa Banda de Pífanos de Caruaru (Caruaru – PE), Banda Cabaçal dos Irmão Aniceto (Crato – CE), Zabumba de Quendera (Aracaju – SE), Banda de Pífanos Esquentar Muié (Marechal Deodoro – AL), Banda de Pífanos de São José de Piranhas – PB, e outras mais.

O catolicismo, profundamente arraigado em Portugal, nos trouxe também uma série de tradições e festividades que construíram nosso calendário, nos legando folguedos como o Bumba-meu-boi que se desenvolveu no Maranhão, Reisado, Cavalhada, Marujada, Chegança, Auto Natalino, Carnaval, Festejos Juninos e tantos outros, onde alguns se consolidaram como musicalidades típicas em alguns estados do Nordeste, apesar de co-existirem nos demais.

Passaremos a citar começando pelo Carnaval, notadamente nos detendo somente aos estados de maior expressão como o de Pernambuco (Olinda e Recife) com a sua tradição do *frevo* e o da Bahia com a sua tradição dos trios elétricos tocando *marcha carnavalesca*, *axé music* e outros ritmos.

O *frevo* pernambucano tem sua origem das primeiras bandas

de música marcial que executavam basicamente dobrados e marchas em meados do Século XIX. Por esta mesma época surgiram os primeiros clubes de carnaval pernambucanos, cada um possuindo sua banda de música que trazia à frente capoeiristas para intimidar os grupos rivais. Estes, como disfarce para fugir da polícia, modificavam os golpes acompanhando a música, surgindo daí tempos depois o “passo” (dança do frevo), hoje dançado por todos os foliões daquele estado, e principalmente por bailarinos com vestes típicas e sombrinhas bem coloridas que dominam os diversos tipos de passo.

Historiadores afirmam que a origem da palavra frevo, vem da corruptela de fervo, de ferver ao som da música, e que o gênero se divide em *frevo de rua* (que é exclusivamente instrumental – tem como grandes nomes o Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas do Recife, considerado o mais antigo e o CCM Lenhadores, entre outros). Atualmente, a Spok Frevo Orquestra, segundo seu criador maestro Spok, vem desenvolvendo o que ele chama de *frevo de palco*, com um “frevo para as pessoas escutarem”, cultuando grandes nomes como Maestro Duda, Clóvis Pereira e Levino Ferreira. Tem também o *frevo canção* e o *frevo de bloco*.

Já o Carnaval da Bahia, que inicialmente contava com luxuosos desfiles alegóricos em carros particulares, pranchas puxadas por animai e grupos de mascarados conhecidos como *Caretas* vestidos de *clóvis*, construiu sua história galgada no *trio elétrico* que nada mais é que um caminhão adaptado e equipado com um potente sistema de luz e som e que funciona como um palco ambulante, onde no alto ficam os cantores, músicos e bailarinos.

Na verdade, o nome *trio elétrico* é mais uma corruptela que inicialmente denominava o trio de músicos Dodô, Osmar e Temístocles, que desfilavam em cima de uma fobica (Ford Bigode 1929) onde também iam a aparelhagem de som e os alto-falantes. Assim, a partir deste formato, outros trios de músicos ou grupos foram surgindo e copiando a idéia, e com o tempo, o nome “trio elétrico” – trio de músicos, torna-se a denominação “trio elétrico” – o caminhão.

A guitarra baiana, que atualmente tem como seu principal fabricante o luthier sergipano Elifas Santana, era o instrumento que predominava nos trios elétricos com seu som característico, e a esta época praticamente exclusiva do grande instrumentista Armandinho, filho de Osmar, vai perdendo cada vez mais seu espaço para as bandas de trio elétrico com cantores, teclados, bateria, guitarras elétricas, e percussões, estruturadas em megaempresas.

Já o Bumba-meu-boi, é uma tradição que se consolidou no Maranhão e que data sua origem desde o século XVIII, sendo realizado nos meses de junho e julho em contraponto às festas juninas, principalmente em São Luiz, onde grupos se espalham desde as periferias até os arraiais do centro e dos shoppings da ilha, na parte nova ou antiga da cidade, reunindo grupos de todo o Estado

do Maranhão para brincar até amanhecer o dia.

O enredo da festa do Bumba-meu-boi resgata uma história típica das relações sociais e econômicas da região durante o período colonial, marcadas pela monocultura, criação extensiva de gado e escravidão. Numa fazenda de gado, Pai Francisco mata um boi de estimação que era o mais bonito e valioso de seu senhor para satisfazer esposa, Mãe Catirina, que estava com desejo de gravidez, querendo comer a língua do bovino. Quando descobre o sumiço do animal, o senhor fica furioso e, após investigar entre seus escravos e índios, descobre o autor do crime e obriga Pai Francisco a trazer o boi de volta. Pajés e curandeiros são convocados para salvar o escravo e, quando o boi ressuscita urrando, todos participam de uma enorme festa para comemorar o milagre.

Brincadeira democrática que incorpora quem passa pelo caminho, o Bumba-meu-boi já foi alvo de perseguições da polícia e das elites por ser uma festa mantida pela população negra da cidade, chegando a ser proibida entre 1861 e 1868. Mas atualmente, incorporado à identidade maranhense, existem mais de cem grupos de bumba-meu-boi na cidade de São Luís subdivididos em diversos sotaques. Cada sotaque tem características próprias que se manifestam nas roupas, na escolha dos instrumentos, no tipo de cadência da música e nas coreografias, o que nos deteremos a citar alguns como o *Sotaque de Matraca ou da Ilha*, *Sotaque de Zabumba*, *Sotaque da Baixada ou Pandeirão*, *Sotaque de Orquestra*, e por último, o *Sotaque de costa-de-mão*.

De todos os festejos do Nordeste, a Festa Junina é a mais rica em elementos culturais da região por se fazer presente em todos os estados nordestinos e arraigada na população desde a mais tenra infância, tanto na cidade através das quadrilhas juninas infantis e festinhas organizadas pelas creches e escolinhas, quanto na Zona Rural onde os pequeninos participam da queima da fogueira e dos fogos, mantendo a tradição que passa dos pais para os filhos.

De forma pontual, o ciclo junino se inicia no dia de São José (19 de março — dia em que se planta o milho, onde reza a tradição que se chover neste dia, o sertanejo terá uma boa colheita), passando por Santo Antônio (13 de junho — tido como santo casamenteiro), culminando com São João (24 de junho — Patrono dos festejos, atribui-se à sua mãe, Izabel, o acendimento da fogueira, que foi utilizada para sinalizar para sua prima Maria, mãe de Jesus, o nascimento de João) e fechando o período com São Pedro (29 de junho — cultuado pelos pescadores, é tido como o guardião das portas do céu e do controle da chuva). Os festejos a cada santo, iniciam-se porém na noite de véspera, ou seja, tanto quanto no Natal, na noite anterior à data oficial. Muitas capitais ainda preservam o hábito de acender a fogueira na porta de casa durante todos estes dias de véspera, porém a maior incidência fica mesmo é no interior dos estados.

Embasada nos ritmos musicais, a dança junina é um capítulo à parte, onde podemos tecer pinceladas resumidas, concentrando o foco no aspecto musical, onde a primeira a se destacar foi o baião, que é dançada no ritmo de mesmo nome criado por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Com o tempo originou-se dela o ritmo conhecido como forró, que nada mais é que um baião tocado mais ligeiro, com dança e andamento mais rápido, de acordo com a batida da zabumba.

O ritmo do baião tornou-se um grande sucesso na década de 40, época de ouro do rádio brasileiro, e logo se instituiu um reinado onde Luiz Gonzaga era o Rei, Carmélia Alves a Rainha do Baião, Luiz Vieira o Príncipe e Humberto Teixeira o Doutor do Baião.

Já o xote, que é uma corruptela da palavra “Schotisch” de origem alemã, que significa “escocesa”, em referência à polca escocesa, foi trazido para o Brasil pela corte e tornou-se apreciado como dança da elite. Caiu no gosto popular, e hoje é dançada ao ritmo de mesmo nome. Sendo um dos ritmos mais preferidos no Sudeste na atualidade, muitos nomes dedicam seus trabalhos ao xote como Flávio José, Jorge de Alinho, Adelmário Coelho, Amoroza e grandes compositores como Antônio Barros, Cecéu, João Silva, Maciel Melo, Ismar Barreto, Zé Dantas, etc.

O xaxado é uma dança de criação do bando de cangaceiros de Lampião, que dançavam em círculo, inicialmente abraçados ao fuzil, antes da entrada de mulheres no bando. A palavra xaxado, é uma corruptela de “sachar” – ato ou efeito de juntar a terra ao caule do feijão de poucos dias de brotado na plantação com uma enxada. No reinado do Gonzagão, Marinês era a Rainha do Xaxado, tendo gravado vários discos neste ritmo.

Entre muitos outros ritmos que não particularizaremos, a marchinha junina ou arrastapé é o mais acelerado e animado, sendo o preferido para a dança coletiva improvisada ou de passos ensaiados como as Quadrilhas Juninas que no Nordeste existe em quantidade infindável. Com figurinos impecáveis, todos os anos elas participam de concursos de alto nível entre si, e os trajes ou caracterizações principais são os de *matuto*, *de cangaceiro*, *de vaqueiro* e representação de personagens da região como Lampião, Maria Bonita, Padre Cícero, o Coronel, o Rei e a Rainha do Milho, o Capelão, o Delegado, os Padrinhos e os Noivos, tão festejados no Casamento Caipira.

Além dos nomes já citados nos parágrafos anteriores em ritmo específico, confesso que para registrar todos os artistas forrozeiros do Nordeste, seria necessário várias páginas. Mas a música do Nordeste não se resume somente ao forró, ao frevo, ao folclore ou à dita música regional. Muitos artistas consolidaram uma carreira musical vitoriosa em outros estilos ou como exímios instrumentistas, formando músicos no chorinho, no samba, no rock, no reagae, na música brega ou romântica, na música clássica ou popular e numa gama tão complexa e intensamente bela e maviosa, que somadas à música

produzida nas demais regiões do Brasil, cada uma com seu valor e suas características, fazem da música brasileira reconhecidamente uma das mais importantes e completas de todo o planeta.

Bibliografia

I - Mariz, Vasco. História da Música. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

II - Góes, Fred. 50 anos de trio elétrico. Salvador: Editora Corrupio, 2000.

III - Wikipédia, a enciclopédia livre. Música do Brasil. Disponível em

http://pt.wikipedia.org/musica_do_brasil> Acessado em 25 abr. 2010.

IV - Lopes, Nei. A presença da música africana na música popular brasileira. Disponível em

<http://www.espacoacademico.com.br>. Acessado em 27 abr. 2010.

V - Albin, Ricardo Cravo. Samba. Disponível em <http://www.dicionariodampb.com.br>. Acessado em 30 abr 2010.

VI - Site das Secretarias e/ou Fundação de Cultura, Turismo e Educação dos estados do Nordeste. Acessados no período de 13 de abr. a 25 de mai. 2010.

VIRAR ESTRELA

²¹Antônio Carlos dos Santos (Du Aracaju)*

Quando a gente precisa de mais ajuda e menos compaixão
Quando os amigos se vão nas brumas da covardia
Crucificando a alegria do sonho:
Quando a solidão é o melhor refúgio
Onde agente mergulha no abismo mais profundo
Sem colo da mãe pra chorar
Sem o pai severo pra cuidar
Sem mãos para apertar
Sem ombros pra chorar
Sem corpos para abraçar
Sem uma ponta de esperança
Sem ter do que rir
Nada pra dividir

É só depender do que somos
É que a gente olha pro alto
Tem vontade de voar pro infinito e virar estrela

CONTRAGOLPE POÉTICO

¹Gustavo Aragão Cardoso*

O poema *in* pressa, apela,
na era da pressa.
Expressa-se sedutor,
vestido em decotadas roupas metafóricas,
ornado em figuras e linguagens céleres...

Escute-o, deixe-o falar à vontade.
A você oportunize um tempo;
desligue-se do mundo e concentre-se em si mesmo,
nas palavras do mundo verbal que se lhe apresenta.
Psiu!

“Ame-me, leitor!
Tentarei ser breve, assim como a brevidade das horas que o atormentam.
Chegarei mudo e ficarei calado, mesmo clamando na minha interioridade convulsiva.
Vamos, leitor! Vibre comigo, sou seu amigo momentâneo.
Seja-me companheiro, pois ando, há tempos, desprezado nos livros heróicos
e nas estantes empoeiradas.
Ame-me com voracidade,
abraçe-me,
toque-me,
sinta-me.
Está com medo?
Não tema.
Sou a panaceia para seus problemas temprais.
Será?
Vamos, leitor, defínhe-me, desafio-te.
Olhe-me torto
e renascerei feito fênix,
da onda que anda, onde não se sabe.
Mas anda e isso é o que importa.
Desejo retornar ao seu mundo e pra tal regresso,
peço-lhe que me consuma, indistintamente e à vontade,
feito uma pílula literária proteica.”

SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

²²Josefina Cardoso Braz*

Os contos de fadas antecedem em muito a Literatura infantil.

São narrativas que pertencem ao folclore de datas imemoriais até o final do “período medieval” que eram passadas oralmente de pai para filho (do século V ao XV).

O faraó Quéops, construtor da grande pirâmide do Egito, adorava contos de fadas, conforme nos revela um papiro datado de aproximadamente, 1700 a.C. Histórias de sua época que chegaram até nossos dias mostram extraordinárias semelhanças com narrativas modernas.

“Anpu e Bata”, por exemplo, têm muito em comum com “Os gêmeos”, história congoleza, que por sua vez se parece bastante com “As crianças de ouro”, conto recolhido pelos irmãos Grimm na Alemanha e encontrado também na Grécia, Rússia, Itália, Irlanda e Chile.

Há contos de fadas no mundo inteiro – entre os ingleses e os esquimós, entre os americanos e os japoneses. Muitos são antiquíssimos: seus enredos se repetem com os mesmos detalhes em diferentes culturas e em diversos continentes. No entanto, se são antigos, se renovam constantemente. Sempre que alguém diz ou escreve – “era uma vez...” um conto de fadas ganha vida, como se nunca tivesse sido narrado e entramos num mundo em que, com os nossos sonhos a realidade se transforma. No plano da imaginação basta pensar em algo para concretizá-lo. Neles todos os conflitos humanos são abordados e resolvidos através da fantasia, forma única que o universo infantil admite e encanta passando para ela uma visão otimista do mundo onde todos os problemas são abordados tendo sempre um final feliz.

Os contos de fadas clássicos “Cinderela”, “Branca de Neve”, “Chapeuzinho Vermelho”, estão entre as primeiras estórias que conhecemos na infância, e que com sua magia lançaram sobre nós um encanto capaz de durar vida inteira. Seu otimismo e constante vitória dos bons sobre os maus, o triunfo dos humildes sobre os orgulhosos nos infundem esperança. No entanto, eles são muito mais que simples realizações de nossas fantasias. Seus heróis ou heroínas conquistam a felicidade só depois de superarem obstáculos e duras tribulações. Alegrias e tristezas convivem em suas trajetórias.

Antes de serem reunidos em livros, esses contos foram narrados durante séculos ao pé do fogão, pelos mais velhos, no mundo inteiro,

distraíndo e instruindo os numerosos iletrados do passado. Foi assim que aprenderam a lição de vida e assim passaram de geração em geração sempre com o mesmo objetivo.

Antigamente, muitas famílias viviam em distantes vilas rurais ou vilarejos remotos e por isso, como já abordei, a transmissão dos contos era oral. Com o surgimento de escolas abertas a todos e a transferência de um número considerável de famílias para os centros urbanos, o velho hábito de contar histórias, correu o risco de desaparecer. Coube então aos escritores coletar narrativas orais e registrá-las no papel para que não se perdessem. Segundo pesquisas foi o francês Charles Perrault quem inaugurou o gênero literário dos contos de fadas, quando em 1697 escreveu “Histórias ou Contos dos Tempos Passados”. Ele era funcionário público, além de escritor e supervisionava a construção do Palácio de Versalhes de Luiz XIV e do Louvre em Paris. Por conveniência achou por bem esconder sua autoria, atribuindo o livro a seu filho Pierre Perrault. Essa obra passou muito tempo na obscuridade até que no início do século XX, num frontispício de uma edição francesa, vem a público os Contos de Perrault. A obra se compõe de oito histórias. Entre elas figuram: Cinderela, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Gato de Botas e outras. Ele deu início a uma frenética procura de relatos bem elaborados e fantasiosos.

A Literatura Infanto-Juvenil surgiu como gênero literário com o advento da Revolução Industrial, (século XIX) quando a criança passa a ocupar um lugar de destaque no cenário familiar.

Com o surgimento do mundo capitalista, a livre iniciativa, a concorrência, os pais passaram a dar mais atenção à educação dos filhos. A preocupação com a preservação do folclore somou-se ao interesse da sociedade da época pela infância, cuja função pedagógica baseava-se na transmissão dos valores da burguesia emergente, visando à introjeção social dos pequenos leitores nesses mesmos valores, surgindo então, as primeiras histórias especialmente escritas para crianças, adaptando ao acervo existente textos folclóricos e os clássicos, sobretudo o romance inglês do século XVIII.

Em 1785 e 1786, notabilizaram-se os irmãos Grimm (Jacó e Wilhelm), na Alemanha. Professores e pesquisadores estudiosos da mitologia alemã, filólogos e folcloristas, por razões políticas, ambos abandonaram o magistério e se dedicaram a investigação científica da Literatura Oral Alemã. Tinham como objetivo levantar dados linguísticos e fixar textos do folclore, expressão cultural de um povo. Para isso, percorreram as mais longínquas regiões da sua terra, registrando as narrativas orais que transitavam entre as camadas pobres da população. Valeram-se de várias fontes de familiares provindos da Suíça e da França. A influência da Literatura Francesa da época, inclusive, as edições de Charles Perrault serviram de modelo no trabalho final dos autores alemães (se bem que isso não se comprova).

O material recolhido por eles foi então publicado, a partir de 1812 sob o título de “Contos da Criança e do Lar”, traduzido em muitas línguas e transformado em uma das obras primas da literatura infantil, integrado ao universo mágico das crianças do mundo inteiro. Os irmãos Grimm juntaram às suas pesquisas os contos (orais) franceses, russos, noruegueses, dinamarqueses, romenos, etc. Eles conquistaram o público infantil pela capacidade de condensar de forma mágica a trajetória, as ações dos personagens, com uma linguagem simples, despojada de artificialismo, de cunho educativo, globalizando a experiência humana e sempre com final feliz. O sucesso deles incentivou outros pesquisadores que saíram à cata de contadores de estórias, registrando-as nos seus relatos. São deles:

- Os Músicos de Bremen
- O Pequeno Polegar
- Rapunzel
- A Bela Adormecida
- O Gato de Botas
- Branca de Neve
- Cinderela
- Joãozinho e Mariazinha

Vem depois: Hans Cristian Andersen — nasceu em Odense na Dinamarca em 02 de abril de 1805. Inspirado nos irmãos Grimm, criou novas histórias na linha dos Contos de Fadas. Filho de uma lavadeira e de pai sapateiro cresceu, num ambiente pobre e supersticioso, entre mulheres, onde passava horas ouvindo velhas fiandeiras contando antigas histórias. O pai não pôde lhe servir de modelo, pois se engajou no exército napoleônico e só voltou ao lar para morrer dois anos mais tarde, quando Hans Cristian tinha onze anos. A pobreza da família impedia-o de uma educação formal. Aos quatorze anos, lutando com muitas dificuldades partiu para Copenhague para tentar a sorte, mas encontrou só miséria. Com coragem e determinação enfrentou o infortúnio fazendo pequenos trabalhos para sobreviver.

Mais tarde, com o auxílio de um funcionário abastado que se tornou seu protetor, Jonas Collin, sua vida melhorou; passou a estudar e conseqüentemente a escrever. Seus trabalhos literários agradaram ao público sendo eles voltados principalmente, para as crianças.

Seus primeiros contos infanto-juvenis surgiram em 1835. Focalizavam o herói com seus infortúnios culminando com um “final feliz”.

Foi um completo homem de letras do seu tempo: poeta lírico, romancista, memorialista, cientista e cronista de viagens.

Dele se diz: ...”no seu estilo há milagrosa fusão de profundidade poética com o coloquialismo e simplicidade narrativa”.

No conto de fadas ele deu forma literária recuperando a

ancestralidade dos contos populares de sua terra.

São deles, entre outros: O Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, A Pequena Sereia, Pinóquio, Peter Pan, Chapeuzinho Vermelho.

No Brasil, a Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil, lançou em 1998, através da editora Companhia das Letrinhas “Volta ao Mundo em 52 Histórias”, publicada originalmente na Grã-Bretanha por “Dorling Kindersley Limited”, London, coletânea de Contos de Fadas oriundos de 33 países, inclusive do Brasil, representado através de Sergipe com a lenda “Por que o Mar Tanto Chora”, “Cinderela Sergipana”. Notável pelo seu conteúdo poético esta histórias é semelhante às demais Cinderelas. Foi recolhida em Sergipe e publicada em 1883 por Sílvio Romero no seu livro intitulado “Contos Populares do Brasil”. O cenário dessa nossa história, grande parte se passa nas belas praias sergipanas, com uma área de 22.050 Km² de extensão e segundo censo de 1995 uma população de 1.600.000 habitantes.

Cinderela — originalmente é um conto oriental provindo da China, onde pés pequenos eram atributos de beleza. A primeira versão conhecida remonta ao século IX d.C. (depois de Cristo), porém a mais famosa, data de 1697; é a versão francesa e se deve a Charles Perrault que acrescentou: A fada Madrinha, que transforma os trapos em vestidos esplendorosos, acrescenta carruagem de abóbora, sapatinho de cristal, varinha de condão, faz ratazana virar cocheiro, ratinhos em cavalos e lagartixas em laçaos.

Nas versões mais antigas, transmitidas oralmente, Cinderela recebe ajuda de sua mãe, cujo espírito se materializa em forma de peixe, vaca ou árvore.

Na versão dos irmãos Grimm, as irmãs de Cinderela cortam um pedaço do pé para poder calçar o sapatinho mais dois pombos denunciaram a trapaça dizendo ao príncipe:

“Olhe bem, há sangue no sapato que é pequeno demais para elas! Sua verdadeira noiva o espera!”

No casamento de Cinderela os pombos arrancam os olhos das irmãs presunçosas.

Na Cinderela Sergipana a princesinha Maria, nasceu com uma cobra enrolada no pescoço.

Maria chamou a cobra de Dona Labismina, tornaram-se amigas inseparáveis e passeavam na praia todos os dias. Um dia, a cobra entrou no mar e desapareceu, porém antes disse à princesinha que em algum perigo bastaria chamá-la.

Um rei velho, feio e rabugento de um país vizinho ficara viúvo e pedira Maria em casamento que desesperada, lembrou o que lhe disse D. Labismina.

A princesinha foi à praia e contou o acontecido à amiga.

“Diga ao rei que só se casará se ele der um vestido cor do campo com todos suas flores”. O velho ficou aborrecido, demorou

mais cumpriu a promessa.

Maria voltou a contar a amiga. E agora?

“Diga ao rei que só se casará se ele der um vestido cor do mar com todos os seus peixinhos”.

O rei mais aborrecido ainda atendeu às exigências da noiva.

Maria novamente pediu socorro a amiga

“Peço agora um vestido cor do céu com todas as estrelas”.

O velho terrivelmente irritado, mas como das outras vezes, cumpriu a promessas.

Desesperada, a princesa correu para praia. A amiga a esperava com um barco.

“Fuja depressa; este barco a levará a um reino distante onde você se casará. Mas não esqueça; no dia do casamento vá à praia e me chame três vezes. Meu encantamento se romperá”.

Maria foi ter a um reino distante onde pediu emprego e encarregaram-na de cuidar do galinheiro.

Houve a festa anual que durariam três dias e a Família Real lá estava.

Maria vestiu o vestido cor do campo com todas as flores pediu a D. Labismina uma carruagem e foi à festa. Todos que viram ficaram maravilhados com sua beleza, principalmente o filho do rei.

No segundo dia Maria usou o vestido cor do mar com todos os peixinhos.

No terceiro dia usou o vestido cor do céu com todas as estrelas e quando ia se retirar recebeu do príncipe uma jóia.

Terminados os festejos, o príncipe adoeceu de tristeza pois por mais que a procurasse não a encontrava. Todos ficaram preocupadíssimos.

A rainha ordenou à moça do galinheiro que preparasse uma suculenta canja. A princesinha obedeceu e antes de mandar a canja colocou na tigela a jóia.

O príncipe ao tomar a primeira colherada encontrou a jóia e saltando da cama gritou:

“Estou curado! Minha amada é a moça do galinheiro”.

A rainha chamou Maria que naquele mesmo dia se casou com o príncipe e zomba de felicidade a jovem esqueceu de ir à praia chamar três vezes sua fiel amiga.

Assim, D. Labismina, nunca se libertou do seu encantamento e é por isso “que o mar tanto chora!”.

O tema Cinderela é inesgotável e já inspirou numerosos artistas que a recontam em forma de ópera, balé, peça teatral, filme etc.

MONTEIRO LOBATO

Não podemos falar em literatura infantil sem nos reportarmos ao imortal gênio da literatura infanto-juvenil brasileira.

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, a 18 de abril de 1882.

Seu pai era fazendeiro, mas tinha casa na cidade e o pequeno Juca, como era chamado pelos familiares, passou uma infância dividida entre a fazenda e a pequena Taubaté, infância projetada mais tarde nas páginas do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Seu avô, homem sábio, o Visconde de Tremembé, exerceu muita influência sobre o neto. Dele recebeu muito carinho e ele também o iniciou no mundo da leitura. Grande parte da sabedoria do avô — Visconde — foi reproduzida noutro nobre por Lobato criado — o Visconde de Sabugosa.

Na adolescência perdeu o pai e logo depois a mãe, ficando órfão aos dezesseis anos e agora dependente do avô que planejara para ele a carreira advocatícia. A contra gosto, em 1900 estava ele inscrito na Faculdade de Direito de São Paulo.

Formado, resta ao jovem arranjar emprego e consegue o cargo de promotor em Areias, pequena cidade de São Paulo.

Com o falecimento do avô, Lobato herda a fazenda Buquira e torna-se fazendeiro. Idealista, pensando progredir, vem a guerra de 1914, prejudicando o sonho de exportar seus produtos, lutando também com a indolência do nosso caboclo.

Em 1916, vende a fazenda e volta para a capital, começando a publicar seus artigos polêmicos, ironizando e incomodando os poderosos da época. Tinha por lema ser ele mesmo e não um seguidor dos outros.

Em 1917 escreve o artigo “Mistificação ou Paranóia?”, publicado no jornal “O Estado de São Paulo”, em dezembro do mesmo ano, criticando os quadros modernistas da pintora Anita Malfatti, expostos numa galeria de arte, e por isso foi chamado de “passadista, tacanho e ignorante”.

1918 foi o ano revolucionário do ex-promotor e ex-fazendeiro. Publica o “Urupês” livro que reúne doze narrativas mórbidas e entre elas “JECA TATU” expressão que se tornou notória. Denuncia à sociedade da época, a vida doente, sem imaginação e indolente do nosso caboclo. “JECA TATU” é o símbolo de um Brasil rural miserável, homem abandonado ao seu próprio destino e que nada produz. O artigo provoca revolta, daí surgindo duas correntes de opiniões: a dos que o denunciavam como impatriota, detrator da imagem do Brasil no exterior e a dos que o apóiam, curiosos por conhecê-lo e discutir com ele suas ideias. Dez mil exemplares foram vendidos em poucos meses. Foi o primeiro livro adotado nas escolas primárias brasileiras.

O Brasil inteiro quer conhecer Monteiro Lobato.

Ele, ironicamente se penitencia diante do JECA:

“Perdoa, pois, pobre opilado e crê no que te digo ao ouvido: Tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico... és tudo isso sem tirar nem uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa dessa terra”.

Em 1921 lança o seu primeiro livro de literatura infantil, “Narizinho Arrebitado”- segundo livro para uso nas escolas primárias brasileiras, com uma tiragem de 50 mil exemplares. “O Sítio do Pica-pau Amarelo” surge também em 1921 e com ele “Fábulas de Narizinho” e “Marques de Rabicó”. Em 1922 surge “A Caçada da Onça”.

Pedrinho, Narizinho, Dona Benta, Tia Anastácia, Emília são nomes conhecidos pelas crianças de várias gerações que viveram com eles as aventuras no Sítio do Pica-pau Amarelo, sem esquecer os bichos falantes: o porquinho Marques de Rabicó, o rinoceronte Quindim, o sábio Visconde de Sabugosa, além de outros que Lobato introduziu como visitantes, na sua obra.

Em 1946, Lobato completa sua obra, revê e dá forma definitiva a seus livros tantas vezes refeitos e modificados. Só no final da sua vida em 1947, Lobato reúne todas as histórias infantis em “Obras completas” publicadas pela Editora Brasiliense.

Hoje a coleção conta com 24 volumes.

Podemos classificá-las em 03 áreas de interesse: os didáticos, os de aventuras e as adaptações em que usando personagens do Sítio conta clássicos da história e da literatura mundiais, para o conhecimento das crianças.

Muitos foram os escritores que se dedicaram à literatura infanto-juvenil: Charles Dickens, Lewi Caroll, Callodi e os brasileiros, Cecilia Meirelles, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, porém criaram personagens únicos, uma ou outra estória.

Lobato não criou uma estória, um personagem. Criou todo um universo onde as criaturas imaginadas por ele pudessem andar. Foi inaugurador da verdadeira literatura infantil. Era seu anseio criar livros onde as crianças morassem dentro deles e não jogá-los fora.

O universo que ele cria é amplo demais: é a presença do maravilhoso incorporado ao real.

Lobato - promotor, fazendeiro, escritor, editor, político - nas suas campanhas nacionalistas, e isso lhe valeu uma condenação por seis meses de prisão que o deixou amargurado. Ferido nas suas convicções, Lobato diz irônico:

“Não existem prisões para os homens de pensamento livre”.

Foi um apologista do ferro e do petróleo em subsolo brasileiro. É dele o seguinte depoimento:

“O petróleo de um país, quando explorado por capital público ou privado desse país, gera riqueza interna, porém quando estrangeiros o exploram gera miséria e revolta. Não existe no mundo uma só exceção a essa regra geral”.

Lobato não viveu para ver a criação da Petrobras, por Getúlio Vargas em 1953 e o aparecimento do slogan, grito de guerra do povo do Brasil:

“O PETRÓLEO É NOSSO”.

É cercado pelo carinho dos pequenos leitores que Lobato passa seus últimos anos. Recebe milhares de cartas e procura sempre respondê-las. Uma criança quer conhecer o Sítio, outras convidam Emília para seu aniversário, outras querem a receita dos bolinhos de Tia Anastácia.

Lobato, figura digna de ser lembrado não só na História Literária, mas com igual força na História do Brasil do século XX, falece no dia 05 de julho de 1948 deixando órfãs todas as crianças brasileiras.

Coleção Infantil: Reinações de Narizinho, Viagem ao Céu, O Saci, Caçadas de Pedrinho, Hans Staden, História do Mundo par Crianças, Memórias de Emília, Geografia de Dona Benta, Serões de Dona Benta, Histórias das Invenções, Dom Quixote par Crianças, O Poço do Visconde, Histórias de Tia Anastácia, O Picapau Amarelo, A Reforma da Natureza, O Minotauro, A Chave do Tamanho, Fábulas e os Dozes Trabalhos de Hércules.

Bibliografia:

Philip, Neil. Volta ao Mundo em 53 histórias. S.Paulo. Companhia das Letrinhas, 1998.

Kupstas, Márcia. Campos, Maria Tereza R., Literatura, Arte e Cultura, S. Paulo, Ática, 1987.

Lajolo, Marisa e Ziberman, Regina. Literatura Infantil Brasileira. S. PAULO, Ática, 1985.

Josefina Cardoso Braz – trabalho apresentado na Academia Sergipana de Letras e posteriormente na Academia Literária de Vida. Josefina é licenciada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal de Sergipe. Fez Pós-graduação em língua Portuguesa-Redação na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e curso de Língua Francesa no Centre de Langues a Louvain-la-Neuve, na Bélgica. Publicou os livros “As Formiguinhas Amigas”; “O Patinho Bonitinho”; “Cantiga de Ninar” e “Vamos fazer uma brincadeira engraçada?”.

A PRESENÇA E A INFLUÊNCIA FRANCESA EM SERGIPE

23 Arionaldo Moura Santos*

RESUMO: A presença francesa em Sergipe é um fato que está registrado ao longo de nossa história, seja de uma forma direta ou indireta através do pensamento expresso na filosofia, na arte, nas expressões culturais, no gosto pelo requinte, como também no desejo de adquirirmos uma identidade, quando nos espelhamos nos movimentos franceses de libertação. É necessário que repensemos nos rótulos que impingimos aos franceses ao longo destes 509 anos, quando, através do olhar de uma cultura portuguesa, que procurava difundir no povo brasileiro que os franceses foram contrabandistas, anarquistas e tantos outros títulos a eles conferidos. Cabe lembrar que em vários momentos ao longo da história nestes 509 anos os franceses empunharam armas para defenderem não só os nativos nos primeiros 50 anos de colonização, como também na própria emancipação política de Sergipe.

Palavras – chave: Contrabandistas - Piratas - Revolução Francesa

ABSTRACT: The French presence in Sergipe is a fact that is registered throughout our history, is a directly or indirectly through the thought expressed in philosophy, art, cultural expressions, the taste for refinement, but also the desire to acquire a identity, as mirrored in the movements of the French release. We need to rethink the labels to foist the French over the 509 years when, through the eyes of a Portuguese culture, which sought to spread the Brazilian people that the French were smugglers, anarchists and many other titles conferred on them. It is recalled that at various times throughout history in these 509 years the French wielded weapons to defend not only the natives in the first 50 years of colonization, but also in their political emancipation of Sergipe.

Keywords - Keywords: Smugglers - Pirates - French Revolution

A PRESENÇA E A INFLUÊNCIA FRANCESA EM SERGIPE

Com este trabalho, pretendemos abordar a influência da presença e do pensamento francês na formação histórica de Sergipe, tomando como parâmetro de referência recortes históricos

23 * Atual Coordenador do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho, ocupa a Cadeira nº 3.

do século XVI ao século XXI de forma pontuada, objetivando demonstrar que, ao longo deste período, o pensamento francês se fez presente e direcionou ações do povo sergipano.

O ano de 2009 foi o ano da França no Brasil, como contrapartida do ano de 2005 que foi o ano do Brasil na França e que obteve grande sucesso. Este evento faz parte de um projeto francês que foi idealizado há 25 anos, com o intuito de estreitar as relações entre nações amigas; dessa forma, esse intercâmbio teve sua culminância com o ano da França no Brasil, fechando com chave de ouro esse quarto de século após uma série de comemorações inesquecíveis em outros países.

Entretanto, ao fazermos uma retrospectiva histórica, percebemos que, nestes quinhentos anos, o povo francês esteve presente de forma ativa em Sergipe inicialmente através do comércio com os povos nativos, já nos primeiros anos após o “descobrimento” (muitos pesquisadores e historiadores preferem chamar de chegada), e alguns outros até falam em invasão dos portugueses) bem como antes da colonização pelos portugueses, que, efetivamente iniciou em 1549, ano da nomeação do 1º governador-geral do Brasil, Tomé de Souza que, em março de 1549, empreendeu a construção da primeira capital, Salvador na Bahia.

De forma específica, em Sergipe, a presença francesa não só iniciou o comércio de exportação dos recursos naturais como o pau-brasil, pimenta, algodão, como também foi protagonista de um processo de miscigenação com os nativos influenciando diretamente na formação étnica dos sergipanos como afirma José Calasans:

Foram os marinheiros de França, famosos traficantes de pau-brasil, os primeiros homens brancos que entraram em contacto com os índios de Sergipe. Os franceses iniciaram não apenas a nossa história econômica- com exploração da madeira de tinturaria, aqui existentes em quantidade e da melhor espécie, mas também a mestiçagem - meninos alvos e sardos, filhos de franceses e tupinambás, aos quais se refere o cronista Gabriel Soares de Souza.(CALASANS,1942)

Se, pelos escritos dos portugueses, reconhece-se que os franceses ficaram em Sergipe por 50 anos e, se foi em janeiro de 1590 que Cristóvão de Barros expulsou definitivamente a gente francesa, ela estava, portanto, em Sergipe desde 1539/1540. A presença destes navegadores franceses, a princípio, tinha um cunho eminentemente comercial, como afirma o historiador Felisbello Freire.

Sergipe tornara-se um ponto de pousada dos piratas franceses que, rechaçados de outros portos, ai se refugiavam, para mercadejar com as naturais riquezas com quinquilharias. A hábil administração de Mem de Sá ressentia-se da falta de não ter levado a luta aos franceses até Sergipe, pois antecipava um acontecimento de alto valor à colonização das duas capitanias do norte. Sem essa medida tiveram os franceses tempo de sobra para melhor prepararem-se em Sergipe. (Freire,1977) **PÁGS?????**

Entretanto, cabe salientar que, rotular os franceses de Piratas que mercadejavam é uma contradição, pois piratas não comercializam, roubam. Bem como, classificar de quinquilharia os elementos inerentes a uma comercialização, na forma de escambo, fere diretamente a classificação de importância do material comercializado entre as partes, ou seja, o que classificamos como quinquilharia no juízo de valor dos habitantes nativos possuía tamanha importância que justificava o comércio. É bem verdade que, classificar algo como útil ou não útil, esta diretamente ligado aos interesses das partes envolvidas. Algo considerado como lixo para alguns, é ouro para outros, desta forma rotular como quinquilharia o material do escambo é uma inferência no mínimo preconceituosa.

Ademais, a partir do próprio conceito de comércio internacional, observa-se a importância do estudo do tema. Após o período mercantilista, no século XVI, o estudo sobre o comércio internacional foi intensificado em decorrência da constatação dos países sobre a importância do comércio e das finanças internacionais. Cumpre destacar que os Estados verificaram que a prática comercial no âmbito internacional produzia vantagens significativas em função da possibilidade de utilização de recursos de uma forma mais eficiente.

Para Maria Thetis Nunes, — Os franceses disputavam com os portugueses o comércio ultramarino no Brasil, Guiné e Taprobana²⁴, que estes lhes queriam fechar entretanto:

Após o fracasso, reagiram aos prejuízos que a concorrência francesa, nos mercados da Europa, trazia ao comércio da madeira tintorial, empreendendo a conquista das regiões onde o perigo da pirataria era maior, o que sucedia, em grande

24 Atual ilha de Sri Lanka, chamada na época ilha de Ceilão. Não contrariando a Professora Thetis e complementando seu pensamento, podemos dizer que é correto afirmar que a ilha de Ceilão era bem uma disputa comercial, mas entre os portugueses e os holandeses; a presença francesa foi, na época, insignificante.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Sri_Lanka

escala, no litoral sergipano. (NUNES,1998)

Isso configura uma disputa de mercado, não podendo ser classificada as ações de comércio como pirataria uma vez que entende-se por pirataria a — ação de roubar ou tomar algo, estando no mar²⁵. Dessa forma, os comerciantes franceses efetivavam o comércio com os verdadeiros donos da mercadoria ou seja os nativos, e tinham não só a anuência dos mesmos, como a consideração, pois havia uma relação de amistosidade, elemento inexistente quando se configura o roubo.

Por outro lado, os portugueses apropriaram-se não só dos recursos naturais das colônias, como também das terras, da vida dos habitantes e até mesmo de suas almas, roubando-lhes tudo que os classificava como seres humanos à medida que os queria como escravos. Seguindo esta linha de análise, quem seriam os verdadeiros ladrões?

A relação de paz entre os franceses e os nativos, então designados como tupinambás, ameaçava as pretensões portuguesas de colonização de todo o continente — Brasil uma vez que parecia instalar-se uma colônia francesa em Sergipe e segundo Felisbelo Freire, prejudicaria mais tarde os interesses da capitania da Bahia que auferiria grandes vantagens da ocupação de seu território, porque como parte dos domínios da coroa, não ficava sujeita à nova capitania, como Pernambuco, ao tributo da redízima feita aos donatários.

Essa presença francesa estendia-se desde o rio Real até o rio Vaza barris, e incluía também mais ao norte, a região do município de Aracaju atual, domínio de um dos maiores chefes tupinambás, Serigy, entre o rio Vaza-Barris até o Poxim/rio Sergipe²⁶. Também, entre Propriá e Neópolis, na margem direita do rio S. Francisco, temos de uma maneira difusa os traços da presença de comerciantes e colonos franceses que atuaram durante algumas dezenas de anos no escambo com os tupi-nambás de Pacatuba e de seu irmão Japarutuba. Estas fontes fazem partes do legado dos Jesuítas naquele mesmo local, após 1590.

Podemos perceber o real interesse econômico e político no tocante ao comércio realizado entre os nativos e os franceses, como também a diferença marcante na forma de interação com os primitivos, uma vez que os franceses respeitavam-lhes a cultura e suas crenças religiosas. As tentativas de colonização empreendidas

25 Bueno, Francisco da Silveira, Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1983 7

26 ...Sendo o seu terreno fértil, e o seu comércio pouco, porque a sua barra, além de perigosa, só dá entrada a pequenos barcos, ainda que os Franceses, quando infestavam estas costas com o negócio com o gentio aqui entravam com as suas náos commuas, a tomar carga em meyo, que hião acabar fora da barra. (Texto retirado da Chronica dos frades menores da Provincia do Brasil, por Frei Antônio de Santa Maria Japoatam, Lisboa, 1761)

pelos portugueses foram desastrosas e tiveram consequências avassaladoras para os nativos, concretizando uma preferência pela presença francesa em detrimento da portuguesa, mesmo tendo esta valido-se do recurso da catequese e que demonstrou-se ser tão danosa quanto a guerra, ou às doenças trazidas da Europa, disseminadas, às vezes, intencionalmente objetivando o extermínio de gentios²⁷.

Da parte do governador deveria haver mais tino, para não consentir na precipitação de uma tentativa que levada a jeito, não teria inutilizado o trabalho de pacificação já tão bem encetado pelos religiosos, podendo alcançar a conquista, sem as cenas de carnificina que selaram esse feito de Luiz de Brito. Trava-se a luta com os indígenas. E não obstante o grande reforço que lhes vinha dos franceses e que já lhes tinham ensinado o manejo da arma de fogo, Brito obtém vitória na luta, em que morre Surubi, sendo presos Serigi e Aperipé e mais de mil e duzentos índios enclausurados na igreja de S. Tomé e depois conduzidos para a Bahia, onde todos morrem. (FREIRE, 1977)

Os Portugueses viam como uma ameaça contínua aos seus propósitos, os laços de simpatia que ligavam os nativos de Sergipe aos franceses, com quem continuaram a promover o comércio livremente. Luiz de Brito, em 1575, como representante do governo da capitania da Bahia e na tentativa de colonização de Sergipe, matou milhares de nativos. Entretanto, os Portugueses viram também, além destes laços de simpatia, as riquezas naturais da região, a uberdade do seu solo, e em 1589/1590 deferem uma segunda investida sob o comando de Cristóvão de Barros, que leva a dizimar a presença nativa na região e impingir aos franceses uma série de combates, objetivando sua expulsão da região sergipana sob o pretexto de um iminente ataque à sede da colônia em Salvador.

Se esta circunstância muito influiu para ser Cristóvão quem se pusesse á frente da expedição, a ela reuniu-se uma causa de maior valor- eliminar a concorrência dos franceses com os naturais do Rio

27 Entre 1575 e 1578, o Rio de Janeiro foi governado por Antônio Salema, um jurista, formado em Coimbra, que tinha como principal característica, odiar os índios Tamoios. Salema pretendia instalar um engenho de cana nas margens da atual Lagoa Rodrigo de Freitas, (Lagoa Piraguá). Como essas terras eram ocupadas pelos Tamoios, Salema usou um método traiçoeiro para exterminá-los: espalhou pelas margens, roupas que haviam sido usadas por doentes de varíola. Os índios decidiram vestilas e se contaminaram.

Real, que já assustava a sede do governo colonial, por isso que se preparavam para assaltar a Bahia. Não é uma mera hipótese que aventamos. A asseveração baseia-se em documento irrefragável. (FREIRE, 1977)

Independentemente das “razões” elencadas pelos portugueses para promover uma ocupação das terras entre o rio Real e o S. Francisco, jamais justificaria o Genocídio e o Etnocídio aqui realizados, configurando duas grandes vertentes metodológicas: de um lado uma possível colonização francesa baseada no comércio, na amizade, na paz e na miscigenação, e por outro lado, a colonização portuguesa baseada na violência, usurpação, escravidão e genocídio. Não nos cabe classificar quem é o “herói” e quem é o “bandido”, entretanto cabe ressaltar para quem a vida humana tinha um significado maior.

Embora os franceses tivessem permanecido por meio século em Sergipe, a marca dessa presença não passou de vestígios e não possibilitou iniciar a organização de uma vida social, de um trabalho de colonização, em que se refletisse um plano político, por ter sido impedidos face às constantes interferências portuguesas. Contudo, cabe ressaltar que os franceses, que aqui aportaram no século XVI, eram somente colonos e comerciantes, não faziam parte de uma armada francesa, e conseqüentemente não tiveram o apoio do Reino da França pelo fato de serem seguidores de Jean Calvin (huguenots)²⁸ como afirma o Pe Luiz Gonzaga²⁹

A França ainda se mantinha oficialmente católica, portanto não havia soldados franceses, mas colonos franceses, contrariamente ao que sucedeu algumas dezenas de anos depois no caso da França Antártica em 1555 no Rio de Janeiro, assim como no caso da França Equinocial em São Luiz do Maranhão em 1612.

Segundo Freire, os franceses comercializaram com os nativos o pau-brasil, algodão e pimenta da terra, produtos que abundavam nas zonas dos rios Real, Vaza-Barris e Cotinguiba. Entretanto, os nativos dedicavam-lhes as naturais simpatia e lealdade, considerando-os como herdeiros e sucessores de Maire-monan, individualidade da teogonia tupi. Por isso, eram chamados por eles de Maïrs. Contudo, a presença dos franceses transcende o aspecto físico perpetrando a dimensão mitológica,

28 A origem da palavra “huguenot” não é clara. Há quem diga que deriva de Besançon Hugues, líder da revolta em Genebra. O biógrafo de Jean Calvin, Bernard Cottret, afirma que “huguenots” vem de “confederados” (em francês “Eidguenot”, derivado do Suíço-alemão Eidgenossen, ou confederados, expressão designando as cidades e cantões helvéticos partidários da Reforma).

29 Discurso inaugural do Cristo Redentor de São Cristovão feito pelo Pe. Luiz Gonzaga Cabral S.J. em 1926. Documento pertencente ao Instituto Tobias Barreto.

não só no que tange à religião, mas também às figuras e aos feitos que permanecem vivos no imaginário popular.

Segundo José Calasans, de acordo com o pensamento de Gilberto Freire, os franceses deveriam ter, no Brasil, exercido influência de sangue e de cultura, no sentido sociológico da expressão. Em Sergipe, parece ter sido bem significativa a influência do sangue, como também a cultural gerando em alguns momento grandes conflitos de interpretação. Citaremos ainda uma vez o cronista Gabriel Soares:

[...quando se iam para França com suas naus carregadas de pau tinta, algodão, etc...deixavam entre os gentios alguns mamelucos para aprenderem a língua e poderem servir a terra, quando tornassem da França, para lhes fazer seu resgate os quais se amancebaram na terra, onde morreram, sem se quererem tornar para França, e viveram como gentios com muitas mulheres, dos quais há hoje muitos seus descendentes que são louros, alvos e sardos e havidos por índios tupinambás, e são mais bárbaros que eles...] (SOARES,1971)

Observa-se portanto, que os franceses que apareciam em Sergipe não seguiam o rígido princípio calvinista, de não haver nenhum contacto com a mulher índia. Antes pelo contrário. Deixavam-se levar pelas imposições dos desejos. Calasans ainda afirma que os homens de negócios viam na mestiçagem a melhor política, uma maneira de ligar seus interesses à gente da terra selvagem. Desta forma, esse contingente inicial de mestiços não deve ser esquecido.

Para José Calasans, Simão Dias Francês, uma das figuras mais discutidas e mais interessantes de Sergipe colonial, vaqueiro, meio lendário, deve de ter sido um dos descendentes franco-tupinambás. O único cuja existência chegou até nós através de uma lenda colhida pelo Dr. Joaquim de Oliveira e comentada pelo historiador sergipano Lima Junior. Segundo a tradição, ele tinha olhos gázeos sombreados por bastas sobancelhas grisalhas. O nome lhe viera do pai, um aventureiro que escapara do morticínio de 1586. Segundo uma das versões, era filho de um francês que desertara das fileiras dos índios de Muhapena, em 1590 por ocasião da luta contra Cristóvão de Barros e se fora refugiar nas grutas da serra de Cajaíba. Dessa forma, a lenda configuraria a existência de um descendente franco-tupinambá.

É mister portanto, mantermos as devidas proporções quanto à importância do fato histórico e do mitológico, contudo, não se pode negligenciar a força que este mito tem uma vez que mantêm-se vivo até os dias de hoje.

Dando continuidade à linha de raciocínio sobre a influência

da civilização francesa em Sergipe, somos obrigados necessariamente a abordar o problema da mestiçagem ocorrida no estado. É notório a presença de homens claros, de olhos azuis e loiros que encontramos em nossa terra. Segundo José Calasans a crença popular faz alusão, geralmente, que se trata de descendentes de holandeses do século XVII. Contudo, observamos nos trabalhos de Joaquim Ribeiro, que este contesta a crença popular. Capistrano de Abreu, aliás, sem contestar expressamente a influência holandesa, escrevera, no Prefácio do Diário de Pero Lopes, que o número de pessoas de cabelos loiros ainda existentes na zona do nordeste revela a forte influência da mestiçagem brasilo-galicana.

O tema carece de um tratamento mais adequado tendo em vista os grandes avanços da genética, contudo é incontestável a influência francesa nos primeiros tempos, no momento ainda prevalece à hipótese de que ao lado do loiro descendente do holandês, segundo a crença popular, deve figurar o tipo regressivo do francês que aqui esteve no primeiro século da colonização, sem negarmos também a contribuição de alguns elementos vindos da Lusitânia.

A influência francesa em Sergipe nos séculos seguintes toma uma dimensão ideológica, pois no século XVIII com a revolução francesa, os ideais de libertação que obtiveram na França uma projeção mundial, repercutira em nações e em todas as colônias, dentre elas o Brasil, nos movimentos revolucionários de reformas e contra reformas como a Inconfidência Mineira em 1789, tomando como referência o cenário nacional, e a emancipação Política de Sergipe que se configura em definitivo no ano de 1822.

Freire afirma que “a revolução francesa ecoava profundamente no país”. Naquele ano, o governador escreve ao seu delegado, chamando-lhe a atenção para defender a capitania de qualquer invasão inimiga. Observa-se portanto, que as autoridades portuguesas mantinham a preocupação de barrar a entrada no Brasil não só da presença física do povo francês como também do seu ideário, tão nocivo a permanência da política monarquista imperial.

Vale a pena destacar que, como desdobramento do movimento liberal tão ascendente na Europa, Portugal sofrera influências diretas e por consequência da revolução do Porto³⁰, repercute no Brasil os movimentos de emancipação. Sergipe não poderia ficar de fora, naturalmente, e justamente neste momento de tumulto político, é que adquire sua emancipação. Entretanto, para reverter as ações da capitania de Salvador que anulara a emancipação sergipana e combater um dos últimos bastiões de Portugal no solo brasileiro, D. Pedro I vale-se dos serviços de um

30 Em 1820, a Bahia aderiu à Revolução Constitucionalista do Porto e a Junta Governativa que assumiu o poder determinou a reincorporação da Comarca de Sergipe à Bahia.

francês, Pierre Labatut, dito Pedro Labatut³¹, (Cannes, 1768 — Salvador, 1849). Ele foi um General francês que combateu na guerra de independência dos Estados Unidos ao lado do Marquês de La Fayette e depois na guerra de independência no Brasil.

Impossibilitado de desembarcar no litoral baiano ante a presença vigilante da esquadra portuguesa, a esquadra desembarcou em Maceió. De lá, Labatut dirigiu-se a Recife ampliando as tropas. Comandando a vanguarda do denominado Exército Pacificador, chega às margens do rio São Francisco. Efetivamente, para ali o Governo de Sergipe, chefiado pelo Brigadeiro Pedro Vieira de Melo, fizera marchar os destacamentos disponíveis na tentativa de impedir a junção das tropas de Labatut com os patriotas baianos. Após a adesão de várias províncias ao governo do Príncipe Regente a situação muda, e Labatut atravessa o Rio e chega a 18 do mês de outubro em São Cristóvão. (NUNES, 1989)

Observa-se portanto que, mais uma vez, um francês mesmo na condição de um soldado contratado, pega em armas no território sergipano para defendê-lo da cobiça portuguesa sediada em Salvador³².

Ainda no século XIX no seu terceiro quartel, percebemos a presença do ideário francês, norteando o pensamento de figuras ilustres do cenário sergipano, embora não tenha sido em Sergipe o teatro de onde essas ideias se propagaram, tendo sido em Escada (Pe) ou no Rio de Janeiro; contudo podemos constatar a força dos sergipanos ilustres.

Admitindo-se a existência de uma literatura de características nacionais, devemos constatar a presença de várias figuras dos

31 Venceu os portugueses na Batalha de Pirajá, batalha esta decisiva na rendição dos portugueses na cidade de Salvador. Combateu também na Revolução Farroupilha contra Davi Canabarro, seu batalhão chegou a Passo Fundo dizimado em setembro de 1840. Pedro Labatut recebeu ainda em vida o título de Marechal-de-campo. Deixou o serviço ativo em 1842 e faleceu em Salvador na antiga rua dos Barris, via que teve o nome mudado para o de rua General Labatut. http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Labatut

32 Tendo servido na Europa, na Guerra Peninsular, esteve posteriormente na Colômbia, ao lado de Simon Bolívar, com quem não se entendeu bem. Foi para as Antilhas e depois para a Guiana Francesa. Veio para o Brasil, onde, no Rio de Janeiro, foi contratado e admitido ao serviço do Príncipe Regente D. Pedro a 3 de julho de 1822, no posto de brigadeiro, em razão da carência de oficiais no exército recém-organizado. Organizou o chamado Exército Pacificador, nome provavelmente sugerido pelo ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros, José Bonifácio de Andrada e Silva.

pensamentos filosófico e científico nesta mesma literatura, tal é o caso, por exemplo, de Immanuel Kant, o qual esteve presente nesta literatura e desempenhou, por vezes, papel político não pequeno, seja na presença de ideais liberais ou na luta contra concepções positivistas (Comte, Littré) importadas da França e que mais tarde se mesclariam em definitivo com nossos hábitos políticos e culturais, em especial, a partir das contribuições de Júlio de Castilhos (1860-1903).

Os países latinos, como Portugal e Brasil, tinham os olhos sempre voltados para a França, de forma que ao aparecerem textos sobre Kant em língua francesa, e na medida do interesse naquele momento, pela corrente liberal, tais textos foram de pronto utilizados por pensadores nesses países.

Dentre estes pensadores podemos citar Tobias Barreto ao criar movimento denominado de “Escola de Recife” conota ao positivismo francês uma nova dimensão. Miguel Reale mostra como, na realidade, desde o início, o movimento positivista tinha se posicionado fora do mundo dos juristas, enquanto cultor da concepção abstrata do direito e da política que predominou na Revolução Francesa. Deve-se a Tobias a reformulação do curso de Direito no Brasil tendo como base, a princípio, a ideologia francesa.

Outro sergipano de destaque que fez uso da ideologia francesa foi Silvio Romero, que segundo Souza (2001),

expõe um programa de um curso elementar de propedêutica das ciências, disposto em 26 partes dos conhecimentos. Nesse contexto, segundo Souza, Silvio Romero adere às doutrinas da escola de Le Play³³ cujo estudo principal é o da organização da família. A principal divisão ocorre entre “a família particularista e a família comunária para se entender as questões de organização social,

33 Le sociologue Frédéric Le Play (1806-1882) se distingue parmi les auteurs du XIX^{ème} siècle grâce au développement d’une méthodologie de recherche à propos des travailleurs européens. Dans cet article, on examine la position de Le Play dans l’histoire de la sociologie, sa conception de la famille ainsi que sa profonde connivence avec les résultats de ses recherches, sous la forme d’un dialogue avec quelques-uns de ses lecteurs du XX^{ème} siècle. La méthode des monographies des familles voudrait, comme le suggère son nom, connaître les conditions de vie des travailleurs dans différents pays d’Europe prenant comme point de départ l’accompagnement de la vie quotidienne de quelques familles. On cherche ici à montrer comment la construction de concepts, méthodes et techniques d’inventaire et d’analyse des données a permis la reproduction systématique de ses observations, effectuées soit par lui-même soit par ses tenants. Pour sa méthodologie, la famille occupe le centre des attentions, aspect déterminant pour des générations de chercheurs en sciences sociales et en histoire qui reviennent à ses études.

política e econômica”.

No livro “o Brasil Social e Outros Estudos Sociológicos”, editado pelo Senado Federal no ano de 2001, faz referência a um comentário de Clóvis Beviláqua:

Em filosofia, Sílvio fora positivista, com Littré, inclinara-se para o criticismo de Kant, e, afinal, evolvera para o evolucionismo de Spencer, conservando, sempre, a sua autonomia mental. E, quando os estudos sociológicos o fizeram adotar o método da escola de Le Play, Tourville, Demolins, Rousiers, Poincard, não lhe aceitou a orientação filosófica, nem o ponto de vista religioso.

Outro ponto importante da ideologia francesa expressa no pensamento lepeliano seria a de que Sílvio apega-se à metodologia proposta por Le Play para entender as questões de organização social, política e econômica, necessário se faz que seja feita uma grande pesquisa, tomando como característica a quantidade de trabalhos, chegando a apontar a necessidade de que se desenvolva em todas as áreas, a realização de “duzentas ou trezentas monografias” para compor um quadro completo do conhecimento da realidade nacional.

No século XX, a participação francesa na cultura sergipana torna-se mais efetiva com a criação da Associação Cultural Franco-Brasileira “Aliança Francesa de Aracaju”, com a participação determinante, em 1955, da primeira Professora da Aliança, a francesa Monique Rolland, (que veio para Sergipe como professora de música em 1954) junto com nomes ilustres, todos francófilos, tais como Cabral Machado, Antônio Garcia, José Carlos Mesquita Teixeira e outros, e, o fato inovador, a criação do Consulado honorário em Sergipe.

Segundo o Cônsul honorário, Lucien Henri Gaujac, a França sempre esteve presente na história sergipana, e continua sempre somando esforços no sentido do engrandecimento tecnológico, cultural, comercial e industrial de Sergipe.

A França através do seu consulado geral do Recife e vivendo a circunscrição nordeste criou um consulado honorário em Sergipe no ano de 1989, ano do bi-centenário da revolução francesa aprovando o cidadão francês radicado no Brasil, Lucien Henri Gaujac como Cônsul, desde março do mesmo ano. O seu nome foi confirmado pelos Ministérios do Itamaraty e da Justiça Federal em 23/11/ 1989, atuando nos primeiros 5 anos como Vice-Cônsul e como Cônsul nos anos subsequentes, portanto, em breve, fará 20 anos do consulado honorário em

Sergipe. Obedecendo á legislação internacional das Nações Unidas, chamada comumente de Convenção de Viena, elaborada em 1962/1963 e assinada em 1964, foi adotada pelo Brasil em 1967. Os Consulados honorários de qualquer país, são organismos federais reconhecidos por essa lei, essa Convenção, tendo o Brasil participado intensamente até 1964, na sua elaboração, e que foi adotado pelo então governo brasileiro na pessoa do Presidente General Costa e Silva pelo Decreto Nº 61078/ de 26/07/1967. A finalidade maior e a mais nobre, além de muitos aspectos administrativos e proteção aos estrangeiros em particular, é o bom relacionamento e a amizade entre os povos de uma maneira bilateral, pelo viés de intercâmbios nas áreas de tecnologia, da cultura, da agroindústria, da indústria e comércio e turismo, possibilitando dessa forma, um desenvolvimento destas duas comunidades que se irmanam historicamente. Basta citar o parágrafo “b” do artigo 5º (funções consulares) dessa Convenção: “fomentar o desenvolvimento das relações comerciais, econômicas, culturais e científicas entre o Estado que envia e o Estado receptor e promover ainda relações amistosas entre eles, de conformidade com as disposições da presente Convenção”. (Missão que o Cônsul em Sergipe desempenhou com brilhantismo até a presente data, opinião nossa e da sociedade sergipana). Não esquecendo de citar a presença no início do século XIX, de 04 (quatro) Cônsules comerciais franceses, principalmente na cidade de Maruim³⁴, locomotiva econômica e do desenvolvimento sergipano nessa época, sem todavia esquecer do Vice-Cônsul do Uruguai acumulando com a representação da França, o dinâmico empresário Joseph de Narbonne (alias citado como José Narboni) que, em 1860, recebeu junto com as autoridades da província de Sergipe o Imperador Pedro II e sua esposa Tereza Cristina em Aracaju. Vale ressaltar também, que esse francês colaborou e ajudou na fundação da loja maçônica Cotinguiba em 10 de novembro de 1872. (Dados colhidos do trabalho do Jornalista Luis Antônio Barreto publicado no artigo “Estrangeiro em Aracaju I” em 16/03/2006.) (Trechos extraídos da entrevista concedida pelo Cônsul, em setembro de 2009, no Consulado da França em Aracaju)

34 Inventário Cultural de Maruim escrito pela Professora Maria Lucia Marques Cruz e Silva em 1994

Seria injusto não citar, quando falamos em Educação, o colégio “Notre Dame de Lourdes”³⁵ que, durante 70 anos, ensinou a quatro ou cinco gerações de jovens sergipanos. Quando das inspeções periódicas da irmã Diretora, Madre Marie-Blanche da ordem das Sacramentinas, cantava-se a “Marseillaise” para recebê-la.

Porque não falar do pequeno Colégio Saint- Exupéry que, em 1992, novembro exatamente, foi inaugurado para atender a “jovem guarda” sergipana com o ensino “à la Française”. No primeiro semestre do seu funcionamento em 1993, ele alcançou mais de 60 alunos enquanto a “Petite Ecole Consulaire” de Recife, com todo o apoio do Consulado Geral de lá, não conseguia ultrapassar os 20 alunos durante muitos anos desde sua fundação.

Porque esquecer e não lembrar da presença francesa do Padre — operário Pierre Averan, que se dedicou aos bairros pobres e periféricos de Aracaju, e cuja magnífica missão foi cepada pelo ortodoxismo de Roma!

Sem falar ainda do Padre Norbert Turini, hoje Bispo, que trouxe para o interior do estado, 20 jovens estudantes secundaristas e universitários da cidade de Nice, para conviver em pequenos grupos com famílias camponesas, dividindo assim as alegrias e tarefas diárias extenuantes que enfrenta essa gente simples, trabalhadora e orgulhosa.

Outrossim, queremos ressaltar a presença ainda em Sergipe de alguns — soldados franceses da educação, esquecidos hoje, mais que marcaram de forma expressiva a época na qual professaram em Aracaju. Gostaríamos de citar por exemplo, porque foram exemplos de educadores, os ex-diretores da Aliança Francesa, Jacques Ramondot, Gérard Boyer e Joël Canezin.

A presença francesa no pensamento sergipano reflete-se também na Pedagogia quando adota os princípios de Piaget, e a adesão de vários historiadores pela corrente da escola de annales que se formou em torno da revista “Annales d’histoire économique et sociale”, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1928.

Com efeito, vemos a participação direta, ou indiretamente dos franceses em Sergipe, ao longo de sua história, participação esta que, pelo viés apresentado, denota uma busca constante a valores morais nobres como a LIBERDADE, a IGUALDADE e a FRATERNIDADE. Acreditamos nos embates de ideais que, algumas vezes, os sergipanos buscaram a tese e em outras vezes a anti-tese, a exemplo do discurso, em mangas de camisa, de Tobias Barreto,

35 O Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1903 em Aracaju pelas Religiosas Irmãs Sacramentinas com sede em Valence (França). Provido de pessoal docente escolhido dentre os principais da França ministrará o ensino primário integral em escolas graduadas sob a imediata inspeção de sua Diretora, tendo encerrado suas atividades em 1973. Nunes Thetis, História da Educação em Sergipe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 16

quando este criticava a trilogia do movimento revolucionário francês.

Contudo, este é o percurso do conhecimento e da formulação da síntese, que geralmente consolida o pensamento de um povo, naquilo que o identifica culturalmente. No tocante a nós sergipanos é esta busca de um sincretismo ideológico que molda a nossa sergipanidade.

Devemos sim reconhecer que precisamos reescrever a História de Sergipe por um viés que consolide a verdadeira participação do povo francês, que fisicamente atravessando o Atlântico derramou sobre o solo sergipano seu sangue, suas lágrimas e o seu suor, como também do pensamento francês que teve, tem e terá grande importância na formação cultural do povo sergipano, e que, para tanto, deveremos creditar-lhe o valor necessário, extirpando de vez a conotação nefasta de piratas e contrabandistas, cantada e decantada em histórias divulgadas sob o viés do colonizador.

Necessário se faz que a Verdade seja dita, e possamos desta forma, no século XXI, resgatar os verdadeiros valores de um povo que, há tantos anos, fez questão de demonstrá-los, embora a história oficial francesa, não dê a devida valorização da colonização pacífica que ocorrerá no século XVI em Sergipe.

O tema em estudo requer, naturalmente, um aprofundamento maior principalmente com referência ao quarto quartel do século XX e início do século XXI. Neste recorte temporal, a presença francesa em Sergipe acentua-se vertiginosamente com a participação direta do Consulado em vários projetos. Podendo-se observar o sucesso em alguns, e o descaso em tantos outros. Contudo este tema será abordado detalhadamente em vários outros trabalhos que, em breve, serão apresentados à sociedade sergipana.

REFERÊNCIAS:

- Antônio Paim**, História das idéias filosóficas no Brasil. 1a. edição. São Paulo: Grijalbo/Edusp, 1967
- Calasans, José**. Aspectos da formação sergipana. Artigo publicado na revista nº16 do IHGSE, 1942
- Abreu, Capistrano**. Capítulos de História Colonial (1500-1800). 6a Edição. Revisado, anotado e prefaciado por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro, Briguiet, 1976.
- Carvalho Lima Junior** – Município e Cidade de Simão Dias – in Ver. Inst. Hist. Coleção Biblioteca Básica Brasileira – O Brasil Social e Outros Estudos Sociológicos, Senado Federal, 2001 F. Freire- História de Sergipe .Vozes, Petrópolis, 1977
- Sousa, Gabriel Soares**. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971, .
- Gilberto Freire** – Um engenheiro francês no Brasil, Patrimônio

Histórico Nacional Rio de Janeiro, 1939 21

Nunes, Maria Thetis, Sergipe Colonial I, tempo Brasileiro/ Universidade Federal de Sergipe, 1989.

....., História da Educação em Sergipe, . Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984

OLIVEIRA, Silvério da Costa. Reflexões filosóficas. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997. “A Escola de le Play no Brasil” (1906) -- transcrito de Provocações e Debates.

LEITE, Serafim S.J. História da Cia. de Jesus no Brasil. 10 volumes. Lisboa, Livraria Portugália, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938, vol. VI, p. 258.

SOUZA, Francisco Martins de - Prefácio in: ROMERO, Silvio. (Org.) O Brasil social e outros Estudos Sociológicos. Brasília, Senado Federal: Biblioteca Básica Brasileira. 2001.

Silvio Romero, “Ensaio de Filosofia do Direito”, in Silvio Romero, Obra Filosófica. Introdução e seleção de Luís W. Vita. Ed. José Olímpio, USP, 1996

INSTITUIÇÕES NAS QUAIS FORAM REALIZADAS AS PESQUISAS:

- Instituto Tobias Barreto (ITB)
- Museu do Homem Sergipano (MUHSE)
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)
- Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)
- Consulado Honorário da França em Sergipe.
- Biblioteca Pública Epifânio Dória
- Memorial de Sergipe da UNIT
- Arquivo Público Estadual de Sergipe

FLOR POÉTICA

²Gustavo Aragão Cardoso*

Na esfera ritmada da arte, faço-me em cores;
cores lexicais e polissêmicas, tão logo sou plantada
no solo da página passiva e dos pensamentos fecundos.

Eis que, num instante excelso,
sou a flor de sentimentos cálidos,
que se desfolha impregnada de intencionalidades.

Povo a página antes sem graça
e dou-lhe alma, sopro e massa.

Sou a flor que se faz de sonhos
para incitar pensamentos e versos.
Sou flor rara de exóticas feições;
espécime em extinção no mundo,
onde os homens temerosos tornam-se mudos.

Sou flor que explode,
por meio de palavra, sentimentos maduros
de um ser mnemônico, que vislumbra
as manhãs do tempo com olhos que não são os seus.

Sou flor composta de pó, ética e som;
sou o ritmo primitivo da alma admirada
do homem perdido em palavras.

DOENÇAS OU SAÚDE?

36 João Freire Amado*

Eu poderia falar de saúde ao invés de doenças. Seria mais lógico e também mais animador. Quando, numa conversa, alguém só fala em doenças parece que tudo vai para baixo. O pessimismo permeia o diálogo e se o ouvinte está com boa saúde, parece-me que, a partir daquele momento, converte-se em um doente. É como se produzisse uma transferência de toda uma carga negativa, como se houvesse sido dada uma sugestão hipnótica ao interlocutor.

Medicamentos, chás medicinais, mazelas, exames laboratoriais entre tantos outros procedimentos médicos, ao serem mencionados, dentro desse discurso de enfermidades, incrementam mais ainda essa carga negativa.

O grau de pessimismo, se fosse possível mensurar, agigantasse sobremaneira quando, no entrosamento da conversa, cada um dos falantes procura suplantar o outro na quantidade de enfermidades ou de males. A conversa fica “doente” e, outrem que os ouve não consegue suportar o campeonato das doenças, que em dado momento se desenvolve mais ou menos desta maneira:

— Estou com o colesterol muito alto e a minha pressão anda na casa dos 16. De uns tempos para cá, venho sentindo uma dor de cabeça tão aborrecida que parece não ter remédio que me faça melhorar. À noite, não consigo dormir direito, ouvindo um zumbido que não passa. Parece até que tem uma cigarra dentro dos meus ouvidos.

— Ah! Não fale não! A minha artrose tem me atacado muito. É uma dor terrível nas juntas e, para completar, não ando tendo firmeza nas mãos. Quando caminho um pouco, os joelhos me doem bastante. Já cansei de passar tanto “gelol” sem ver resultado nenhum. Queima um pouco, sabe, melhora um tiquinho e depois a dor torna a voltar. Dá até raiva, quando ouço os filhos ficarem dizendo que é reumatismo, doença de velho e que eu tenho de me conformar.

E o diálogo prossegue:

— De uns tempos para cá só tem aparecido doenças em mim. A minha casa parece até uma farmácia. A prateleira de remédios está cheia deles. Não há bolso que aguente, pois o preço deles nas alturas e subindo sempre, enquanto que a aposentadoria... Lá embaixo.

— Agora, a minha vista está péssima. Tenho que trocar de óculos, urgente! Acho que o grau já não está dando mais para mim. Mas, olha, na semana passada peguei uma gripe danada. Pensei até que era dengue. Encostou uma tosse!.. Também, com tamanha frieza deste inverno!...

— Também não estou com a vista boa. Preciso ir ao oculista para trocar de óculos, senão daqui a pouco perderei a visão. Já não estou enxergando direito para ler uma revista. É uma dificuldade para ver as letrinhas... A sorte é que nas revistas tem figuras. Para completar, como você, também tive uma gripe muito forte no mês passado. Custou-me muito obter a cura. Quase me arrependi de ter ido no sábado passado ao “Shopping”. Havia tanta gente gripada por lá, fiquei até com medo de ter uma recaída. Você sabe, eu tenho alergia ao ar condicionado, principalmente em ambientes muito cheios. Mas, que fazer? Tenho de ir às compras, visitar as lojas, ver as novidades, passear e me sentir ainda com vida.

— E por falar em alergia, sua irmã ficou boa do problema das mãos? Acho que aquela alergia vem do sabão em pó ou então da água sanitária que ela usa. Bom seria se ela usasse luvas.

— Ela melhorou um pouco. Passou a usar sabão de coco, sabão de pedra mesmo e parece que diminuiu o sofrimento. Ela nunca mais me deu notícias sobre isso...

E a conversa, cada vez mais doentia continua:

— O que você acha dessa vacina de gripe desse governo? Eu nunca me vacinei, mas no próximo ano vou me vacinar no Posto de Saúde da Prefeitura. No começo falaram que essa vacina dos idosos era uma invenção do governo para acabar com os velhos e que ela não fazia efeito nenhum. Pelo contrário, diziam que dava gripe em quem estava são e olhe, que se velho não tomar cuidado pega pneumonia e aí então, adeus!

— Eu não duvido de nada. Por isso mesmo, é que eu gosto muito de um chazinho de limão com mel de abelha. Eu não dispenso vitamina C e própolis. Você sabia que tem também um chá de amora que falam ser muito bom para diabetes? Até dizem que funciona como reposição hormonal nas mulheres. Qualquer hora dessas vou começar a tomar desse chá para experimentar.

— Mas você não sofre de diabetes. Para que tomar esse chá? Eu sim, que poderia tomar, pois venho controlando o açúcar há mais de 2 anos. De repente, isso pode me livrar de ir tanto aos médicos.

A interlocução gira somente em torno de doenças e o rosário vai-se desfiando, numa competição doentia, em que o pronome eu predomina o tempo todo. Cada interlocutor fica aguardando o momento certo para retomar a sua fala, quebrando o monopólio da palavra imposto pelo falante.

No entanto, quando se fala em saúde, álcool e cigarro não têm espaço. Brotam logo os conselhos sobre a alimentação saudável, os exercícios físicos e as boas horas de sono. As caminhadas. As benditas caminhadas que produzem vigor físico e bem estar são lembradas com prazer.

Comenta-se sobre a perda de peso decorrente de uma dieta alimentar equilibrada e de exercícios corporais frequentes. As viagens,

os passeios, o conhecimento de novos lugares e pessoas sugerem alegria, e as leituras agradáveis, os bons filmes, os bons momentos vividos afastam qualquer pensamento doentio. Não se ouvindo falar de doenças e achaques, o diálogo é travado em um patamar despreocupado e prazeroso.

Cada dia é um novo dia, cheio de vida, saúde e felicidade. A conversa flui tranquilamente e sente-se um bem estar em falar com pessoas com “alto astral”. O seu semblante denota todo um prazer de viver, de se estar bem com a vida, com a família, com os amigos e porque não dizer, com Deus também. Chega a ser gratificante escutar-se: “você está vendendo saúde”. Entende-se, é claro, estar sem doenças, sem males físicos, sem negativismo, longe de médicos, de farmácias e de outros expedientes incomuns para a manutenção da saúde. Importante o que diz Pedro Bial: “Saúde e Paz, o resto a gente corre atrás.”

Aracaju (SE), 22.07.2009/13.07.2011.

A INFÂNCIA DE OUTORA

37Marta Hora*

A vida, leque de momentos. Meu pensamento implode no mês de dezembro. Concentro-me nas procuras e na ampla vontade de ser criança.

Caminho tranquila numa passarela de uma feirinha de natal. A noite se faz presente. Várias tendas armadas, cada uma com nome de igrejas. Uma quermesse era organizada por senhoras da sociedade a fim de angariar dinheiro para suprir as necessidades das paróquias e dos padres. Moças da elite eram convidadas a ajudar nas vendas e a dançar o Pastoril. Naquela época, as paqueras eram apenas olhares e os famosos bilhetinhos sem assinatura deixavam as jovens com tremenda ansiedade.

Recordo-me de um deles, enviado a uma amiga:

“Moça de cabelo dourado
 Você pensa que é bonita
 Mas é muito mais bonita
 Do que você pensa.”

É hora de dançar. O Pastoril é uma dança interessante e evolutiva. Duas fileiras feitas: em um lado, moças com vestidos encarnados, e no outro lado, a dos vestidos azuis. Todos rodados e armados por duras anáguas de goma. Nas cabeças, por enfeite, chapéus ou laçarotes prendiam flores, dando-lhes um toque especial.

As primeiras moças das duas filas dançavam com as últimas em sentido contrário. No término da dança, todas cantavam Noite Feliz. Dessas atrações nunca participei. Minhas idas à feirinha eram exclusivamente para brincar na roda-gigante, no tradicional carrossel do Tobias, na onda, que quanto mais alta, mais gritos de prazer eu dava. Os barcos puxados por cordas, num vai e vem de destaques maravilhosos.

Alguém me chama. Meus pensamentos não mais voltados para a feirinha e sim para o dia 24 de dezembro. Dia de ganhar presentes. A janela aberta e os chinelinhos debaixo da cama bem juntinhos era o sinal da visita do bom velhinho. Também naquele tempo natalino, eu improvisava um palco na varanda com peças teatrais tiradas das revistas Tico-Tico. Faziam parte do elenco, amigas da redondeza. Sempre sucesso de bilheteria! Faturávamos uma boa grana! Revertida em guloseimas.

Um barulho de fogos me fez recordar dos festejos juninos: as fogueiras apadrinhadas, os milhos assados na brasa, os fogos,...

Várias crenças existiam. Simpatias de namoro. Manter uma bacia com água e colocar um barquinho de papel no meio e ao seu redor vários papéis enrolados como palito com os nomes dos futuros namorados. No término da brincadeira ninguém nem lembrava os nomes escritos. Furar o tronco da bananeira à meia-noite, com uma faca virgem, façanha muito temida, pois tínhamos receio de encontrar “almas do outro mundo”.

Pela noite a dentro, mais brincadeiras: o chicotinho-queimado, amarelinha, onde está o anel e a roda com suas canções: ciranda-cirandinha, a rosa-vermelha... “Se essa rua se essa rua fosse minha, eu mandava eu mandava ladrilhar, com pedrinhas com pedrinhas de brilhante, para o meu para o meu amor passar...”

Hoje, qual a criança que brinca de roda? Quase nenhuma! Qual a criança que sabe fazer um balanço e se deliciar numa galha de árvore de seu quintal? Fazer um cozinhado comemorando o batizado de sua boneca com um fogão improvisado no chão, com três tijolos sustentando pequeninas panelas de barro?

Hoje tudo mudou. As moradias em apartamentos, os brinquedos eletrônicos, o computador, solvem os cânticos da roda, ressecam a candura da infância, deserdam da criança o direito aos sonhos.

POEMAS

CEMITERIAL

³⁸Hunald de Alencar*

(Robalo, 26/01/2013)

1- No Cemitério dos Náufragos,
A morte é mais que perfeita:
Ninguém reza, ninguém reza
Por entre cruzes cruzadas
E grama de baionetas.

Ainda conta a água
Os três segundos noturnos
A fugir desesperada.
Brotam olhos de escotilhas,
Vingam flores descarnadas.

Noite tão densa e líquida
De si mesma água e sombra
Que nem mesmo a penetra
Todo o sol com sua lâmina
E duelar não consegue
Com as baionetas da grama.

Dessa água enterrada,
Emerge o silêncio aos vivos:
No Cemitério dos Náufragos,
Não há túmulos – mas abrigos.

2 - Nos Cambuís (Cruz Vermelha),
Cruz Vermelha (Cambuís),
Trabalha pouco a terra:
Da própria morte, os órfãos,
Pouco ou nada do que mortam.

Nessa areia indigente
Dos Cambuís (Cruz Vermelha)
Cruz Vermelha (Cambuís),
São os buquês que florescem
Dos próprios mortos daqui.

Sem parente ou aderente,

38 * Atual ocupante da Cadeira nº 10 da ASL

De tão fiel a esse nome
Dos Cambuís (Cruz Vermelha)
Cruz Vermelha (Cambuís)
O morto aqui é enterrado
Transitório, entre parênteses.

3 - Há cemitérios no Centro
Confundidos com a cidade:
Raros, velhos casarões,
Ruelas de quitinetes,
Inquilinos dos baldios
Que até posseiros fossem
Dos defuntados vazios.

Pra onde foram as visitas
Com os buquês anuais
Salpicados por pardais?

Por que emudece o portal
A cinza de sua chama?

Só a noite estende ao casal
A passarela das damas.

Mas pra onde vão as visitas
Das frases já apagadas?

Pra um cemitério maior
De condomínio fechado
Entre flores exclusivas.

Em redes de terra cultivam
Todo o mar de sua vista,
São mais que simples mortos:
Elegantes veranistas.

4 - Muito longe dessa heráldica,
O silente ritual:
Alguém que guarda um retrato
Mas com moldura de terra,
É cemitério mais íntimo,
Mais que íntimo, é quintal.

UM SONHO³⁹Luzia Nascimento*

Eu sonhava...
Instalava-me em imagens
Comprazia-me tão bem nelas
Que depois encontrava dificuldades
Em me recolocar numa realidade de frente
E, com frequência, decepcionada,
Começo a imaginar que por trás
Dessas massas de árvores intermináveis,
Há uma hostilidade indefinida
Vou me desgastar por antecipação
Melhor esperar e não pensar.
Oh, este vermelho!...
É possível sonhar com esplendores assim?
Transporto-me a um sentimento de admiração,
Mergulho num deleito quase sobrenatural,
Farto-me com abundância de cores.
Onde a luz e a sombra rivalizam-se.
O vermelho, o amarelo e o rosa chamejam,
Contra o fundo bronzeado da vegetação,
Emaranhado de espinhos pretos e cor de ferrugem,
De onde, exala um hálito tépido,
Com odor de terra molhada.
Violenta demais, exaustiva demais,
A alegria das noites em que meu corpo,
Ressuscitado, reencontrava o impulso
Do desejo.

INTERROGAÇÕES

⁴⁰Gizelda Santana de Moraes*

Onde a clareza
A certeza
Perdidas nesse momento?

Será o sono,
O microfone
Ou o medicamento?

Por que me dói?
Tão físico o coração
Se mesmo toda físico
Não me dói a mão?

Por que decorre desse grito
o grito atravessado
e na esteira dos planetas
navegam tantos nadas?

De onde veio
Essa louca antevisão
De perceber o futuro
Sem ter de hoje os cordões?

40 * Atual ocupante da Cadeira nº 13 da ASL

AQUI ESTOU

⁴¹José Lima Santana*

Aqui estou
Plantado na noite
Qual árvore fustigada
Por torrenciais chuvas de verão
Ou por furiosos ventos de agosto.

Aqui estou
Solitário e combalido
Pelo furor dos tempos
Tentando ser forte
Como a árvore
Que embora vergada
Jamais há de ser abatida.

Aqui estou
Receptáculo imaginário
Do mel
Que flui dos teus lábios
E que outrora avidamente
Era por mim recolhido.

12/02/2000

O PRANTO INCONSOLÁVEL

À minha esposa Maria

⁴²João Oliva Alves*

Eu sei,
Sei que vou chorar,
Se você morrer antes de mim.

Eu sei, sei que vou chorar
Inconsolavelmente
Se o meu coração, já envelhecido,
Não encontrar mais o pulsar do seu...

Se num dia desses,
De sonhos ou de luto,
Os meus olhos, nunca mais
Divisarem o seu vulto querido.

Sei que vou chorar.
Sem ter mais consolo...

Sei que vou chorar inconsolavelmente...

Quando
Sentindo as horas se esgotarem
Na duração da minha busca, eu
Só encontrar o vazio

Sei,
Sei que vou chorar
INCONSOLAVELMENTE.

42 * Atual ocupante da Cadeira nº 24 da ASL

E VIVA OS NÚMEROS!

⁴³Maria Lígia Madureira Pina*

1
2
3

Matemática ...
Terror de muitos,
Prazer de poucos.
Mas, sem a famigerada
Nada se conta na vida.
Somar, diminuir
Multiplicar e dividir,
Operações que nos envolvem
Desde os anos dourados da infância:
Quem tem mais bola de gude,
Mais bonecas, mais carrinhos
Quem os tem menos...
Quem salta mais alto
Quem possui mais selos no álbum
Quem tem mais figurinhas
Para trocar... e por ai vai,
Vida a fora... E já adulto:
Quanto vai pagar pelo alimento
E o colégio, e o material didático
Para os filhos... Que pesadelo!
Se for a crédito, quanto de juros vai pagar?
Engenheiros, cientistas, arquitetos
Quanto em cada obra vão gastar?
E os governantes ... deputados
Senadores e ministros,
Quantos bilhões de Erário irão embolsar?
Sem a matemática, nada se faz
Nada se constrói
Nem para o bem, nem para o mal.
E mais ... Sá a Matemática e a Música
Tem linguagem universal.

43 * Atual ocupante da Cadeira 27 da ASL

BOMBA DE NEUTRONS

⁴⁴Carmelita Pinto Fontes*

Esse cheiro de guerra
Essa fome de morte
Esse aviso de espera
Esse névoa encenada

A bomba planejada?
Ou a bomba pronta
Excitando a hora
Do prazer do dedo
No botão maligno?

Metástase do ódio
Deflagrada no corpo
Do mundo
Que parece são

É a bomba que vai destruir
Estes corpos estas folhas
Estes peixes estas asas
.....

Ficará a sede do partido
Sem fonias
Sem sentido

Ficará o edifício da ONU
Sem nações
Sem união

Ficará a lei dos direitos humanos
Sem homem
Sem pretensão

Ficará a praça de São Pedro
Sem piedade
Sem peregrino
Sem santidade

44 * Atual ocupante da Cadeira 38 da ASL

Ficará notre dame de paris
Sem cantochão
Sem lágrimas
Sem conversão

Ficará o pensador
Pensando sempre
Na inocência
De Rodin

Ficará o anjo do sorriso
Sem outro riso
Sem rosto vivo
Preso no seu

Ficará a peta
Olhando a face
Carbonizada
De outros cristãos

Ficará a sexta sinfonia
Sem recital
Sem ouvidos
Sem pastoral

Ficará o noturno número dois
Silenciado
Na noite única
Sem funeral

Ficará a mona lisa
Inviolada
Em seu sorriso
Sem tradução

Ficará a ronda da noite
Dentro de outra
Que o homem constrói
Para morrer

.....

Nem mais bomba
Nem botão
Nem a hora
Para o dedo
Sem prazer

.....

Este orgasmo de guerra
Este tédio de morte
Esta agonia de silêncio
Esta apoteose de nada.

É NOITE

⁴⁵Ives Gandra da Silva Martins*

É noite. À minha amada este soneto
Componho sem momentos de cansaço,
Quando o tempo dos versos faz-se escasso
Como bandas de música em coreto.

O costume da frase teve danos,
Igual folha varrida em tempestade.
Restou-me apenas, nua, esta verdade
Que me segue, silente, pelos anos.

Quero-te muito, mãe de meus seis filhos,
Mulher de meu amor, sem convenção.
Conduze-me assim sempre o coração
Como um trem conduzido por seus trilhos...

É noite. À minha amada, em próprio punho,
Componho este soneto, sem rascunho.

BIO DIVERSIDADE

⁴⁶Maria Lígia Madureira Pina*

Santuário da natureza
Ainda intocada
Pelo homem fera...
Nos galhos floridos
E aconchegantes
De árvores gigantes
Aves chocam os ovos
Em ninhos fabricados
Com carinho
E esmero.
Santuário da Natureza
As fêmeas prenhes
Esperam a hora...
Ninhal..
Ovos que se partem
Ventre que se abrem...
A Natureza fluindo
E refluindo
Eternizando-se
Em plenitude
E biodiversidade
Pantanal.

46 * Atual ocupante da Cadeira 27 da ASL

A VERDADE DO JARDIM

⁴⁷Ives Gandra da Silva Martins*

A verdade de tudo silencia.
Nem antes. Nem depois. Apenasmente.
Há traços escondidos pelo dia,
Iluminando em tom crescente.

O cansaço do tempo preludia
O repouso de todos. Todamente.
Nem sempre, o prelúdio, todavia,
A pura imagem resta diferente.

O que vale, porém, a descoberta?
A justiça bem manda que no fim
Não se cubra este bem, que não desperta ...

A verdade de tudo é sempre assim,
Estrada escura, incômoda e deserta ...
Por isto creio mesmo no jardim.

ICONOGRAFIA

Entrega da Medalha Sívio Romero



Jacome Góis da Silva, Dirce Nascimento e Estácio Bahia Guimarães

Entrega de Placas Honoríficas pela Academia



José Sebastião dos Santos e Gilton Garcia

Entrega de Placas Honoríficas pela Academia



Luíz Eduardo Oliva e João Oliva

Entrega de Placas Honoríficas pela Academia



Adauto Machado e Marlene Calumby

**Comemoração dos Oitenta anos
da Academia Sergipana de Letras**



Luzia Nascimento, Jácome Góis da Silva, Estácio Bahia Guimarães, Luiz Fernando Soutelo, Maria Lígia Pina, Gizelda Moraes, convidados

Publicação Oficial da Academia Sergipana de Letras
CNPJ. 13.089.347/0001-02
Rua Pacatuba, 288 - Centro - CEP. 49010-150
Aracaju - Sergipe

DIRETORIA

PRESIDENTE
JOSÉ ANDERSON NASCIMENTO

VICE-PRESIDENTE
MARIA LÍGIA MADUREIRA PINA

SECRETÁRIA
MARLENE ALVES CALUMBY

TESOUREIRO
LUIZ FERNANDO RIBEIRO SOUTELO

DIRETOR DA BIBLIOTECA
DOMINGOS PASCOAL DE MELO

Tiragem	100 exemplares
Formato	17x25,5 cm
Tipologia	Bookman Old Style, 11
Papel	Off-set 75g/m ² (miolo) Cartão Triplex 250g/m ² (capa)